

BIBLIOTECA
DO SENADO
FEDERAL

MANUAL
DO
SUBDITO FIEL,
OU
CARTAS DE UM LAVRADOR

Y
326.981
5941
msf
1884

MANUAL
DO
SUBDITO FIEL,
OU
CARTAS DE UM LAVRADOR
A
SUA Magestade o Imperador
SOBRE A QUESTÃO DO ELEMENTO SERVIL.

Extirpare scelus, non extirpare scelestos.

HILDEBERTO DE TOURS.

Misericordiam volo, non sacrificium.

S. MATH. XII, 7.

RIO DE JANEIRO

Typ. e Lith. de Moreira, Maximino & C., rua da Quitanda 111 e 113

1884.

1)

MANUAL

DO

SUBDITO FIEL

OU

CARTAS DE UM LAVRADOR 2)

A

SUA Magestade o Imperador

SOBRE A QUESTÃO DO ELEMENTO SERVIL

Extirpare scelus, non extirpare scelestos.

HILDEBERTO DE TOURS.

Misericordiam volo, non sacrificium.

S. MATH. XII, 7.

RIO DE JANEIRO

Typ. e Lith. de Moreira, Maximino & C., rua da Quitanda 111 e 113

1884

✓
326.981
5941
msf
1884

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número 3355

do ano de 1974

CARTAS DE UM LAVRADOR



AO LEITOR.

Reeditando neste folheto as doze cartas, que, a pedido de alguns amigos, fiz ha pouco publicar, umas no *Jornal do Commercio*, outras no *Brazil* (1), cedo a instancias dos mesmos amigos, hoje secundados até por pessoas distinctas, que só de nome conheço.

Escriptas em horas vagas, ás vezes ao correr da penna, para dia certo e com tempo escasso, ellas revelam em muitos pontos as condições, em que foram feitas ; já pela interrupção, não raro inesperada, do assumpto principal por outro superveniente ; já pelo desenvolvimento escusado de algumas questões somenos, em relação a outras omitidas, ou só de leve indicadas.

Entretanto, como parece que os leitores não deram pelos defeitos ahi confessados, para desencargo da minha consciencia, julgo dever ainda uma vez prevenil-os contra as surpresas, que poderão ter, relendo a seu vagar as

(1) Sahiram no *Jornal* as tres primeiras, e no *Brazil* as outras nove.

paginas, que percorreram apenas no meio das variadas publicações de duas folhas diarias.

Quem procurar uma apologia da escravidão, ou uma obra de propaganda abolicionista não gaste seu tempo com este livro, que não é nem uma nem outra cousa.

Não é uma apologia da escravidão; porque não ha entre nós quem seja capaz de fazel-a e hoje, mais do que em 1867, poderia a *Anti-Slavery-Conference* repetir: « *In Brazil slavery has never found a party, nor apologists either in the press or the tribune.* »

Effectivamente não temos jornaes nem oradores, que possam com verdade merecer o titulo de escravagista, aliás tão prodigalisado por esses suissos do governo cevados pelo Thesouro, instrumentos do servilismo com pretensões a paladinos da liberdade, os quaes á força de máos expedientes tornam odiosa uma boa causa, que melhor defenderiam limitando-se a pugnar pelo direito ideal dentro do direito positivo.

Quem duvidar compare a linguagem do *Brazil* e do *Diario do Brazil*, tidos e havidos pela propaganda como órgãos da escravidão, com a do *Telescope de Columbia*, do *Squatter-Sovereign*, e do *Richmond-Enquirer* (2) ou a do proprio Sr. Andrade Figueira, apontado como um typo do intransigente, com a dos defensores della na grande republica norte-americana.

Essa comparação, feita sob qualquer aspecto, collo-

(2) Claude Janet *Etats Unis Contemporaines* c. 2^a pag. 69.

ca-nos a este respeito muito acima daquelle povo singular, e tão superior a nós, sob tantos outros pontos de vista.

Não é tambem um livro de propaganda abolicionista; porque esta não tem razão de ser onde falta-lhe outra correspondente, em sentido contrario; — antes é urgente oppor-lhe barreiras para que, á falta de correctivo, não ultrapasse das raias do honesto, do justo e do possivel.

Toda a resistencia entre nós reduz-se á escolha do meio pratico de levar a effeito uma reforma social, sobre cuja necessidade estam de accordo quasi todos os interessados; ao ponto de por ella terem feito de motu proprio cerca de dez vezes mais do que o poder publico.

Dahi o ciúme ou a inveja deste, que parece revoltar-se ante a idéa de ser mero órgão do paiz, e forceja a todo o transe por fazer imperial uma obra grandiosa, que está sendo e devia ser exclusivamente nacional; pois temos estadistas capazes de deprimir todo o Brazil aos olhos do estrangeiro, para pôr em evidencia a estatura gigantesca do chefe do Estado, e... sam liberaes!

Com esses estadistas S. M. faz tudo quanto quer e como quer, sob a direcção espirital de meia duzia de sabios ou charlatães da Europa—arranjadores de planos abstractos, senão commerciaes, imaginados a milhares de leguas do imperio por quem não conhece-o, nem tem muita razão para preoccupar-se com os resultados desastrosos dessa experiencia decisiva, em via de ser tentada na *anima vili* do Brazil.

A lei de 28 de Setembro de 1871, executada lealmente, e seguida de algumas medidas complementares, poderia, graças á acquiescencia, com que foi recebida, e á cooperação espontanea dos mais interessados na permanencia do

elemento servil, realizar em trinta annos a supressão de uma instituição tres vezes secular, e fazer pacificamente a melindrosa transição do trabalho escravo para o trabalho livre, cousa difficilima e nunca vista.

Uma dessas medidas, por exemplo, o meio compulsorio de coagir o liberto alforriado com a clausula, ou mediante contrato de prestação de serviços, a cumprir seu contrato, teria feito em prol da emancipação muito mais do que o respectivo fundo ; talvez tanto como a liberalidade particular, n'uma terra onde o salario annual de um criado equivale á media do preço das alforrias judiciais.

Nestas condições todos os escravos desejariam fazer um negocio, que os libertasse por dous annos de serviço, e nenhum capitalista recusaria fazer uma obra de caridade, empregando seu dinheiro ao juro quasi fabuloso de 50 % annualmente.

Essa medida habilitaria além disso muitos fazendeiros a irem convertendo, pouco a pouco, suas fabricas em colonias de libertos, pois muitos delles fazem menos questão de possuir escravos do que de contar com trabalhadores certos para continuarem nos seus estabelecimentos, depois de extincta a escravatura.

Isso está entrando pelos olhos do senso commum ; mas não póde occorrer aos sabios estrangeiros, que desempenham a funcção de directores espirituaes do genio encyclopedico e omnipotente, que nos governa, como entende, e em cuja alta sabedoria já está decretado que não temos braços nem capitaes bastantes á vida nacional, nem podemos havel-os senão da Europa e por obra e graça do nosso paternal governo.

Assim, se não é o absurdo, que reina governa e admi-

nistra no Brazil, como pretendia José de Alencar, é um socialismo pesado, myope e inepto, que, se não arripiar carreira, hade levar-nos dentro de pouco tempo á bancarrôta e á revolução, apesar desse côro perenne de escriptores laudivomos, surgidos com o 6 de Junho dos escaninhos do Thesouro para as colmnas da imprensa.

Não falta quem attribua isso á má vontade do soberano a um partido tradicionalmente fiel, que ha pouco ajudou seu adversario a fazer uma reforma importante, apesar da resistencia da corôa ; mas no seio desse mesmo partido elle poderia encontrar uma metade capaz de suffocar a outra, e a vingança, tomada por mãos fraticidas, seria mais saborosa para um coração magestático.

Quanto a mim prefiro explicar o facto pela fraqueza inevitavel de um rei tão parecido com Jorge III e provavelmente exaustão—já no physico por uma actividade tão admiravel como improductiva ; já no moral pela multidão de estudos, a que se applica sem descanso, desde a primeira infancia, no dizer dos que o conhecem mais de perto.

Este pensamento transparece nas cartas, que vam adiante, e em que procurei ferir sem dó os abusos do governo, poupando as pessoas dos governantes, a começar da do chefe do Estado, que, por sel-o, não deixa de ser homem, nem, por consequencia, digno do respeito, que devo a todos, sem exceptuar os abolicionistas, convencidos ou não, que hão de descompor-me pelas verdades, que lhes digo, e alcuñar de escravocrata a quem pede uma Constituinte para fixar o termo e determinar o modo de extinguir-se a escravidão, sem exorbitar das vias da legalidade.

Concluindo julgo do meu dever confessar que, creado no meio de escravos e como senhor de escravos, não tenho

á escravidão esse horror comico e simulado, de que se mostram tão possuidos os conversos recentes do abolicionismo imperial, não ; combato-a mais por convicção do que por zelo, e prefiro que ella continúe mais algum tempo a que acabe proximamente, por uma luta, em todo o caso perigosa, e póde bem ser que sangrenta.

Confesso ainda que, embora filho de lavrador, não sou lavrador, nem tenho escravos. Quando tive-os nunca tolerei que me chamassem — meu senhor —, e tenho feito pela liberdade delles muito mais do que esses falsos apóstolos, que não tem para dar-lhes senão palavras vãs, ou conselhos perversos.

Não confesso tambem o meu nome, porque não importa ao leitor, a quem bastará saber que elle não é nem dos que desacreditam as maximas, que pregam, nem dos que communicam autoridade aos erros, que vulgarizam.

Sobre isso pode ficar tranquillo.

PRIMEIRA CARTA.

Senhor,

Queira V. M. Imperial permittir que o mais humilde membro da classe mais ameaçada pela propaganda revolucionaria, que está convulsionando este paiz, deponha aos vossos pés, não direi suas queixas, porque elle não ousa tanto; mas as suas apprehensões sobre o estado da lavoura e das outras industrias dependentes della, e sobre o futuro tanto de umas como da outra.

Releve Vossa Magestade o estylo, porque a necessidade não conhece lei, e o escriptor apenas recebeu a instrucção secundaria, que procurou completar com leituras amenas, principalmente das obras de Eugenio Sue.

Esta circumstancia explicará certos cacoêtes, de que se hão de resentir minhas cartas, e de que Vossa Magestade me não fará carga; porque todo rei deve ser magnanimo, e todo o sabio indulgente.

Apezar, porém, das doutrinas do meu autor predilecto, cedo verifiquei que isso de conservadores e liberaes no Brazil eram modos de dizer, ou methodos de opposição ao governo,

e, como os meus parentes já andavam mettidos com os primeiros, reuni-me a elles e fiz-me conservador, mesmo porque tinha alguma cousa que perder e a gente só póde ser liberal sem restricções, quando tem o pão certo, sem trabalho, como os altos funcionarios, ou chega á condição de proletario.

Infelizmente meu pai fôra lavrador; e já pelo exemplo, já pelo habito, abracei a mesma vida, na qual por desgraça, e hoje contra a vontade, ainda me conservo.

Mas, naquelle tempo, a alça do café, objecto principal da minha cultura, permittio-me comprar algumas dezenas de escravos das centenas de milhares, que o norte exportava para o sul á procura de bom preço e eu, pobre aldeão, que suppunha o negocio tão licito para quem comprava, como para quem vendia, empreguei nelles o melhor de minhas economias reunidas, sabe-o Deus com que trabalho e á custa de quantas privações.

Felizmente o pessoal, que escolhi, era bom e sadio, e produzia quanto bastava para fazer face aos juro do capital que custou-me, e á uma amortização gradual, ora maior ora menor, conforme o anno.

Veio, porém a baixa do café e, como uma desgraça nunca vem só, seguiu-se-lhe a molestia do cafeeiro, que obrigou-me a mudar de residencia, desequilibrando todos os meus calculos e illudindo todas as minhas previsões.

Entretanto das minhas difficuldades nada sabiam meus escravos, e o maneio da fazenda continuou pacifico e regular, como se nada tivesse havido lá por fóra.

Ultimamente, porém, depois que os sabios da Europa começaram de interessar-se por nós, e de travar amizade com uns brasileiros patriotas, que lá andam fazendo reputação á custa de seu paiz, comecei tambem de sentir diffe-

rença nos modos e diminuição no trabalho dos meus fanulos e, emquanto eu estudava a causa para prover o mal do remedio, ausentáram-se de uma vez cinco, sem despedirem-se de mim; quatro para um quilombo proximo, e o quinto para os asylos da côrte.

Esses primeiros *emigrantes* tiveram logo outros imitadores. um dos quaes, sendo apprehendido, foi pela primeira vez castigado, com alguma severidade, mas sem excesso, o que, não obstante, ia-me custando um processo crime, se o subdelegado não fosse lavrador, como eu e, além disso, meu compadre.

E' desnecessario accrescentar que as deserções continuáram e, eu vendo que a cousa podia ir muito longe, resolvi o que antes de mim haviam feito os antigos senhores dos meus escravizados:—vende-los pelo que podesse e ficar com o producto, para comprar outros bens.

Entretanto, Senhor, não achei quem os quizesse; não encontrei a menor offerta, nem por miúdo, nem por atacado.

Atribui a difficuldade da venda á falta de terras boas para serem aproveitadas por quem comprasse os escravos, e annunciei a fazenda, que é excellente, fabricada como estava.

Desta vez appareceram varios pretendentes; porém, o que mais dava, offerecia por tudo 40% do custo da terra, que não representava sequer metade do custo dos escravos.

Só então Senhor, tive consciencia do meu estado, comprehendí que não restava-me nem sequer 20% do que eu suppunha possuir, e, depois de longos dias de reflexões, cada qual mais triste, procurei o subdelegado, narrei-lhe o occorrido e pedi-lhe auxilio para ir buscar os meus fugitivos no quilombo. O compadre ouviu-me complacente, compartilhou

das minhas apprehensões, mas...declarou que a cousa era muito grave, para ser tentada em favor de um adversario politico!

Cahi das nuvens diante desta razão. Debalde procurei convence-lo de que neste negocio nossos interesses eram os mesmos e a nossa causa era *commun*. O homem pretende alforriar uns escravos de *sobresalente* que possui, no dia dos annos da princeza imperial, conta mudar de nome por isso, e não quer comprometter-se com a propaganda.

A' vista disso fui á villa expor o facto e pedir providencias ao delegado, que é homem de posição feita e de muito saber. S. S. reconheceu sem difficuldade meu direito mas...confessou-me que não tinha força.

Não desanimei, com a resposta e levei minha reclamação ao juiz de direito da comarca. Este deu-me tambem carradas de razão, mas...declarou que não tinha competencia.

Disse então, commigo mesmo, que ninguem devia fiarse em justiça de roça e de villa; que o verdadeiro era vir beber á fonte, e aproveitar a occasião para levar da côrte o meu asylado, que estava domiciliado perto do paço de V. M. Imperial.

Vim para isso e procurei o chefe de policia, que ouviu-me a historia até o meio, e interrompeu-me, dizendo que eu requeresse, provando o meu dominio, a minha identidade, a do escravo, o logar onde elle estava, e não sei o que mais.

Fiquei atordoado com aquelle rosario de exigencias; mas, para não perder a viagem, satisfiz a todas.

Infelizmente, emquanto eu exhibia na casa da policia as minhas provas, sahio della mesma um aviso para o meu asylado; de modo que, ao chegarmos onde elle estava, não

lhe encontramos mais o rasto, nem noticia do caminho, que levará.

Então vi que era preciso fallar ao ministro da justiça, cousa que não é muito facil; mas sempre se consegue com tempo e paciencia. S Ex. ouviu-me attencioso, coçou a cabeça primeiro, depois a barba e em seguida mandou-me voltar á outra audiencia, dizendo-me o que devia fazer para não ser demorado.

No dia dessa audiencia vim mais cedo, para assignar o livro em primeiro lugar, e, como achei fechada a porta da secretaria, fui dar uma volta pelo Passeio publico, onde comprei um numero da *Gazeta de Noticias*, para matar o tempo, e informar-me do que ia pelo mundo.

Nesse numero vinham publicados os telegrammas, que o ministerio, em seu nome e em nome de V. Magestade, dirigio aos abolicionistas cearenses, congratulando-se com elles pelo modo como acabaram com a escravidão naquella provincia.

Li-os, reli em voz baixa, repeti-os em voz alta, duvidando sempre dos meus olhos e dos meus ouvidos. Depois duvidei da *Gazeta* e esperei o desmentido no dia seguinte pelo *Diario Official*.

Nestas cogitações passou-se a hora da audiencia e, quando dei por isso, já estava resolvido a deixar de parte o ministro, para entender-me directamente com V. Magestade.

Esta vai já bem longa, narrarei o resto nas seguintes.

30 de Abril de 1884.

UM SUBDITO FIEL.

SEGUNDA CARTA.

Senhor,

Um motivo imprevisto superveniente e alheio á minha vontade tem demorado esta segunda carta da serie, que propuz-me a dirigir á V. M. Imperial, para informa-lo de certos factos notorios ao paiz; mas ignorados provavelmente pelo seu governo.

Em minha ausencia appareceu na fazenda, onde resido, um emissario da propaganda a missionar meus escravos, annunciando-lhes o advento da liberdade e aconselhando-os a *emigrarem* para a *terra da luz*, onde poderiam vagar tranquillos pelas ruas da capital, e ficar muito mais á vontade do que no quilombo vizinho, para onde estavam fugindo.

E' facil imaginar com que soffreguidão foi abraçada a idéa e aceita a proposta; mas, como o emissario não havia levado dinheiro para o trem, ficou de vir busca-lo aqui na côrte, enquanto os missionados iam prevenir os quilombolas, e ajustar com elles o ponto de reunião e o dia da viagem.

E' desnecessario accrescentar que os quilombolas não se fizeram de rogados, e resolveram immediatamente seguir a sorte dos outros.

Sucedeu, porém, que o emissario, chegando aqui, não encontrou mais dinheiro disponível; porque já se havia procedido á partilha do *bolo* das *Kermesses* entre os benemeritos da *ordem*, os quaes não esqueceram nem um *amigo ausente*, que lá anda pela Europa, nadando em *saques*, a dar jantares opiparos e receber ovações estrondosas.

Mas, diante dessa difficuldade, a *confederação* ou o emissario não recuou; de modo que este voltou, desculpando-se de não levar dinheiro, mas suggerindo outro expediente, cuja efficacia garantio com varios argumentos e repetidos exemplos.

Esse expediente era, nada mais nada menos, que o de assassinare o feitor e minha familia; apresentarem-se depois ás autoridades e confessarem todos a autoria do crime.

«Dest'arte, dizia o apostolo da liberdade, vocês todos serão condemnados á pena ultima, e o poder moderador, ainda uma vez, commutando-a, como sempre, irão todos para Fernando de Noronha *esperar* os outros, que ham de ir chegando a mais e mais; até que um dia estejam bastante fortes, para tomarem conta da ilha e formarem lá uma republica igual á de S. Domingos.»

Esta idéa, que, proposta em primeiro lugar, talvez tivesse sido repellida, foi afinal adoptada, em razão dos calculos exaggerados, que a curta imaginação dos pretos, atiçada pela propaganda, já havia formado, e só faltava-lhe a execução, quando, graças a dous dos mais velhos e melhores, foi communicada á minha familia, que, chamando-me logo pelo telegrapho, obrigou-me a partir da rua, onde recebi o aviso, sem despedir-me sequer do meu obsequioso correspondente e hospedeiro.

Cheguei, felizmente, a tempo de evitar a catastrophe e de prender o missionario, que, em chegando á villa, pediu e obteve *habeas-corpus* do juiz de direito, o qual, não contente de soltal-o, condemnou-me a pagar o tresdobro de não sei que *custas*, e deixou ainda salvo ao ex-prespo o direito de processar-me, não sei por que crime.

Eis, Imperial Senhor, a ladainha de desgraças, que soffri desde a minha primeira carta; e bem justificada me parece a demora da presente.

Em outra posterior voltarei mais a vagar ao missionario e ao juiz (1); agora, porém, devo completar a historia dos telegrammas expedidos pelo vosso governo aos abolicionistas cearenses, no ultimo anniversario do juramento da Constituição, e publicados na *Gazeta de Noticias* de 22 do mez passado, onde lê-se:

« Por ocasião das grandes festas realizadas no dia 25 de Março no Ceará, foram dirigidos os seguintes telegrammas ao Sr. Dr. Satyro, presidente daquella provincia:

« A emancipação dos escravos de uma provincia guardado o respeito devido á lei e á propriedade, é um facto auspicioso para todo o Imperio.

« Associo-me ao regosijo publico do Ceará pelo modo honroso, com que festejou o anniversario do juramento da nossa Constituição politica.—*Affonso Penna.* »

« Felicito a V. Ex. por estar presidindo hoje a provincia sem escravos, e á provincia pelo novo regimen de trabalho que lhe é aberto pela *ausencia do elemento servil.*
—*F. A. Maciel.* »

(1) A affluencia de assumptos mais interessantes obstou os cumprimentos dessa promessa.

« A' Libertadora Cearense :

« Rio, 25.

« S. M. o Imperador *agradece* as felicitações, *associando-se de coração* a todos os esforços em prol da *emancipação dentro das raias da legalidade*.—*Lafayette Rodrigues Pereira.*»

Entretanto, se V. M. Imperial quer saber como andaram longe das *raias da legalidade* os autores daquelle *facto auspicioso*, queira ler a seguinte confissão, *insuspeita* aos proprios abolicionistas, e inserta em um editorial do n. 85 da mesma *Gazeta* do dia 25 de Março proximo findo :

« Pois bem, não é isto uma illusão ; e o facto ahi está palpavel para quem quizer verificá-lo e estudá-lo, em face dos dados estatísticos.

« Bastou que a escravatura da provincia ficasse *contornada* pela propaganda e posta fóra do alcance do trafico, para que a *fazenda*, que na capital naquella época dava de 1:200\$ a 1:500\$, *em poucos dias* se depreciasse até á *triste offerta de 50\$000*.

« Não esqueçamos, porém, que tudo isso se deve á resistencia offerecida nos dias 27, 30 e 31 de Janeiro de 1881 pelos jangadeiros, que se recusaram a fazer o transporte de escravos em suas jangadas para bordo dos vapores, que os deviam conduzir para o sul, resistencia esta que, depois francamente *insuflada* e apoiada pela Libertadora, deu como consequencia o gravissimo *incidente* de 30 de Agosto do mesmo anno, dia em que nem todas as tropas existentes na Fortaleza, nem todas as ameaças e meios coercitivos de que lançou mão o presidente de então, foram *sufficientes* para obrigar os homens do porto a tomar o remo para conduzir um escravo.

« Desde esse dia, póde-se dizer que o Ceará considerou-se capaz de libertar os seus escravos. »

Nessa passagem ha pelo menos duas inexactidões ; a primeira onde diz que a *fazenda* ficou reduzida a *triste offerta* de 50\$, quando de facto ficou sem valor algum ; a segunda, onde attribue aos jangadeiros o fechamento dos portos da provincia ao trafico, que apenas cessou quando o imposto prohibitivo das provincias do sul foi lançado sobre os escravos importados do norte.

Todos sabem que a principal industria cearense—a criação do gado—é feita exclusivamente pelos braços livres, que desde muito affluíam para ella em numero superior ás suas necessidades, e que, por consequencia, a relativamente insignificante escravatura do Ceará estava reduzida a mero *genero de exportação*, e quasi não tinha outro valor, senão o *commercial*.

Supprimido este pelos impostos prohibitivos do sul, cessou a razão de ser daquella propriedade, e os traficantes, vendo estancada essa fonte de receita, vingaram-se dos seus desconfiados freguezes, depreciando, graças á boa vontade do governo de V. M. Imperial, o mesmo *genero*, que lhes havia vendido.

Dest'arte tomaram uma desforra injustificavel, camparam de liberaes á custa alheia, e ainda procuraram lançar o labéo de deshumanos a nós, que só temos a culpa de havermos comprado, em boa fé e por bom dinheiro, a propriedade, que elles nos offereciam antes de serem, ou para serem depois, abolicionistas. Mas, com o devido respeito, admittida mesmo a versão da *Gazeta*, não nos parecem nada legaes os esforços em prol da emancipação, empregados no Ceará ; porque comprehende V. M. Imperial que, lançado o imposto

de 100\$ annuaes sobre cada escravo, depois de reduzido artificialmente a 50\$ o seu valor, nada mais logico do que o desaparecimento dessa « *propiedade comida pelo imposto.* »

E' como se, por exemplo, o parlamento, conservando intacta aparentemente a dotação de V. M. Imperial, no orçamento da despeza, lançasse-lhe á sorrelfa (o que Deus não permitta) um imposto de 1.600:000\$, no orçamento da receita.

No dia seguinte Vossa Magestade, que, diz-se, só põe mão em dinheiro para da-lo a alguem, talvez não se incomodasse com isso; mas o digno Sr. mordomo com certeza renunciaria immediatamente áquella *renda*, convertida em *onus* pelo imposto.

E ainda nisso haveria uma differença contra os senhores de escravos, e vem a ser que na lista civil o imposto teria sido apenas do *dobro da renda*, ao passo que no escravo foi do *duplo do valor da propiedade*.

Mas não foi sómente o imposto excessivo, que deu cabo da depreciada propiedade escrava na *onerosa* provincia do Ceará, foi o imposto cooperando com o furto e com o terror, espalhado e mantido pelos abolitionistas, postos fóra e cima da lei, com a mais publica tolerancia do governo.

Para prova desta asserção bastará a V. M. Imperial ler na *Gazeta de Noticias* de 17 do mez passado a narração dos festejos da Fortaleza, onde figuraram *urbi et orbi*, como heróes da redempção, e ao lado dos deputados provinciaes J. Serpa, Martins Rodrigues e José Antonio, iniciadores do imposto de 100\$, lançado pela lei de 19 de Outubro ultimo (2), « *Isaac do Amaral e Antonio Bezerra, os terriveis*

(2) A *Gazeta* diz—19 de Dezembro, mas é equívoco; a data da lei é de 19 de Outubro, dia de S. Pedro de Alcantara.

ladrões de negros, e José Marrocos, o autor dos boletins incendiarios, que punham a cidade inteira em movimento ! »

Por consequencia é falso que a abolição do Ceará tenha sido um facto auspicioso para todo o Imperio; é falso que ella tenha guardado o respeito á lei e á propriedade e que, por consequencia, se haja mantido dentro das raias da legalidade, como affirmou o presidente do conselho, em nome de Vossa Magestade Imperial.

E' igualmente falsa a ausencia do elemento servil no Ceará, dada como liquida pelo telegramma do ministro do imperio ; porque é impossivel que tenham sido libertados regularmente e tão depressa todos os escravos de orphãos, interdictos, etc., os das pessoas, que não podiam dispôr dos seus bens, ou pertencentes a donos onerados de dividas, que só poderiam tê-los libertado nullamente, em fraude dos seus credores.

Além disso ninguem ignora que aquella provincia está convertida em territorio de asylo e cheia de escravos de todo o Imperio, inclusive muitos embarcados aqui mesmo, com sciencia, paciencia e talvez auxilio da policia, incumbida de prevenir os crimes nesta terra, onde o furto de escravo é equiparado ao roubo e sujeito á pena de galés.

Dest'arte o que seria um *casus belli*, praticado por qualquer nação estrangeira, e não poderia libertar o escravo fugitivo para o seu territorio, é tolerado, senão applaudido, pelo governo de Vossa Magestade, e considerado legitimo e efficaz naquella terra da *luz e da desordem*.

Em conclusão, não é ausencia de elemento servil o que ha no Ceará, é a ausencia completa da lei ; é a falta absoluta de um representante sério do principio da autoridade, que lá está incarnada n'uma satyra ambulante, que já

satyrisou a provincia inteira com a sua inercia ou cumplicidade, e continúa satyrisando todas as nações do direito, do decoro e do bom senso publico.

Não, Senhor; a historia da abolição no Brazil ainda está por fazer, e é uma divida de honra, que a geração actual deve pagar ás vindouras.

Havemos de, se Deus quizer e Vossa Magestade permittir, carregar a nossa pedra para esse monumento do futuro.

UM SUBDITO FIEL.

7 de Maio de 1884.

TERCEIRA CARTA.

Senhor,

A agitação que o abolicionismo, official no norte e semi-official no sul, semeou pelos nossos centros, quasi despovoados de gente livre, tem-nos collocado a nós outros, senhores de escravos, em tão desesperada posição que nos não deixa o espirito bastante livre para escrever a vagar e medir bem as palavras, que devem ser dirigidas ao unico soberano e sabio desta porção da America, onde o povo não está na altura de comprehender-vos, quanto mais nas condições de bem servir-vos!

Isso tem determinado os longos intervallos destas cartas, que não sei quando poderão ser continuadas, se o forem, com alguma regularidade.

Reatando, porém, o fio interrompido por esta indispensavel razão de ordem, narrarei succintamente o que occorreu, depois de ter feito as considerações expostas na minha anterior sobre os telegrammas do governo de V. M. Imperial aos abolicionistas cearenses.

Fui effectivamente no sabbado seguinte a S. Chris-

tovão, onde sabem todos que Vossa Magestade é mais accessivel do que qualquer inspector de quartirão nos seus dominios, e colloquei-me de preferencia na sala dos pobres, por saber que Vossa Magestade costuma dispensar-lhes mais attenção do que aos ricos agaloados e cheios de distincções, que sóem ser recebidos no corredor dos nobres.

Infelizmente errei a porta da vossa entrada, que não foi a escolhida por mim; de modo que só chegou a minha vez quando uma meia duzia de sanguesugas horacianas já vos havia tomado tanto tempo e enchido vossas mãos de tantos requerimentos e memoriaes que, apenas comecei a minha historia, Vossa Magestade interrompeu-me, dizendo que *já sabia*, e passou a tomar o requerimento de uma velha minha vizinha, que metteu-se entre nós, e sómente deixou-vos, quando chegaram os sete infantes de Lara para discretearem comvosco sobre o bom governo deste mausueto paiz.

Assim, deixei de voltar ao Sr. ministro da justiça, e perdi meu tempo, meu trabalho e meu recado, tão laboriosamente composto e tão necessario, a meu ver, que julguei-me obrigado a fazel-o chegar daqui aos vossos olhos, já que não pude fazel-o chegar aos vossos ouvidos, no proprio paço, onde fui leval-o pessoalmente.

Attendei-me, porém, e julgareis depois da razão por que dirijo-vos estas linhas mal escriptas, mas inspiradas no amor do throno e do paiz, que o sustenta, apesar da desordem, que tudo invade e ameaça por toda a parte, onde resta ainda plguma cousa a demolir.

Eu ia dizer-vos o methodo e os motivos da propaganda, que se levanta furiosa e infrene em nome do direito dos escravos, em odio aos direitos do senhor (que os soffre sem

ter concorrido para a sua triste condição), e apesar da Constituição e das leis, como se estas não fossem a medida da liberdade de todos e a garantia dos direitos de cada um.

E, como foi-me impossivel fazel-o de viva voz, sou forçado a fazel-o destes typos frios e sem vida, cujo effeito, embora repetido uma e muitas vezes, mal póde traduzir a impressão de minha palavra rude e tosca, mas leal e convencida.

Senhor, assim como o calor e a humanidade, transmitem e conservam a existencia de todos os seres vivos, sem o saberem, assim tambem vós tendes creado todo esse abolicionismo, que por ali grassa, estrepitoso e barulhento para vos não passar despercebido, sem o quererdes e talvez sem o suspeitardes.

Soberano unico e incontrastavel de um povo de pretendentes eternos a posições e empregos presentes e futuros, que todos dependem da vossa imperial munificencia, todos os vossos subditos têm como ideal do seu procedimento agradar-vos, ou, em desespero de causa, chamar sobre si a vossa atenção, embora maldizendo de vós e das instituições, que vos sustentam; porque está provado por longa e copiosa experiencia, que este processo é tão effcaz, como o primeiro, e mais rapido do que elle.

Os dyscolos, que como taes se apregoam, sam homens, que se vos offerecem, a seu modo, dispostos a vos acompanhar até aos infernos, se a sagrada pessoa de V. M. Imperial estivesse tambem sujeita, como nós outros peccadores peões, á essa

Pavorosa illusão da eternidade,
Carcere dos mortos e terror dos vivos.

E a vossa indole apostolica, vossos processos evangelicos têm feito disso, a pezar vosso, um negocio appetecivel, que sómente não é o melhor do vosso imperio; porque o abolicionismo acaba de tomar-lhe o sceptro da primazia.

Assim, em vez de constitucional, como vos suppondes, sois de facto um rei absoluto velho e bom, um D. João VI do fim do seculo, como vos fizeram vossos subditos; não porque tenhais usurpado o direito alheio, mas porque todos abandonam o seu, suspeitando que possam desagradar-vos, defendendo-o.

Dest'arte o Brazil official está hoje todo feito á vossa imagem e semelhança, e sua vida inteira resume-se na declinação do unico substantivo Imperador, em todos os casos e sempre no numero singular.

O peso de vossa opinião é tal que, se Aristides—o justo—fosse Brasileiro e vós dissesseis que elle era um scelerado, todos repetiriam: « Aristides é um scelerado » e, o que é peor, o proprio Aristides, quando não o repetisse tambem, ficaria suspeitando que o era realmente. E *vice-versa*, se dissesseis que um dos vossos subditos era o maior sabio do mundo, abaixo de vós, todos os outros o repetiriam em côro, a começar do presidente do conselho; ainda que esse subdito fosse o Sr. Rodrigues Junior.

O proprio Papa não é tão infallivel para os catholicos, como Vossa Magestade o é para os funcionarios e aspirantes a empregos publicos.

Se um larapio de profissão invadissem a horas mortas o paço imperial, roubassem-vos a propria corôa e fosse apanhado com o roubo nas mãos, uma palavra vossa convenceria a nossa policia da innocencia do facto, e essa credulidade policial não ficaria sem recompensa.

Se um louco perverso convertesse a tribuna universal em pelourinho permanente da pureza da donzella, da fidelidade da esposa e da probidade do homem de bem, meia palavra vossa convenceria a todas as autoridades da legitimidade da nova profissão, e aquella que duvidasse disso seria immediatamente supprimida pelas outras, como perigosa e inepta.

Se mais tarde esse mesmo louco denunciasse ao publico um desses muitos cidadãos, que compram fiado e não devem nada, e este bom pagador movesse os defensores da ordem a commetter um assassinato feróz, á face e quasi na casa da policia, um só aperto de mão, desses tantos que V. M. Imperial não regatêa a nenhum dos seus numerosos subditos, teria o effeito de uma amnistia plenaria, ou antes a virtude de uma absolvição quaresmal ao penitente confessado.

Se, ao despedir-se de vós um presidente qualquer, vós o fizessseis dar, puxando-o pela mão, meia duzia de passos para o fundo do corredor dos nobres, e lhe recommendasseis ali alguma cousa á meia voz, poderieis ficar certo de que essa recommendação seria satisfeita promptamente, ainda que para isso fosse mister affrontar a Constituição e as leis, violando todos os direitos do cidadão, desde o de propriedade até ao de vida. E basta de exemplos fantasticos, apenas possiveis, quando vos approvesse, se não fosseis, como sois, um rei correctamente constitucional e escrupuloso.

Nessas condições, que podereis fazer para que este povo se governe, se todo elle, como o rodovalho do Imperador romano, celebrado por Juvenal, vem offerecer-se aos pescadores para ter a honra de ser *utilizado* pelo seu rei e senhor?

A' esta regra abrem apenas, de longe em longe. uma excepção transitoria os liberaes, quando opposicionistas ; mas, agora que elles estão no poder, não haverá receio por este lado, e, como do lado conservador nunca o houve, o verdadeiro é manter o *statu quo* até que aquelle arrebente de indigestão, ou este revolte-se desesperado.

E' portanto baldado procurar uma opinião, que vos guie nesta porção da America, não menos singular pela sua escravatura do que pela sua monarchia.

Ora, um rei constitucional não pôde passar sem conselheiros, e, como aqui não os ha capazes, justo é que os procureis no velho mundo, entre os vossos pares na sciencia e amigos particulares, qualquer dos quaes vale muito mais do que a totalidade desse rebanho, manso como um cordeiro e fiel como um cão, que acode pelo nome de povo brasileiro.

Certos disso os abolicionistas de profissão, que apreçoam-vos seu unico ou principal chefe, vam publicar em Londres suas obras—para inglez ver—e pedir em Pariz aos Hugo & C. que vos fortaleçam na sua fé ; uma vez que *realmente* não tendes confessor, nem acreditais na utilidade desse officio.

Com aquelles expedientes, no exterior, com o 24 de Maio e seus delegados de confiança, no interior, não haja duvida, a posteridade é vossa e vós sereis o Pedro Grande desta Moscovia americana.

E' bom não esquecer, entretanto, que os sabios francezes terminaram seu banquete Kermessiaco dando vivas á Republica ; que os philantropos inglezes, emquanto exaltam vosso liberalismo vam fechando suas bolsas ao vosso paternal governo, e que este caminha entre dous volcões, prestes a

arrebentarem : um na rua do Sacramento ; outro no campo da Acclamação.

Só Deus póde conservar a omnipotencia ; a simples apparencia desta em mãos humanas é indício certo da congestão do poder, e os governos tambem morrem de apoplexia.

Quem vol-o diz não o deseja ; mas receia, como deve receiar

UM SUBDITO FIEL.

29 de Maio de 1884.

QUARTA CARTA.

Senhor,

Diz-nos a Escriptura, que, « onde está o homem está o perigo », mas, ainda que eu sempre houvesse acreditado nella com fé implicita, nunca suppuz que devesse tomar esse texto tão ao pé da lettra, como sei hoje que deve ser tomado.

A minha 3.^a carta ia custando-me uma cousa peor que o *odio do usurpado*, uma intriga policial com o delegado do termo—homem que sempre respeitei, e a quem era obrigado, desde que tive de tratar com elle, por occasião da fuga dos meus escravos, a que referi-me na 1.^a.

Fui hontem ouvir a missa do Espirito Santo, tão celebre pela sua inutilidade eleitoral, quanto pela sua *sequentia*, e, como de costume, fui depois della almoçar com o vigario, que, fiel ás tradições da antiga festa dos imperadores do Divino, reúne sempre, em commemoração do dia, os seus amigos, entre os quaes occupa logar conspicuo o delegado do termo.

No fim do almoço, que, seja dito de passagem, correu irreprehensivel, quer na parte solida, quer na liquida, tra-

vou-se animada conversação entre os convivas, e eu procurei, por minha parte, entretel-a com o mesmo delegado, por ser elle o mais instruido e respeitavel dos circumstantes.

Como todo o autor novato, encetei naturalmente pelo assumpto da minha carta, e fiquei muito desapontado ouvindo-o reproval-a, sobretudo na parte, em que attribui aos vossos subditos a mudança da nossa fórma de governo, — mudança que elle attribue aos caprichos e predilecções pessoaes ou antes aos defeitos da educação politica de Vossa Magestade, creado entre cortezãos e privado dos cuidados paternos na idade, em que elles vos eram mais precisos.

Debalde ponderei-lhe que, sendo o ideal de todos os brasileiros, primeiro um titulo scientifico, depois um emprego publico, depois uma cadeira na camara dos deputados, depois uma cama no senado, mais tarde uma poltrona no conselho de Estado e afinal uma rêde no ministerio, emquanto Vossa Magestade Imperial escolhesse o senador, e nomeasse o conselheiro de Estado, que cobre o ministro, que faz o deputado, nomeia o empregado e ás vezes facilita tambem a aquisição do titulo, havia de ter forçosamente em roda de si um cordão sanitario para a verdade, que só poderá chegar até vós—disfarçada pelas fabulas do Sr. Lafayette, ou importada do estrangeiro, como Vossa Magestade parece preferir.

D'ahi conclui eu que, se cada partido tivesse um chefe só, se só este pudesse governar nas mudanças de situação, se o senador sahisse da urna para o senado, sem fazer escala por S. Christovam; se o conselho de Estado fosse eleito pela camara e a maioria delle preponderasse na

resolução dos actos do poder moderador, que destróe e absorve todos os outros, a verdade, represada longe do throno, obteria *habeas-corporis* e livre accesso ao pé de vós, quando não no corredor dos fidalgos, ao menos no salão dos pobres.

Eu havia bebido estas idéas n'uns *Libellos politicos* e já lisongeava-me de ter vencido meu interlocutor, quando elle, olhando-me com desdem, respondeu-me com gravidade :

« Se a verdade não tem accesso ao pé do throno, é porque os peiores cégos sam os que não querem ver. Os bons se retrahem ; os máos se offerecem e só o capricho ou a preguiça não sabe recusar estes para procurar aquelles.

De quem é a culpa ? Se não ha partidos definidos, é porque não ha programmas, e não ha programmas, porque sam inuteis, porque a experiencia tem mostrado que só se póde governar ao talante do Imperador, e que o Imperador não quer ministros, que sejam capazes de querer alguma cousa por sua propria conta, para poder fazer reformas conservadoras com os liberaes, e *vice-versa*, como tem feito.

O gabinete, que tem a veleidade de resistir, quando suppõe-se forte pelo apoio do parlamento, vê rebentar uma conspiração no seio de uma camara unanime, e, se a conspiração aborta, é sorprendido n'um bello dia, sabendo que tem um successor nascido como Minerva e armado de ponto em branco, á esperar que as camaras retirem-se para annunciar-se ao paiz. . .»

— E porque, redargui-lhe eu, a camara não repelle o governo desse substituto improvisado e de quantos mais viessem depois d'elle, nascidos do mesmo modo, até que a

corôa se visse forçada a voltar ao primeiro, tão descortezamente demittido ?

— Porque seria immediatamente dissolvida, continuou elle, como o têm sido sempre todas quantas têm ousado rebellar-se contra os ungidos da corôa.

— Mas, observou um vizinho, ao ver que eu estava quasi esgotado, a dissolução é o ultimo recurso da Constituição, que só o permite em caso extremo.

— Assim devia ser, proseguiu o delegado, mas assim não tem sido nem será, apezar dessa Constituição, offerecida pelo poder absoluto sobre os destroços de uma assembléa constituinte. Mil vezes antes Sua Magestade dissolverá a camara do que rocusará sanção a um projecto votado por ella, apezar de ser o *veto* um remedio ordinario, e a dissolução um meio extremo ; porque a recusa irrita e póde provocar protestos. A dissolução mata, e homem morto não falla.

— Mas, observou ainda o vizinho, na Inglaterra ha quasi dous seculos não ha *veto*, e ha cerca de um seculo quasi nenhum parlamento completou o seu tempo.

— Porque, replicou o delegado, é muito longa a duração d'elle e não ha na constituição ingleza uma disposição semelhante á da nossa, aliás nos não viria de lá esse exemplo; porque, se aqui as leis sam feitas para *inglez ver*, lá ellas se fazem para serem cumpridas e respeitadas por todos, desde o criado do paço até o herdeiro presumptivo e a propria rainha, que não é o capricho pessoal coroado, mas a opinião publica encarnada na sua mais imparcial personificação.

Lá o simples factu de ser uma reforma suggerida pela corôa seria um motivo de prevenção para o parlamento ;

aqui esse facto é o melhor titulo para que ella transite victoriosa e incolume pelas chancellarias legislativas.

Lá, se a rainha confiasse o governo a um ajudante-general do chefe do seu partido, elle recusaria sem reflectir essa graça, indicando em seu logar o seu chefe;—aqui a corôa tira dos reformados ou recrutas dos partidos os presidentes do conselho, e os chefes não ousando, sequer, murmurarem, levantam as mãos para o céu; porque continuam a governar sem terem a responsabilidade do governo.

Lá ninguem ignora quem será o substituto de Gladstone, quando elle demittir-se do poder, aqui ninguem sabe de que lado virá o successor do Sr. Lafayette, nem se elle surgirá do parlamento, ou dos *quartos baixos* de S. Christovam, na phrase do Sr. Silveira Martins.

Lá a constituição é a lei das leis; aqui ella fala inglez, enquanto o governo conserva a linguagem das Ordenações, ou fala um dialecto mixto, que não é bem o francez, nem o portuguez, e que só elle entende, se é que o entende.

E ia por diante, quando foi mais uma vez interrompido pelo meu vizinho, que disse-lhe :

Então não gozamos de liberdade alguma?

— De algumas, sem duvida, responde o delegado; porém, ora de mais, ora de menos, nunca medida exactamente pela bitola da lei; porque é um dos caracteristicos inseparaveis do governo despotico: a excessiva tolerancia da policia e o excessivo rigor da punição. Elle sabe que pode tudo e que, portanto, chega sempre a tempo, quando chega, antes de voar pelos ares.

Dahi a sua tranquillidade e indifferença habituaes, que somente o deixam para serem substituidas pela violencia, pela fuga, ou pela morte.

Ouvindo isto, não pude mais conter-me e intervim de novo, perguntando-lhe: Então V. S. está republicano também?

— Ainda não, respondeu-me elle; mas não se admire, se eu acabar, onde sóem começar os futuros ministros do segundo reinado. Nunca tive horror á republica e, se optei pela monarchia, é porque parece mais facil satisfazer a um leão do que saciar uma alcatéa de lobos. Mas « *nunquam aliud natura aliud sapientia dicit* »: a natureza não fez ninguem com corôa, e o homem, que nascesse coroadado, não seria rei; seria aleijão.

Depois está provado que a America não sympathisa com os reis, e, no fim de tudo, também sou americano.

Finalmente, se não tivessemos a monarchia não teriamos ainda escravidão; se houvesse vingado o projecto da Constituinte, ha muito que os escravos teriam desaparecido gradualmente, por actos reiterados e successivos do poder legislativo, a quem incumbia essa missão.

Mas era mister popularizar a *Constituição outorgada* entre os traficantes, cujo apoio parecia tão appetecido pelo primeiro imperador, como consta ser pelo segundo o dos abolicionistas, e d'ahi a suppressão do art. 254 do primitivo projecto, cujo abandono, nesse ponto, deixou-nos á mercê da especulação dos agitadores nacionaes, e das suggestões philanthropicas, ou mercantis dos *sabios* estrangeiros.

Entretanto, accrescentei eu á meia voz, parece que é por amor da posse dos seus escravos, que V. S. está de velas viradas contra o seu soberano!

— Até certo ponto tem razão, respondeu-me elle; mas a escravidão é, como a monarchia, um estado de transição, que se não póde mudar de improviso sem grandes pertur-

bações e graves perigos. Entretanto, se o chefe do Estado, e com elle o seu governo entende que pôde sem inconvenientes transformar em um momento nossos escravos em seus subditos, não é muito que seus actuaes subditos queiram tambem, por sua vez, aproveitar esse momento historico para transformarem-se de subditos de Sua Magestade Imperial em cidadãos da nossa patria commum.

Tenho escravos é verdade; mas sabe Deus com que pezar, e juro por elle que seria incapaz de conservar meus semelhantes nessa triste condição, se pudesse transformal-os em cidadãos uteis á patria, de um momento para outro, e se as tradições, os costumes e as leis do meu paiz me não houvessem habituado insensivelmente a fundir nessa especie de propriedade legal todo o fructo de meu trabalho, em que fundei o descanso da minha velhiça, e a herança de meus filhos.

E' máo este estado de cousas? Convenho. E' preciso acabar com elle? Consinto; mas as consequencias de um factio social e collectivo não devem pesar sómente sobre um homem, ou mesmo sobre uma classe; devem pesar sobre todos, como a expiação de uma falta commum. Ora, nós outros, os senhores de escravos, de sobejo temos contribuido para a extincção da escravatura com a depreciação official e artificial da nossa propriedade, e com o dessocego em que tem-nos posto, não os nossos escravos, de que receiamos menos do que do governo, mas os abolicionistas com a cumplicidade do mesmo governo.

Isso não pode continuar.

— E que remedio tem V. S., perguntei-lhe eu, pensando aproveitar a receita?

— Nenhum para manter o *statu quo*, respondeu o dele-

gado, porque, se o governo põe a força publica á disposição do abolicionismo, e, se este consegue insurgir o escravo, fôra loucura combater entre dous fogos ; porém, quando nos convenceremos de que o primeiro interessado na ordem é o agente principal da anarchia, e o ponto de apoio dos abolicionistas, em vez de armarmo-nos contra estes para defender a posição de senhores de escravos, juntar-nos-hemos com elles para acabarmos tambem com a posição do senhor dos senhores : assim a sociedade dará dous passos, em vez de um só, e teremos por nosso turno o applauso e a admiração dos sabios do ultramar.

— E como ? perguntei mais uma vez apprehensivo.

— Convidando Sua Magestade o Imperador a seguir o exemplo de Napoleão Bonaparte, de Pedro I, de Luiz Philippe, e, certo, elle não recusará tão boa companhia, que melhor não pôde haver.

Ouvindo estas palavras, considerei-me despedido da reunião e tratei de retirar-me. Levantei-me, pois, fiz um comprimento geral e disse com muita sequidão ao meu interlocutor :

— Felizmente V. S. é a unica pessoa, que pensa assim ; apezar de armar-se com a fórma da primeira pessoa do plural.

— Está muito enganado, respondeu-me elle ; se duvida, ponhamos a materia a votos.

Pôz-se effectivamente a votos e eu fiquei solitario e triste, como um ministro no dia seguinte ao da sua demissão.

Sahi desolado, arrependido do meu almoço, e o vigario, condoído da minha posição, acompanhou-me até a porta, onde disse-me em tom de quem consola :

— Que quer V. ? Os abolicionistas trazem sempre o nome de Sua Magestade por diante ; dizem que já ouviram-lhe o *quero já*, e V., sabe que quando elle profere-o, não se importa com a Constituição, quanto mais com as outras leis !

— Tambem V., Sr. compadre vigario ? interrompi eu.

— E porque não ? respondeu-me elle com a maior frescura do mundo. A Biblia tambem é republicana. Se ainda não sabia, leia o cap. 8º do 1º Liv. dos Reis. Depois, a influencia soberana tambem tocou-me por casa, no projecto do casamento civil e na questão dos frades, cuja propriedade está esbulhando sem reservar, sequer, o usufructo, que a lei havia respeitado.

— Mas, disse eu, essa questão é com o ministro.

— Qual ministro ! respondeu-me elle. Ministro, que outro ministro nomeia e demitte á vontade ; que não tem o direito nem de propor um presidente para a sua provincia ; que não conferencia mais com o chefe do Estado, e que apenas apresenta-lhe os decretos escapos dos *papagaios* do presidente do conselho, não é ministro para essas cousas ; é mero portador de pasta, e, quando muito, sub-secretario responsavel.

— Pois, volvi eu, V. não acha conforme com o nosso regimen essa supremacia, que tanto eleva o chefe do gabinete ?

— Eleva, sim, tornou elle ; mas eleva um á custa dos outros e apesar da Constituição. Isso seria bom, se o chefe do gabinete fosse indicado pelo parlamento, e se os chefes de partido não fossem nomeados por decreto imperial ; mas no estado, em que nos achamos, não ; porque a corôa chamando o

mais sympathico—sympathisando sempre com o mais docil—armando-o de ponto em branco contra os collegas, e conferenciando a sós com elle, fica muito a commodo; convince-o muito á vontade e não tem testemunhas dos seus caprichos, quando quizer pôr o ministerio ao serviço delles.

Um ministro subalterno, depois da conferencia prévia, não é ministro, não é nada. Melhor fôra que a corôa continuasse a nomeal-os e demittil-os directamente, como outr'ora, e deixasse-lhes a livre nomeação e demissão dos respectivos subalternos, e...

Não quiz ouvir o resto e retirei-me precipitadamente para a casa, afim de confiar ao papel as tristes impressões daquelle dia, emquanto as tinha presentes no pensamento atribulado.

Concluido esse penoso trabalho, Vossa Magestade Imperial pôde bem avaliar quanto carece de reflectir e repousar

UM SUBDITO FIEL.

2 de Junho de 1884.

QUINTA CARTA.

Senhor,

Depois de duas noites mal dormidas sob as tristes impressões, que deixou-me a conversação do domingo do Espírito-Santo, na casa do vigario, resolvi ter uma conferencia particular com o meu delegado, para conhecer a fundo as suas idéas e perscrutar melhor os seus sentimentos, de cuja pureza ficara duvidando, desde aquelle dia.

Hesitei muito antes de resolver o por deferencia á maxima—*Corrumpunt bonos-mores colloquia mala*, que li no Novo Testamento, o melhor conselheiro, que conheço para os dias aziagos da vida, com licença de Vossa Magestade Imperial, que parece não crer nelle.

Ha, porém, tres cousas, de que devemos pedir a Deus nunca deixe-nos duvidar; a fidelidade da esposa, a verdade da religião, e a lealdade do soberano, e a ultima estava em prova.

Havia, além disso, no tom do delegado tanta convicção e tamanha sinceridade nos seus modos, que eu sentia-me

forçado irresistivelmente a procurar a verdade, e tiral-a a limpo, quando mais não fosse, para não incorrer na pécha de cégo da Escriptura.

Assim, pedida a conferencia, marcou-se-lhe o dia seguinte (5) ás sete horas da noite, quando fui effectivamente recebido pelo meu consultor no seu gabinete particular de estudo.

Ahi, a sós com elle, abri-lhe o coração, expuz-lhe as minhas duvidas, e pedi-lhe explicações claras e precisas do sentido das passagens mais audazes e menos verosimeis da sua conversação do domingo anterior.

Depois de ouvir-me com a gravidade de um confessor, respondeu-me elle com a benevolencia de um amigo velho :

— Comprehendo bem os seus escrupulos e receios, como quem já os teve igualmente e custou-lhe muito perdê-los ; mas, não desespere antes de ouvir-me, nem tenha tanto zelo por um *semelhante* que julga-se *diferente* de todos os outros, e superior a todos elles. O zelo é filho da inconstancia e ás vezes pai do odio.

O bom julgador julga os outros por si ; quem é constante não pôde presumir a inconstancia dos mais, e, se presume, não deve aggravar essa fraqueza com a injustiça de irritar-se contra elles, e, o que é peor, de odeial-os, como sóe succeder.

Em toda a dedicação céga ha seu tanto ou quanto de bestidade e de fraqueza de character.

Desgraçado do homem que põe toda a sua confiança n'outro homem ; porque, para pôl-a, é preciso endeosal-o, e, para endeosal-o, é preciso emprestar-lhe qualidades sobrenaturaes, que elle não tem, nem pôde ter.

Por consequencia, semelhante cegueira só é possível a

respeito de um desconhecido; porque o conhecimento, descobrindo a verdade, dissipa a illusão, e, como a imaginação leva tudo áquem ou além das raias da realidade, succede sempre que, quando vem-nos a desillusão, recusamos ao objecto da nossa dedicação anterior até mesmo as boas qualidades, que se lhe não pôde negar.

Previna-se, pois, contra aquelle excesso, tão máo como este segundo, e tranquillize se a meu respeito.

Sou monarchista, como deve sel-o todo o cidadão amigo da legalidade; porque tal é a fôrma de governo adoptada pelos meus compatriotas, cuja maioria, que a sustenta, tem o direito de impol-a á minoria, que a supporta, emquanto a proporção não for invertida.

Por mais inconveniente que ella pareça-me, não sou capaz de impor á força outra fôrma de governo aos meus concidadãos, que pensam diversamente; do mesmo modo que não arriscarei a pelle para defendel-a, quando a maioria quizer mudal-a.

Não julgo máo o homem, que actualmente dirige-nos, e estou certo de que será chorado com lagrimas verdadeiras e amargas; mas, nem por isso, o considero um rei excellente, como a muitos se afigura, embora creia que não podia ser melhor.

Creado no meio de homens, que affirmavam ver estrellas ao meio-dia, quando elle suspeitava ver alguma cousa ao pé do sol, habituou-se naturalmente a julgar do *resto* do paiz pelo circulo, que o rodeava, a suppor que tem sempre razão e que ninguem pôde tel-a sem o seu beneplacito: é o que Bacon chamava *idola specus*.

Leu em menino o *Telémaque*, de Fénélon, e quer copiar Acéstes ou Sesostris, no ultimo quartel do seculo XIX. D'ahi

a consequencia inevitavel: nem Sesostris do Egypto, nem Leopoldo da Belgica, e, em vez disso, um anachronismo singular no continente americano.

Além disso, é ideologo em politica, o que equivale a ser um fanatico em religião, isto é, um homem capaz de um ascetismo suicida, ou de um auto de fé a fogo lento, suppondo que está executando um decreto da Providencia, ou consummando um acto heroico em prol da humanidade.

Finalmente, dado ao estudo da astronomia e da linguistica, firmou a convicção de que o verdadeiro systema politico deve ser como o solar, e ficou tão prejudicado pelas linguas estrangeiras, que não póde crer na verdade de uma doutrina professada em portuguez.

D'ahi suas abstracções politico-astronomicas, dissonantes das necessidades e do estado do seu paiz, que elle estuda pelo telescopio e sua predilecção pelos sabios, que falam e escrevem em lingua pouco accessivel á maioria dos seus subditos.

D'ahi essas *vistas largas*, que tanto têm compromettido o credito e as finanças do Brazil, e que o têm levado a fazer, por exemplo, de um veterinario europeu um medico de gente sisuda, e de um aprendiz francez um sabio do Museu.

D'ahi ainda a sua orientação mental—quasi nihilista—que indul-o a promover a suppressão da religião dos seus avoengos *fidelissimos*, do character sagrado dos laços da familia, da inviolabilidade do direito de propriedade, dos limites scientificos do imposto, do programma dos nossos partidos, e dos principios politicos dos nossos estadistas.

Convencido de que o saber e o patriotismo sam attributos essencial e exclusivamente seus, neste paiz, que não está na altura de comprehendel-o, considera rebeldia toda a resis-

tencia—mesmo aquella, que é indispensavel para haver apoio—e detesta instinctivamente a todos quantos pensam de outro modo, até o dia em que os converte, ou, (o que para elle vale o mesmo), arranca-lhes uma retractação publica; porque julga indignos ou atrasados todos os subditos, que não concordam com o seu soberano em genero, numero e caso, como qualquer adjectivo com o seu substantivo.

Em conclusão, o seu ideal politico resume-se todo nesta maxima fundamental:

Ad exemplum regis totus componitur orbis.

Até aqui as qualidades da pessoa; agora os sestros do officio, que não presumo conhecer bastante; porque penso dos reis como do fogo: muito longe podem fazer falta; á uma distancia razoavel servem muito; muito perto fazem mais mal do que bem, e, como é difficil guardar perfeitamente essa distancia razoavel, na duvida, tenho-me conservado longe do nosso, embora correndo o risco de não conhecê-lo bastante.

Noto comtudo nos que mais se approximam d'elle, e nos que têm nascido e medrado ao seu calor, aquella pallidez característica de que falava Juvenal, referindo-se aos cortezãos (*proceres*) de Roma:

In quorum facie miseræ magnæque sedebat

Pallôr amicitia.

Além disso todo rei tende naturalmente a ser só, como o infinito e omnipotente, como Deus, e, para conseguil-o, procura, como a demagogia, nivelar a estrada do seu carro, tomando por modelo a superficie tranquilla das aguas quietas.

D'ahi essa alliança, quasi sempre perigosa, do leão com a ovelha para dar caça ao veado, ou do alto com o fundo para toldar o meio, e a má vontade dos governos despoticos

á propriedade territorial, para evitar a resistencia, que só o domicilio fixo e a certeza do pão do dia seguinte podem inspirar.

Entretanto, posto que se confundam nos effeitos, não sam os mesmos, nesse afan, os intuitos do rei e os da demagogia: esta quer o nivel da licença para supprimir o poder; aquelle quer a rasoura do servilismo para supprimir a liberdade: chegam ao mesmo fim por caminhos differentes.

Mas ambos elles evitam com cuidado dar ás cousas o seu nome: um invoca o liberalismo e inscreve na bandeira o mote velho, tão sympathico quanto hypocrita — *debellare superbos*; a outra toma por thema a igualdade e considera suspeita até mesmo a superioridade natural: officiaes do mesmo officio, é por isso que se odeiam.

Por outro lado os reis formam uma classe á parte e acima dos outros homens, e, como todas as classes, têm tambem a sua virtude, a sua paixão e o seu prazer caracteristicos: a virtude é a ingratição, a paixão é o medo e o prazer é a vingança — nas duas fórmas communs — ou pela pena material da proscricção, ou pela corda de seda da corrupção, que expõe as victimas, como outros tantos Judas, á irrisão popular.

Assim, ^oaquelle dos nossos partidos, que houver sido mais leal e mais dedicado á corôa, pôde contar com a sua má vontade, como cousa inevitavel e meio de quietação.

Quando os beneficios sam tão grandes que o beneficiado perde a esperanza de pagal-os, elle rompe com o bemfeitor; é um meio efficaz para livrar-se da sua presença, que o incommoda e afflige como um remorso.

Os reis carecem de ser independentes, e a gratidão é

sempre uma dependencia, que fere o amor proprio e pesa muito á realza.

E *vice versa*, aquelle partido que houver sempre promovido o descredito das instituições monarchicas, e atirado mais settas envenenadas no fel da injuria e da calunnia ao chefe do estado, será o preferido para as boas graças e o premiado com o poder, que é a rolha, que mais se ajusta á boca dos descontentes.

Finalmente, se um velho servidor, amigo e provado em todas as crises da vida, ousasse resistir a um rei, embora para melhor servil-o, não ficaria impune por muito tempo; ainda que, á falta de um motivo, fosse mister inventar um pretexto: o pretexto appareceria e seria elevado á categoria de razão politica.

D'ahi, concluo eu, disse-me o delegado, que o *meu* partido ha de fartar-se agora do poder, enquanto o *seu* ha de pagar com lingua de palmo o desaforo de ter concorrido para quebrar-se o mecanismo politico, graças ao qual tornara-se arbitrariamente alternativo o celebre *scrites* do conselheiro Nabuco.

E basta por hoje.—

Basta, repeti eu, tomando folego; V. S. é um homem perigoso, porque préga o erro com o calor de um apostolo da verdade.

— Concordo que possa errar; mas affirmo que sou sincero, disse-me elle, estendendo a mão para receber a minha.

Neste ponto despedimo-nos e voltei para a casa, hesitando se publicaria ou não a summa da nossa conferencia, pelo receio de parecer solidario com as doutrinas della.

Cedo, porém, dissipei esse receio; primeiro, porque não

ha culpa sem intenção e Vossa Magestade Imperial não póde duvidar da minha ; depois, porque isto, publicado em portuguez, não passará desta terra, onde conhecidos e desconhecidos fazem a devida justiça ao criterio e á rectidão de Vossa Magestade Imperial.

Finalmente, espero ainda de outra vez reduzir ás suas justas proporções o *pouco* de verdade que ha em tudo quanto disse o delegado, e que foi provavelmente a causa das muitas injustiças, que elle vos fez. .

Decipimur specie recti ; assim não se engane tambem

UM SUBDITO FIEL.

7 de Julho de 1884.

SEXTA CARTA.

Senhor,

E' escusado protestar que não estou de perfeito acôrdo com o meu conferente e delegado de policia do termo, apesar de reconhecer-lhe uma autoridade e uma illustração, que estou longe de presumir de mim ; mas ha, no fundo de suas doutrinas, alguma cousa, que impressiona-me, e elle cita factos, que se não pôde contestar, porque estam na consciencia publica.

O primeiro delles é que os abolicionistas prescindem, por palavras, escriptos e obras, da legalidade, e que o poder publico applaude-os, ou sómente a medo os contraria.

Ha menos de tres mezes o seu orgão nesta côrte, a *Gazeta da Tarde*, inscreveu na sua bandeira este programma : « quando a lei não fôr de justiça, faça-se a justiça violenta do direito », e n'um artigo publicado sob a epigrafe *A resistencia á abolição*, perguntava :

« Porque não proclamamos desde já a redempção do Brazil inteiro ? Quem ousará resistir ao *Imperador*, á *Familia imperial*, ao *exercito*, á *armada*, á mocidade aca-

demica, á imprensa, e a tudo quanto ha de grande e nobre neste imperio ? »

Em 25 de Março ultimo proclamava-se aqui a libertação *amigavel* de todos os escravos cearenses, inclusive a daquelles, cujos senhores não podiam libertal-os amigavelmente, e a verdade desse *puff* acaba de ser confirmada pela seguinte noticia, que extrahimos do *Diario de Pernambuco* de 18 do mez passado :

« Raymundo Peixoto de Albuquerque, morador na cidade da Barbalha, diz que na villa dos Milagres, do Ceará, na familia Furtado e Cartachos ha crescido numero de escravos, e que seus senhores declaram formalmente que não concedem-lhes a liberdade. Viva o Ceara! Viva a pomada! »

N'outra folha do norte, que temos á vista, lê-se que, tendo fugido de uma provincia vizinha seis escravos para Baturité, não puderam ser apprehendidos pelos emissarios dos senhores, que lá os encontraram, porque as autoridades locais oppuzeram-se formalmente.

Vi ainda ha pouco uma carta de Pernambuco, escripta por um chefe liberal dali a um modesto conservador daqui, da qual deixaram-me extrahir os seguintes topicos : «Tenho reclamado por diversas vezes providencias ao presidente e ao chefe de policia contra os desatinos e crimes dos abolicionistas. Fazem-me mil promessas, e nada de factos. Ultimamente pedi providencias contra o escandaloso embarque de escravos para o Ceará, diante das proprias autoridades policiaes, e sabe V. o que respondeu-me o presidente ? « Que nada aproveitava a repressão no porto do Recife ; porque elles embarcariam em outros portos da provincia. » Contentei-me dizendo-lhe que eu e os meus amigos agri-

cultores ficariamos satisfeitos, se a repressão se fizesse sómente desde Olinda até a Boa Viagem, e que nos outros portos nós tinhamos amigos, em que confiavamos.

« As conferencias abolicionistas sam verdadeiras provocações ao assassinato dos senhores de engenho e de suas familias. Estive presente a que fez no Gabinete Portu-guez um tachygrapho da assembléa provincial e ouvi estas palavras: « para o matto e para os engenhos nada de perder tempo e palavras; mande-se para os escravos bacamartes e balame. » E a policia finge que nada ouve e que nada vê! »

No Amazonas tem havido o que todos sabem, e consta de uma noticia estampada em typo grosso e grande na *Gazeta da Tarde* de 10 do corrente.

Ultimamente o Sr. Theodureto acaba de taxar de novo o preço dos escravos nos seus dominios, fixando o maximo de 300\$ para os homens, e 250\$ para as mulheres, menores de quarenta annos!

Agora, ha pouco, acaba de chegar da Europa, onde andou fazendo reputação á custa de sua patria « ingrata para com elle e para com os seus maiores » o autor do *Abolicionismo*, escripto de encommenda por ordem superior, e ja consta que será candidato ás proximas eleições da côrte (1), apoiado à *outrance* pela classe militar, á cuja frente figura um general da armada, filho de um senador, que é presidente desse Club de Advogados, cujo programma nega peremptoriamente a legalidade da escravidão no Brazil!

(1) A' ultima hora corre que esse *enfant gaté* da politica imperialista será apresentado candidato por Pernambuco, para onde foi mandado preparar as figuras o Sr. Sancho Pimentel, presidente nomeado ha pouco. *Ave Cesar!*

Esse general foi um dos dous candidatos, apresentados pelo directorio militar em 1881, e, depois de indemnizado da sua derrota com duas commissões pingues e uma promoção honrosa (2), surge agora chefe de partido e parte interessada no futuro pleito eleitoral, em que o governo de Vossa Magestade promette abstenção e neutralidade.

A circular daquelle directorio, datada de 10 de Julho de 1881, contém, entre outros, os seguintes trechos, que reproduzimos para que os consules reflectam, se ainda é tempo de cruzar os braços diante da onda, que *desce* :

« O directorio militar da côrte... julga de seu dever dirigir-se ainda uma vez a seus camaradas de terra e mar.

« No escrutinio prévio, a que se procedeu a 26 de Maio, por maioria absoluta de votos foram escolhidos F. e F. candidatos á deputação; este pelo 1º, aquelle pelo 2º districto eleitoral da côrte.

« Está o directorio certo que o compromisso de honra, tomado n'aquella sessão, não será esquecido, que, cada vez mais convencidos da necessidade de levar ao parlamento quem externe com verdade as urgentes reformas de que carecem as instituições militares do paiz, saberão seus camaradas conservar-se tão unidos quanto possivel: é de seu dever, porém, pedir que empreguem todos os seus esforços para o triumpho d'aquellas candidaturas.

« Lembrando a cada um de per si que não se aventurariam os dous escolhidos a tomar parte no pleito eleitoral, se não contassem com a lealdade de seus companheiros de armas, que lhe asseguravam uma base razoavel, roga o

(2) No correr da impressão destas cartas já teve mais outra commissão e mais um titulo de Barão. *Sic itur ad astra!*

directorio a todos officiaes existentes na côrte, effectivos reformados e honorarios, que exerçam junto a seus amigos toda a influencia de que dispuzerem, etc. »

Vamos ter, portanto, posta ao serviço do Sr. J. Nabuco, chefe notorio do abolicionismo cortezão, essa força armada, que a Constituição declarou essencialmente obediente—reunindo-se quando bem lhe parece—e formando um partido militante, distincto dos outros, organizado para lutar contra elles, com escrutinio prévio para evitar divergencia entre seus membros, incitado para concorrer ás urnas por um chefe de esquadra e presidido por um almirante, camarista de Vossa Magestade Imperial, actualmente ministro da marinha, primeiro signatario da circular de 1881, o Sr. Joaquim Raymundo de Lamare !

Eis ahi talvez uma das causas, pelas quaes a camara dos deputados recebeu do presidente do conselho a declaração da sua neutralidade no proximo pleito eleitoral com uma formidavel gargalhada, que a verdade official supprimiu no seu *Diario*, por politica, ou por pudor.

Além disso, corre como certo que o Sr. Satyro, antes de sancionar o imposto, que comeu a propriedade escrava no Ceará, consultou pelo telegrapho a Alguem d'aqui da côrte, que respondeu-lhe applaudindo a medida, á qual sómente depois disso elle deu o seu assentimento ; e parece que houve realmente alguma cousa a respeito, porque só demittiram-n'o *á pedido*, depois de finda a empreitada, de cumprimentado por tres ministros de Vossa Magestade Imperial, e de *encommendado* pelos serviços, que prestou.

Por outro lado o Sr. Theodureto Souto, que tambem acaba de ser demittido *á pedido*, depois de ter feito no Amazonas cousas, que só um macaco solto em loja de

louça ou um egresso do Hospício, que tem vosso nome, poderia imitar, metteu mãos á obra logo que lá chegou, levando frescas as instrucções dos ministros, e ainda viva a impressão das ultimas recommendações vérbaes, recebidas no corredor dos nobres do vosso paço.

E, note Vossa Magestade Imperial, elle não passava, antes de ser nomeado presidente, por grande abolicionista; apezar de, como cearense que é, ter para isso melhores razões do que o seu Espirito Santo.

Agora mesmo consta que a necessidade das quatro consultas prévias, antes que se verificasse a escolha do successor do Sr. Lafayette, foi determinada pelos *termos*, que vos aprouve incluir no programma desse gabinete provisorio de 6 de Junho, que está sendo impingido a uns, como a continuação do 24 de Maio, e a outros, como o João Baptista de um futuro 28 de Março, cujo Messias já está depositario do pensamento *isoterico* do chefe recém-laureado do abolicionismo official.

O facto parece inverosimil; mas não seria singular, depois do segundo ministerio de 29 de Setembro.

Tudo isso é muito grave, para ser crido ao de leve; mas, Senhor, em quem pôde fiar-se a gazeta das *kermesses*, para manter impavida seu tom imperioso, senão no seu melhor freguez, naquelle que manda esperar á porta da typographia para comprar e ler, ainda humido, o primeiro exemplar da edição do dia? Naquelle grande protector da imprensa livre, que manteve impunes todos os crimes do *Corsario*, até que o redactor do mesmo succumbiu a um crime quasi igual a todos quantos commetteu em vida?

Qual o advogado permanente dos abolicionistas cearenses, que lhes permite converter uma provincia inteira

em territorio de asylo, senão o mesmo de Manoel de Paiva, preso com um roubo na mão, quasi réo de um crime de lesa magestade, e solto sem processo; ou o dos assassinos de Apulcho de Castro, absolvidos por obra e graça de alguns apertos de mão?

Quem póde legitimar as conferencias do Gabinete Portuguez do Recife, ou os embarques de escravos fugidos para o Ceará, senão quem legitimou as conferencias do theatro de S. Luiz, ou quem sustenta o Sr. Tito de Mattos, que ainda não achou nem um criminoso por furto de escravos nesta cidade, onde muita gente não vive de outra cousa, nem tem outro officio?

Que outro ponto de apoio póde ter o directorio militar melhor do que o imperial senhor do seu graúdo presidente, que hoje carrega a pasta da marinha, e que jamais seria capaz de metter-se nessas funduras, sem o prévio beneplacito?

Das recommendações verbaes aos presidentes de provincias, e da imposição dos *termos* do programma aos chefes de gabinete, é inutil occupar-me.

Podesse um simples lavrador destes Centros chegar a presidente de provincia, e eu daria um doce a quem fizesse-me cumprir qualquer recommendação do alto, que viesse-me sem ter feito escala pelo presidente do conselho, ou pelo ministro do imperio. Podesse eu ser chamado a organizar gabinete, e nós veriamos de que lado partiriam as condições da aceitação.

Portanto, ou as suppostas recommendações verbaes e imposições de programmas sam imaginarias, ou devem ser lançadas á conta de algum conselheiro officioso de el-rei

Hilarião, (3) que deixa-se levar a reboque pelos Coré da Uruguayana, pelos Datan da Polytechnica, ou pelos Abiran viajados — semi-inglezes —, que aqui estam exhibindo-se todos os dias no lugar habitual dos entrelinhados do governo.

Se, pois, o facto é verdadeiro, os pacientes tem mais culpa do que o sujeito ; se, porém, é falso, ha muitas apparencias, que o confirmam.

No meio dessa contradicção constante, que paira sobre nosso mundo politico, o que mais verosimil parece, é que a fome endemica do poder obriga os nossos homens do governo ás maiores humilhações e á uma vida ingloria, para não dizer ridicula.

Dividem-se em dous grupos inimigos: um conservador, que faz reformas liberaes ; outro liberal, que faz reformas conservadoras, e, por amor das suas *idéas*, cavam entre si um abysmo, que lhes não permite reunirem-se, nem mesmo para combater o inimigo commum e defender seus direitos mais sagrados.

A actual camara é um exemplo vivo desta enfermidade moral : ainda não vimos outra, em que os dous partidos juntassem, de uma vez, tantos homens probos, independentes e capazes, nem esperamos mais que, neste reinado, o facto se reproduza.

Entretanto, posto que todos, ou quasi todos, pareçam de accôrdo sobre as questões mais importantes da actualidade, quando conversam nas ante-salas, apenas transpoem

(3) Quando esse digno soberano perguntava aos conselheiros que horas eram, elles perguntavam «que horas Vossa Magestade quer que sejam ?» A allusão não vai ao conselho de Estado; mas ao *conselho privado*, o mais influente de quantos directores espirituaes —*intra-muros*— tem o nosso paternal governo.

o Lethes maldito das portas, que levam ao recinto das sessões, dividem-se em dous campos inimigos, para entrarem nessas batalhas de votos, em que estes sam contados sem attenção ao peso, e em que muitas vezes os vencedores sam as primeiras victimas do general victorioso.

Quos Deus perdere vult, prius dementat!

Esta cegueira é a mãe da sua fraqueza: aquelles que juntos tudo poderiam, contrapostos não valem nada, nem passam de *instrumenta regni*, nas mãos omnipotentes de Vossa Magestade.

Em vez de congregarem-se, como brasileiros patriotas, amigos do seu paiz e partes interessadas nas graves questões, que se agitam, armam-se de prevenções mutuas e ineptas, e estafam-se em combates estereis, á espera da palavra magica de uma Sphynge, que quer solemnizar, a seu modo, o centenario de 92, e não sente (Edipo ao pé de si preparando os festejos mais populares e mais americanos do proximo 89.

Senhor, Tacito descrevia em quatro palavras de fel— « *omnia pro dominatione serviliter* » — a politica da sua terra no tempo, em que elle vivia; mas nem mesmo essas palavras bastam hoje para descrever a nossa.

No Brazil parece que o poder já não é o objectivo dos que lutam por elle; é antes um simples meio de haver a posse do Thesouro, que distribúe annualmente cento e tantos mil contos, aliás insufficientes para os seus multiformes compromissos e em grande parte pedidos ao estrangeiro, grande amigo e optimo freguez de V. M.

D'ahi a minha unica esperanza de remedio e, (desgraçada esperanza!) a esperanza da cura pelo excesso do proprio mal...

Os encargos do Thesouro crescem fatalmente: as suas rendas hão de por força decrescer no meio da anarchia, que tudo invade, e, quando elle não tiver mais o que dar, o poder não terá mais attractivos, nem as instituições defensores: será chegada a vez de realizar-se o sinistro presentimento do Sr. Ferreira Vianna.

O imperio viverá ate esse dia: no seguinte Vossa Magestade ficará só, como uma interrogação no espaço, e não poderá fazer nem um Marquez do Aracaty de um dos muitos Paranaguás, que tem cevado.

Que venha, Senhor, a bancarota e já; pois que chegamos a tal estado que não ha mais para onde appellar, senão para ella.

E' duro dizel-o, não ha duvida, tão duro, Senhor, que para evital-o, se ainda é tempo, atreveu-se a escrevel-o

14 de Junho de 1884.

UM SUBDITO FIEL.

SETIMA CARTA.

Senhor,

A historia do vosso reinado, um dos mais longos do mundo, ha de transmittir aos vindouros dous factos apparentemente repugnantes; mas na realidade inseparaveis no governo deste paiz, desde que Vossa Magestade Imperial assumiu a sua direcção suprema: o primeiro é o vosso desinteresse—prova do vosso patriotismo; o segundo é o effeito negativo desse patriotismo sobre a gestão dos negocios publicos.

Os chronistas officiaes hão de dizer que a esterilidade da vossa administração, tão minuciosa quanto infeliz, foi a consequencia fatal da inauguração do regimen representativo em um paiz novo e não preparado para fazel-o funcionar regularmente; mas o historiador imparcial explicará o facto de modo differente.

Elle dirá que o atrazo do paiz foi causa secundaria em comparação com outras duas, que actuaram e estam actuando ainda, como principaes: a vossa educação inadequada e o poder moderador absoluto, como o tendes exercido, desde a vossa revolucionaria ascensão ao governo.

A vossa educação emocional, privada dos cuidados paternos e rodeada de cortezãos ambiciosos, que lisongearam vossas paixões juvenis e especulavam com vossas fraquezas de menino, não foi nem podia ter sido a mais propria para um rei constitucional.

Longe disso, ter-vos-hia feito um homem perverso e detestavel, se vossa indole, excepcionalmente reservada, e porventura alguma voz sincera, perdida no deserto da vossa côrte, vos não houvesse livrado de tantos perigos, de outra sorte inevitaveis.

Escapando, porém, quasi miraculosamente do *virus* desse *meio* mephitico e perigoso, não sahistes de todo incolume do seu contacto; porque de lá trouxestes para todos nós, indistinctamente, esse olhar incerto, desconfiado e suspeito, que devia afastar de Vossa Magestade todo o homem sincero e que ainda hoje, amortecido pela acção da idade, conserva á respeitosa distancia os Saraiva e tantos outros, não menos descontentes de vós, porém mais circumspectos no seu retrahimento.

Essa veia maligna fez-vos acreditar que a geração mascula da Constituinte e do Acto adicional queria roubar-vos a corôa, que ella havia guardado e não podieis defender, quando vos foi transmittida, e induziu-vos ao *Quero já*, que fez-vos iniciar vosso reinado sobre as ruinas da Constituição, como vosso pai começára o d'elle sobre os destroços da Constituinte.

Mezes depois Vossa Magestade despedia, como instrumentos gastos, aquelles que vos haviam declarado maior, antes de tempo, e fazia de Aureliano Coutinho a ponte, que levou ao poder os adversarios recentes da maioridade intempestiva, e antigos defensores do imperador menor.

Para isso foi preciso novo golpe na Constituição, e esse golpe foi dado com a dissolução prévia do 1º de Maio.

Como, porém, dos máos principios nunca resultam boas consequências, quando os conservadores suppunham-se no seu apogêo, com o 20 de Janeiro á frente, a demissão mallograda de outro valido, irmão do mesmo Aureliano, entregou-os, atados de pés e mãos, á mais furiosa reacção, de que temos noticia, sob o pretexto de que elles não queriam governar (1); mas, realmente, pelo receio de que se fizesse pouco caso da vossa pouca idade, segundo a versão mais authentica de um dos vossos confidentes.

D'ahi nova dissolução concedida, como sempre, para salvar o Estado, cuja existencia parecia-vos então dependente da conservação do *masueto* inspector da alfandega da côrte.

Do resto é escusado fallar; porque não quero fazer a historia do passado, mas apenas a critica do presente.

A educação intellectual de Vossa Magestade ainda foi mais incongruente do que a outra: ensinaram-vos principalmente sciencias exactas e linguas estrangeiras, isto é, as duas cousas mais inuteis, que podieis aprender para governar vossa patria.

Vosso tempo foi applicado de preferencia a tudo que parecia estranho á arte de governar;—desde a astronomia até a geologia e desde o francez até o samscrito: dir-se-hia que vos preparavam para realizar o typo do rei de Sieyès, e deixar á vossa côrte o cuidado de governar-nos.

(1) Não quizeram governar; porque o Visconde de Monte-Alegre não pôde organizar gabinete, com a condição naturalmente de conservar o Saturnino. *Quantum mutatus ab illo!*

Contra esse plano protestaram vossas aptidões naturaes e venceram sem trabalho ; mas

« *Pauca tamen suberunt priscae vestigia fraudis.* »

Vosso gosto pelas linguas estrangeiras deu-vos essa quéda invencivel, que tendes pelos que não fallam portu-guez, e o desejo immoderado de encher este paiz intertro-pical de gente do norte da Europa, com todos os direitos civis e políticos e com toda a preponderancia sobre o futuro desta patria, que não é nem será delles, por mais que faça Vossa Magestade, com os seus officiosos *immigracionistas*.

Vosso estudo predilecto das sciencias exactas fez-vos ideologo em politica e por consequencia amigo desses planos *mais teimosos do que um bretão*, abstractos e preconcebidos, que tem-se consolidado pelo tempo e tomado os ares de outras tantas idéas fixas.

E o peor é que ás vezes esses planos sahem da rua de Uruguayana, como a alforria dos escravos maiores de 60 annos, outras vezes sam inspirações de um louco illustrado, como o imposto territorial, geometrico.

Essa ideologia, perigosa em si mesma, torna-se hor-rivel quando promovida por suggestões de terceiro e por conta e risco de quem não tem parte nos effeitos d'ella.

Póde haver em tudo isso muita exaggeração ; mas a verdade é que eu não invento, e a prova é que na actual camara dos Srs. deputados já tem-se conversado e muitas vezes sobre a necessidade de submetter-vos, com o devido respeito, a um exame de sanidade.

Apprehensões infundadas talvez ; mas muito justifica-veis pelas novidades do vosso governo, que se devia presu-

mir mais comedido e discreto, depois de quasi meio seculo de labores ininterruptos e de uma actividade nunca vista.

O poder moderador, creado pela Constituição de vosso paiz,— posto que privativo do monarcha, só era livre em um caso—o da nomeação dos ministros ; que aliás não podiam viver sem o apoio das camaras : nos outros casos o exercicio privativo dependia do voto colectivo do conselho de Estado.

Supprimido este pelo Acto adicional, era preciso—ou dar interferencia directa aos agentes do executivo nos actos do poder moderador, que ficaria assim virtualmente supprimido, ou descobrir a corôa, annullando a vossa irresponsabilidade moral.

Crê-se geralmente que Vossa Magestade preferiu a segunda alternativa, e o certo é que no vosso longo reinado algumas das attribuições ordinarias do poder moderador, como, por exemplo, o veto, ainda, não foram exercidas, ou só muito raramente o têm sido ; ao passo que a extraordinaria da dissolução já foi oito vezes empregada contra o parlamento.

E' essa provavelmente a causa, por que este e a imprensa vos não tem poupado, desde certo tempo, e, ás vezes, sem vislumbre de razão, e em termos descomedidos.

Das attribuições ordinarias ha uma, que vos tem sido fatal e que custa-vos dous inimigos verdadeiros, cada vez que fazeis um amigo duvidoso : é a escolha dos senadores ; sobretudo depois que começou a vogar o preconceito de que em vossa opinião os republicanos têm direito de preferencia sobre os monarchistas.

Ultimamente estabeleceu-se outra preferencia sobre os republicanos : a dos abolicionistas. Tomem nota os candidatos á senatoria.

Além disso ella difficulta o accesso da verdade ao pé do throno e deve ter falseado muitas vezes o conselho dos vossos ministros.

A posição do senador é a melhor e a mais elevada, a que pôde aspirar um brasileiro ; é portanto o sonho dourado de todos os homens politicos. Mas o senador depende da, escolha e a escolha, da boa vontade da corôa.

D'ahi esse humor servil, que insensivelmente insinúa-se pelas veias dos que vivem ao pé de vós ; esse desejo immoderado de agradar-vos, sem reserva nem escolha de meios, de todos os modos, e em todas as occasiões.

Ora, o meio mais seguro de lisongear, ainda ao homem mais excellent e menos presumido de sabio, é concordar sempre com elle ; por isso todos quantos vos cercam (salvo raras excepções) e podem esperar ou receiar de vós alguma cousa (2) procuram naturalmente fazer-se echo das vossas opiniões — ainda as mais impraticaveis — e dar-lhes curso official nos cargos, que occupam, ou officioso na imprensa, que publica tudo, para depois induzir-vos a satisfazer a opinião publica transformada em echo de vós mesmo, e quasi sempre á custa do Thesouro.

Durante o percurso desse circulo vicioso e fatal, os vossos melhores subditos retrahem-se por medo, ou por descrença ; protestam com seu silencio e deixam refluir a onda para o alto, donde desceu.

(2) Esperar sempre se pôde, e temer tambem. O proprio senador pôde ser conselheiro de estado, ministro, titular, etc., etc.

Tal foi a opinião, que creou as necessidades urgentes do barracão dos festejos; das reformas da escola polytechnica, onde ha lentes sem discipulos, e da faculdade de medicina, onde ha cadeiras sem mestres; da observação de Venus; da exposição pedagogica; da guerra do Paraguay, levada ao extremo do assassinato; do abolicionismo destemperado; das leis agrarias n'um paiz onde as maiores fortunas não podem resistir a quatro partilhas successivas (3) e dessas despesas reproductivas do *deficit* e geradoras da banca-rota, que hão de equiparar o vosso reinado ao de Luiz XIV, tendo de menos o brilho e o luxo, a crapula e illustração da cõrte.

A resultante de todas essas necessidades ficticias, apregoadas como imperiosas, quando não passaram de imperiaes, será a anarchia, que produzirá o cahos, do qual sahirá tudo, menos a monarchia, e ainda menos a monarchia omnipotente, que é planta exotica no sólo livre da America.

Lembra-se Vossa Magestade da celebre poesia de Moore sobre o *Senso commum* e o genio?

Ao passarem juntos um ribeiro, a distracção do segundo custou-lhe a vida, emquanto o primeiro passou a pé enxuto, e *went home to bed*.

Prescinda Vossa Magestade dos vãos do genio, e contente-se com os expedientes do *Senso commum*. Deixe de mão a astronomia e as sciencias exactas, que não servem para o seu officio, estude e faça o seu futuro successor estudar o direito, a administração, as fianças, e, sobretudo, a economia politica.

Ha vinte annos ninguem falava em republica nesta

(3) Em alguns casos o imposto de 20 % é sufficiente para comer a propriedade dentro de um periodo relativamente insignificante.

terra; hoje quasi toda a mocidade é republicana, e a monarchia conta apenas duas especies de defensores: os que tem interesses ou esperanças fundadas no *statu quo*, e os que preferem, apesar dos pezares, o conhecido, em paz, ao desconhecido, com o risco de uma conflagração.

Estes ultimos, hoje que o partido imperial está convulsionando o paiz, por amor dos applausos do estrangeiro, já desconfiado de tanto liberalismo, talvez prefiram remover o principio da anarchia para ficarem mais quietos, sob chefes temporarios, que não possam ter caprichos duradouros, nem manias permanentes.

Suppõe-se, ha algum tempo, que Vossa Magestade hostiliza ou tem má vontade ao partido conservador; que afasta sempre a hypothese da sua ascensão ao poder, e, como é indecente o papel de mais regalista do que o rei, elle parece ir-se dispondo a concordar com Vossa Magestade, e prégar tambem a renovação da face da terra, quando chegar o diluvio da liberdade, projectado do alto do throno.

A pezar de fiel, ou antes, por isso mesmo, estou sentindo tambem veleidades progressistas, e, creia-me Vossa Magestade, assim como sôa-lhe mal aos ouvidos a palavra *senhor*—na boca de um homem creado e educado, como escravo e para escravo, faz-me tambem mal aos nervos preferil-a, ou ouvil-a proferida por homens nascidos e creados para cidadãos de um paiz livre.

Que desça pois, do alto do trono o verbo da liberdade; mas não permitta Deus que ella chegue só ao escravo, e seja vedada aos senhores; não, Senhor, não seria justo, nem toleravel.

O que nós outros particulares temos feito em prol da emancipação, no decurso de treze annos, nunca foi feito em

parte alguma, e, se pelo passado se pôde julgar o futuro, devemos julgar que o movimento espontaneo bastará para em menos de trinta annos, contados de 1871, fazer desaparecer sem abalo uma instituição de tres seculos.

Exigir mais é insensatez, ou perversidade.

Vossa Magestade acha pouco ? Pois bem, prosiga no seu caminho e não se queixe amanhã dos seus companheiros de hoje.

Os abolicionistas contam com Vossa Magestade para tudo, desde a imposição dos programmas dos ministros de um rei constitucional—até a insuflação secreta de uma rebellião militar, para que o governo acabe de um golpe com a propriedade escrava, simulando uma coacção preparada para chegar a esse resultado tragi-comico.

Os mais cordatos esperam que Vossa Magestade dê cabo della pelos processos cearenses, em todo o norte, onde o povo, mais cordeiro do mundo, é capaz de suportar tudo, desde a tosquia de lã até a extracção da pelle, e, depois de circumscrevel-a ás tres grandes provincias do sul, contraia um emprestimo, ou liquide os bens dos frades, para simular uma indemnização qualquer aos refractarios fazendeiros de cá.

Estou entre os ultimos, porém, antes de tudo, sou brasileiro e não posso conformar-me com essa desigualdade odiosa, que traria como consequencia a divisão do imperio, cuja integridade é, abaixo da Constituição, o motivo preponderante da minha fidelidade monarchista.

Rôto esse élo pela divisão, morta a Constituição por esse ultimo golpe, que Vossa Magestade projecta dar-lhe, segundo seus correligionarios, com que direito se nos falará

de legalidade e de instituições juradas, para mantermos o actual regimen ?

Vossa Magestade tambem jurou-as e, tem mais interesse nellas do que qualquer de nós ; se, pois, não lhes fôr fiel, não deve contar com a estúpida fidelidade dos mais para ser infiel ao seu sabor.

Se taes versões sam exactas (*quod Deus avertat*), não conte Vossa Magestade nem com os abolicionistas, cuja privança mantem, como meio de policia, segundo os vossos amigos.

Os instrumentos podem transformar-se em agentes, e então ai do agente, que deixar de sê-lo !

Tarde será invocado o nosso auxilio ; porque terá chegado tambem a nossa vez de fazermos pazes com os abolicionistas.

Senhor, as circumstancias do paiz sam muito graves para essas experiencias de idealismo sentimental, ou senil, que vos attribuem.

A nação parece tranquilla na superficie ; mas está revolta no fundo, e de nenhum inimigo, interno ou externo, receia tanto, como dos caprichos de Vossa Magestade.

Tudo se vos attribue, desde a remoção do crucificado para fóra das escolas publicas, até a conversão violenta dos bens dos frades, ordenada por um decreto exorbitante e absurdo, que não terieis assignado, se conhecesseis a Constituição do Brazil, como lhe conheceis o céu.

Nas pastas do imperio e dos estrangeiros, sobretudo, suppõe-se que os ministros nada fazem, que não seja vosso.

Eu dou isso pela metade ; mas ainda fica muito para ser levado á conta do vosso arbitrio.

Um povo deixa-se muitas vezes esbulhar da liberdade politica ; mas o esbulho dos direitos civis tem provocado por toda a parte uma revolução social : exemplo recente a Russia com o seu Alexandre II, ainda mais liberal, á custa alheia, do que Vossa Magestade.

Foi o grande segredo dos despotas romanos ; absorviam a vida politica do povo rei, mas deixavam aos jurisconsultos a systematização do direito privado, e aos tribunaes a formação singular dessa jurisprudencia magestosa, que é ainda hoje o modelo e a admiração dos povos cultos !

Entre nós tudo está em questão e ameaçado pelo governo, desde a nossa fé em Deus até o nosso direito sobre a terra, que possuímos.

E' demais !

Claudite jam rivos, sat prata biberunt.....

E' escusado protestar que tudo quanto fica lançado á publicidade foi escripto sob a hypothese de serdes vós o agitador-mór deste paiz. Se assim é, fique o dito—dito, sem alteração de uma virgula.

A franqueza não conspira, e eu prefiro ser revolucionario na praça publica, a ser conspirador nas trevas ; se algum dia deixar de ser conservador, não ficarei liberal simplesmente.

Se, porém, o que se vos attribue é falso, procure Vossa Magestade ministros, que não comprometam-vos, attribuindo-vos ingerencia nos *termos* do programma, que apresentam ao parlamento.

Um rei constitucional não póde impor o programma do governo ; se impõe, rompe com a Constituição, que é o unico titulo das suas regalias, e não póde mais invocal-a para ser obedecido, nem mesmo por

UM SUBDITO FIEL.

17 de Junho de 1884.

OITAVA CARTA.

Senhor,

O pedaço de caminho mais escabroso, que a verdade encontra hoje, na sua peregrinação pela terra, é o que vai das choupanas do povo aos paços reaes, e parece que nunca foi-lhe muito facil o accesso ao pé dos reis, aquelles, exactamente, que mais carecem della, e menos sentem a sua ausencia.

Na Judéa foi preciso instituir-se a classe dos prophetas, ou videntes, para fazel-a chegar até ao throno, em tom quasi sempre lugubre e, talvez por isso mesmo, quasi sempre inefficaz.

Na idade média ella disfarçou-se em Polychinello para insinuar-se nas côrtes galhofeiras d'aquelle bom tempo, em que todo o mundo acreditava que o povo era o rebanho de seu rei, e que o rei era um Deus omnipotente, tal qual Vossa Magestade Imperial, com o unico senão de morrer tambem, como qualquer ovelha do seu aprisco.

A vossa côrte é muito incredula para admittir prophetas, e ainda pouco jocosa para manter um Polychinello.

Falta-vos, por consequencia, um vehiculo para a verdade, e essa lacuna só póde ser preenchida pela imprensa anonyma; porque o artigo assignado indica um homem, que pede o vosso applauso ou o da opinião; ao passo que o escripto sem assignatura é como o filho espurio, que sómente faz-se notavel, quando tem merecimento, e morre nas garras da indifferença publica, se não o tem.

Para tirar, pois, todo o caracter pessoal a estas cartas, não sómente occultei o nome do autor, que a mór parte dos leitores não conhece, como procurei a imprensa neutra do *Jornal do Commercio*, que apenas aceitou as tres primeiras, e forçou-me a publicar as demais nesta folha, em quanto m'ò permittirem.

Isso, não obstante, se Vossa Magestade tem-lhes dispensado a honra de lê-las, louvo-me no vosso juizo para decidir, se tenho ou não evitado os dous excessos habituaes da nossa imprensa: louvar tudo quanto é vosso, inclusive os vossos caprichos, ou maldizer até das vossas melhores intenções.

Não tendo eu renda para aspirar á fidalguia por decreto, nem desejando empregos ou contratos publicos, nada podeis, apezar de quanto podeis, dar-me do que preciso: a humidade e o calor necessarios aos meus legumes.

Assim pudesse eu dizer que tambem nada receio de vossa parte. Lá isso, não; receio, e receio muito.

Vossa Magestade vai ver porque, e com quanta razão receio.

Vivo do meu trabalho, e do trabalho dos meus escravos, cuja sorte não é, segundo a confissão insuspeita e ainda recente do Sr. senador Ottoni, inferior á dos operarios dos paizes mais adiantados da velha Europa.

O trabalhador inglez come carne, quando muito, duas vezes por semana, e os francezes apenas uma. Os meus tem-na duas vezes cada dia, café pela manhã assim como a noite, na estação chuvosa, roupa e remedio a tempo e á hora.

Viviam, portanto, muito satisfeitos com a sua condição, como o cão companheiro do lobo da fabula, e, como a felicidade neste mundo sublunar é mais uma questão de opinião do que de realidade, podiam ser considerados felizes na vida, que levavam.

E, em verdade, pareciam-no. Andavam satisfeitos, recebiam-me alegres, quando ia ao serviço, e muitas vezes continuavam-no ao som de cantos, capazes, quer pela lettra quer pela toada, de arrancar o riso até mesmo á sisudez de Vossa Magestade Imperial.

Vieram, porém, os lobos, e desta vez da cidade; sopraram-lhes aos ouvidos as idéas novas da côrte; contaram-lhes os desejos de Vossa Magestade e as esperanças, que têm os sabios da Europa de ver a escravidão do Brazil abolida, por fas ou por nefas, no proximo centenario da descoberta da America.

Desde então começaram meus escravos a fugir, quero dizer, abandonar-me, para não ferir a susceptibilidade dos vossos conselheiros extranumerarios da rua da Uruguayana e da Escola Polytechnica, cuja autoridade já reformou até o uso commum de falar, e cujos votos hão de preponderar no proximo projecto do governo, qualquer que seja o parecer do conselho de Estado, no dia 25 do corrente.

E, apesar disso, vivo a dar graças a Deus, porque peor poderia ser, como foi para um meu vizinho, pai de oito filhos menores e um nascituro, assassinado ha pouco,

ao som de vivas á Vossa Magestade, pelos seus escravos, sem outro motivo, que não a certeza do perdão e o desejo de tentarem a vida nova, annunciada pelos apóstolos da côrte, que se proclamam orgãos do vosso imperioso pensamento.

A noticia desse facto correu, como uma faisca electrica, entre nós outros fazendeiros, como a victima; porque, Senhor, nada provoca tanto a desordem e acoroçôa o crime, como a certeza da impunidade: exemplo as arbitrariedades habituaes dos vossos ministros, sempre apoiados em máos precedentes, e nunca punidos pelos seus excessos.

Olhada a cousa das alturas, donde Vossa Magestade costuma ver-nos, pouco era: uma ovelha de mais ou de menos, n'um rebanho de doze milhões de cabeças, não vale uma parcella minima do tempo do seu pastor; mas para nós outros, ameaçados pelo contagio do máo exemplo, o caso muda muito de figura.

Primeiro que tudo, em vez de vivermos do producto dos impostos, como a porção mais feliz dos subditos de Vossa Magestade, pertencemos á outra porção mais numerosa, dos que trabalham para pagar os impostos, de que vive a primeira.

Nossos filhos nascem pobres como Job, durante a provação, e continuariam vestidos, como Adão no paraizo, e fartos como Jesus Christo no deserto, se não poupassemos do imposto, e do custeio da lavoura alguma cousa para cobrir-lhes a nudez, e entreter-lhes a digestão.

E mais ainda é preciso poupar, para dar-lhes mestres, e completar-lhes essa educação necessaria ao nosso meio social: uma das cousas peiores e mais caras dos vossos vastos dominios.

Imagine porém Vossa Magestade que o assassinado era

um fazendeiro principiante, que só agora começava de desembaraçar-se das difficuldades do primeiro estabelecimento, e calcule que futuro aguarda á misera viuva e aos desgraçados filhinhos.

Queira ainda imaginar que todos os escravos, unicos trabalhadores da fazenda, confessam a co-autoria (1) do crime, sam condemnados á pena ultima e, por consequencia, perdoados; porque, no magnanimo coração de Vossa Magestade, todo saturado do amor da liberdade do escravo, não resta mais espaço para a saudade, que, a nós outros corações plebeus, desperta a victima do sicario, nem para a compaixão, que a todo o mundo inspiram as lagrimas da viuva e o pranto dos orphãos...

Dizia Santo Agostinho que havia perdões mais crueis que a punição, e, com o devido respeito a um rei, que cuida muito das cousas do céu para esquecer seus direitos divinos, os vossos parecem d'aquella especie.

E' crível que Vossa Magestade não tenha ainda reflectido sobre o perigo do vosso procedimento systematico?

Se não reflectiu, faz muito pouco caso do seu alto cargo, que, quando não é a mais nobre occupação de um homem, é a mais vil exploração de um povo; se reflectiu e persiste nelle, é inimigo jurado de todos os senhores de escravos, isto é, daquelles que, parecendo culpados, sam, na realidade, as primeiras victimas dessa instituição condemnada, que de todo o continente americano só pôde medrar nesta porção infeliz, onde a manarchia implantou-se.

Os perdões systematicos já repercutiram em todas as

(1) O leitor sabe desgraçadamente que esta supposição não é mera hypothese.

camadas sociaes : em cima falsearam as decisões do jury, sobre os crimes previstos na lei de 1835 ; no centro provocaram a lei de Lynch, e embaixo o assassinato dos senhores, que tende a generalizar-se pelos conselhos abolicionistas e pelo exemplo dos mesmos perdões.

Entretanto não é Vossa Magestade quem menos tem lucrado com a escravidão.

« O Brazil é o café e o café é o negro » disse, ha poucos annos, o Sr. Silveira Martins, e, á parte a fórma um tanto hespanhola, exprimiu uma verdade. O Brazil é um paiz official ; o mundo official vive do imposto ; quem mais imposto paga é a lavoura, já pelo que produz, já pelo que consome ; a lavoura mais rendosa é o café ; a renda média liquida de um trabalhador de café nos ultimos annos é de 100\$; logo, só a lista civil de Vossa Magestade representa a producção annual de oito mil escravos, pelo menos.

Seja, porém, tudo para maior honra e gloria de Vossa Magestade, que mais merece-nos pelo sacrificio, que faz, sujeitando-se a governar um povo tão abaixo da comprehensão do seu magnanimo soberano.

Vossa Magestade tem razão ; póde dispor da nossa vida como e quando aprouver-lhe. Todos nós viemos ao mundo sómente para sermos vossos subditos, do mesmo modo que aquelle rodovalho de Juvenal fôra destinado, desde o seu nascimento, a mesa de Domiciano.

Por consequencia, se, por submitter-se ás vossas experiencias philanthropicas, este paiz conflagrar-se, e, transformado em retalhos, desaparecer do mappa das nações, não faz mais que o seu dever : *morre no seu officio.*

Somos o vosso rebanho e o pastor não vive de outra

cousa. Mas, Senhor o pastor contenta-se com o leite e a lã, enquanto não carece da carne, e vós não careceis da nossa.

Tendes um governo, que fez comvosco

O concerto duro e injusto
Que com Lepido e Antonio fez Augusto.

Tendes uma camara, que faz o que o governo quer e póde, em caso extremo, ser aniquilada pelas vossas armas, como foi a Constituinte pelas de vosso pai.

Tirai-nos pois tudo quanto vos aprouver; mas deixai-nos ao menos a vida, de que tanto precisamos e vós não careceis, se não por justiça ao menos por misericórdia; já que contra o nosso rei e senhor não podemos allegar direitos humanos.

Mas, Senhor, a morte é tão feia que o proprio Christo suou sangue ao pensar nella;—custa tanto a idéa de deixar a esposa em pranto e ameaçada de cousa peor do que o assassinato;—dóe tão no fundo d'alma pensar nos filhinhos orphãos, abandonados á miseria, que é sempre companheira da vergonha e muitas vezes mãi do crime,—que eu rogo-vos pelo amor de Deus, se ainda acreditais nelle, ou pelo de todos os sabios da Europa, se não acreditais mais n'outra cousa, que não continueis a moderar as penas dos réos de taes delictos, dos nossos assassinos!

Amoda pega, e ai de todos nós!

Vossa Magestade tem razão; a pena de morte é horrivel, e a sociedade não deve tirar o que não póde dar, nem compensar; mas, Senhor nós tambem temol-a.

Applique-se ao assassino o mesmo argumento, e a segunda morte será menos injustificavel do que a primeira.

Se o algoz sabe que não pagará com a propria vida a vida alheia, que rouba para experimentar uma profissão nova, ou seguir um conselho perverso, onde iremos parar ?

A vossa policia preventiva é muito descansada, chega quasi sempre tarde para evitar o crime ; a repressiva é coxa e raramente consegue apprehender o criminoso.

A justiça vê pouco, ás vezes de um lado só, e participa muito da vossa magnanimidade ; esquece quem já morreu e cuida de pôr-se bem com os que ficaram vivos.

Nestas condições, o que será de nós, Senhor, se a vossa clemencia imperterrita continuar inalteravel, dando sempre razão aos escravos contra os senhores ?

Senhor, a abolição da pena de morte é um *desideratum* de todos os philosophos ; mas o philosopho deve ser o apostolo da igualdade e o rei é a incarnação suprema da desigualdade politica.

E' verdade que alguns testas coroadas têm, ás vezes, a veleidade de parecer liberaes ; quando, porém, lisongeiam a liberdade é temendo que ella supprima a realeza, e quando prégam a igualdade não é a dos cidadãos ; é a dos subditos.

Nos paizes onde ha escravos, elles costumam declarar guerra aos senhores, como o czar Alexandre, pela mesma razão porque Verres queria dar cabo dos ladrões da Sicilia : para ser só e unico.

Mas o povo está já ficando muito maligno ; já não soletra, lê por cima as palavras dos reis, quando não adivi-

nha-lhes o pensamento: exemplo, o da Russia com aquelle mesmo czar.

Elle suppõe que um rei philosopho seria tão impossivel, com licença de Marco Aurelio, como um rei republicano, e que só um tolo ou um velhaco poderia pretender a representação simultanea dos dous papeis; tolo, se não comprehendesse a incompatibilidade delles; velhaco, se, comprehendendo-a, quizesse não obstante impingil-os juntos ao pobre do seu povo.

Seja como for, um paiz, que tem rei e tem escravos, não pôde dispensar o cadafalso; o regicidio e o dominicidio não podem ter pena efficaz, senão a pena ultima.

A realeza e a escravidão começaram e têm vivido juntas neste paiz, onde cada qual tem sua missão, que não me parece terminada.

A' primeira incumbe preparar o leito da republica, e á segunda tornar possivel o advento do trabalho livre; nem uma nem outra cousa pode ser feita de um salto; ambas reclamam medidas de transição e algum tempo para ellas.

Tudo tem seu tempo; mas, bem que tenhamos feito alguma cousa, graças ao calor e á humidade e apezar dos nossos palradores ideologos, não me parece chegada a vez da transição. Esta exige varias medidas urgentes, que mais tarde mostrarei.

Esperemos, portanto, e, nesse interim, trabalhemos por diffundir a instrucção; ensinar a todas as classes que ellas têm interesses mais ou menos harmonicos; supprimir a policia gratuita; fazer a eleição livre e magistratura neutra na politica, independente e illustrada no fôro.

A escravidão, pôde estar tranquillo o Sr. senador

Otoni, não passará ao seculo vindouro; a monarchia desaparecerá com ella, ou pouco tempo ha de sobreviver-lhe; mas até lá é preciso sustentar uma e outra com as modificações possiveis, sem convulsionar-se o paiz.

Até lá poderei ser em consciencia o que sou ainda hoje

UM SUBDITO FIEL.

21 de Junho de 1884.

NONA CARTA.

Senhor,

A realza é uma cruz e as corôas humanas têm mais espinhos do que rosas.

Um rei, neste ultimo quartel do seculo XIX, é um naufrago do passado, perdido nas vagas do presente; uma especie de hospede importuno, que tem consciencia da sua posição esquerda na sociedade, que o tolera, e procura, por qualquer serviço relevante, fazer os contemporaneos perdoarem-lhe o seu anachronismo.

Isolado sempre, ainda no meio da mais numerosa multidão, e perseguido em todos os seus actos por uma publicidade omnimoda, que adhere-lhe ao corpo, como a tunica de Nesso e resiste até ao recurso do incognito; é um operario, que não tem férias para descansar, nem companheiros para o ajudarem; porque converte-os a todos em meros instrumentos e, absorvendo todo o respeito delles, não lhes deixa margem para respeitarem-se a si mesmos.

Se fala, para ouvir um conselho responde-lhe o echo da propria voz, como se falasse em uma cisterna; se olha em roda de si, para colher um exemplo, vê por toda a

parte a copia dos seus gestos, como se estivesse em uma camara litteralmente forrada de espelhos.

Sua elevação convencional e o alto conceito, que o habito das reverencias fal-o formar de si mesmo, tornam difficil o seu accesso, por mais que elle se humanize ; seu poder torna temivel o seu contacto, por mais benevolente que elle seja.

Os bons fogem-n'o, ou retrahem-se, emquanto os máos acotovelam-se no prurido de exhibirem sua dedicação multiforme.

D'ahi vem que elle encontra exploradores a cada canto, e morre ás vezes sem ter podido fazer um amigo. Como Calypso julgava-se desgraçada por ser immortal, deve um rei considerar-se infeliz por sua elevação, por seu poder e, sobretudo, pelos deveres miudos da sua alta posição.

Oh gloria de mandar ! Oh vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos fama !

Essa posição imponente na fórma e no fundo tragicomica, mantida com obrigada seriedade por mais de meio seculo, deve pesar como o supplicio de Sisyphe, e aquelle, que supportou-a, durante tanto tempo, por muito negativos que sejam seus serviços, é mais digno de lastima do que de odio.

E' um sacrificio enorme, que seria heroico se não fosse inutil ; mas essa inutilidade é quasi inevitavel.

Adstricto a um meio social, que elle soffre sem ter procurado, e não podendo fazer idéa de outro melhor, que elle nunca suspeitou, julga do *resto* pela parte, que conhece, e, como esta compraz-se em parecer feita á sua imagem e

semelhança, chega o rei a acreditar naturalmente que os seus subditos formam uma vasta collecção de macacos, de todas as côres e tamanhos, sem o dom da fala ; mas com a propriedade de reproduzirem seus gestos e repercutirem suas palavras.

Deste preconceito magestático as suas illusões sobre a necessidade do seu papel, e sobre a efficacia das leis, que elle imagina opportunas, e, por consequencia, o resultado contradictorio das suas melhores intenções, daquellas mesmas, que não fornecem materia ás calçadas do inferno.

Tal é, porém, a força daquelle preconceito, que resiste a todo um reinado de provas negativas e acompanha a sua victima até ao tumulto, ou sómente dissipa-se quando ella não pôde mais voltar atraz, nem mudar de profissão ; porque não tem outro officio, nem sabe o que irá fazer no dia seguinte ao em que deixar o que exerce.

Pela ordem natural das cousas a realleza tende para o despotismo, como os corpos para o seu centro de gravidade, e não pôde haver um bom despota ; porque um homem só não pôde ver tudo, nem garantir a integridade dos seus ministros, nem supprir á opinião publica, que é a providencia dos governos, e que não pôde formar-se sob o regimen despotico.

D'ahi a necessidade de recorrer-se á monarchia representativa, sob cujo regimen o chefe do Estado não pode fazer mal—*King can do no wrong*—como dizem os inglezes : limita-se a entregar a plenitude do governo áquelles, que sam-lhe indicados pelo parlamento, eleito pelo poder constituinte da sociedade, poder incarnado na massa dos cidadãos activos e no gozo dos seus direitos politicos, direitos con-

sistentes, sobretudo, na capacidade de eleger e ser eleito para os cargos publico.

Este regimen, porém, apesar de admittido pela nossa Constituição, tem sido até hoje letra morta ; não só porque a educação incongruente do chefe do Estado inhabilitou-o para elle ; como porque, até 1881, suppunha-se que o systema eleitoral fazia illusoria a representação do paiz, e, depois de 1881, o eleitor dos ministros ainda não quiz quebrar o molde velho do systema antigo, nem escolher organizadores de gabinete, que se não sujeitem a um programma nos termos, em que aprouver-lhe, (1).

Dahi a supposta ingovernabilidade da actual camara, e esse programma insensato, sobre o qual formula-se questões ainda mais insensatas, para serem respondidas pelo Conselho de Estado, taes como estas, por exemplo :

« As obrigações do senhor para com o escravo devem continuar ainda depois de libertado este, por disposição legislativa ?

« Póde o legislador fixar o preço do libertando, como a sociedade abolicionista cearense, e o archi-abolicionista ex-presidente do Amazonas ?

« Póde tambem coagir os libertos validos a trabalharem e instituir asylos para recolher os invalidos ? »

Isto não faz lembrar aquella convocação do senado, feita por Domiciano, para deliberar sobre o môlho, com que devia ser servido o famoso rodovalho, pescado no Adriatico e celebrado na 4.^a satyra de Juvenal ?

(1) A excepção aberta pelo Sr. Saraiva tem uma explicação muito longa para entrar em uma nota.

Não é caso para dizer-se mais uma vez como este :

Si natura negat, facit indignatio versum ? *

Se Vossa Magestade conhecesse as leis do seu paiz e os deveres do seu cargo, como conhece a *Mechanica Celeste* não poderia, em occasiões semelhantes, evitar o escandalo da confissão publica de incapacidade dos alumnos dessa escola de adultos chamada *ministerio*, supprindo-lhes a ignorancia e poupando incommodos escusados ao Conselho de Estado ?

Si Vossa Magestade conhecesse o *Espirito das Leis*, de Montesquieu, ou ao menos *A influencia dos Costumes sobre as Leis*, de Matter, como conhece as obras de Laplace ou as do padre Secchi, poderia pretender passar como o campeão principal da justiça absoluta, a maior e mais cruel inimiga da transmissão do poder pelo merito do nascimento ?

Se Vossa Magestade conhecesse a historia dos povos cultos, como conhece as linguas mortas da Europa e da Asia, poderia esperar que os nossos vindouros vos julgassem pelo testemunho incompetente dos sabios estrangeiros, colhido de passagem, ou solicitado por *fitas*, a milhares de legoas do theatro do vosso governo ? Poderia ligar mais importancia aos elogios suspeitos, se não comprados á peso de ouro, de um biologo industrial, ou ás citações obsequiosas de astrônomos contratados, ás censuras, que vos fizeram os Zacarias e Alencar, ou ás que vos fazem ainda os Silveira Lobo e Silveira Martins, no senado, os Andrade Figueira e Ferreira Vianna na camara dos deputados ? (2).

Senhor, os peiores Cezares de Roma, a começar do

(2) Não recordo as do outro Silveira, porque abolicionista, que tem escravos é peor que escravocrata. Além disso perdi-lhe a fé e o respeito depois da historia do Theodoro Innocencio.

amigo de Sejano, do qual, era quasi tão perigoso dizer mal, como bem, foram os mais lisongeados pelos sabios de seu tempo.

Valerio Maximo e Velleio Paterculo exaltaram as virtudes de Tiberio; Quintiliano, Estacio e Marcial estafaram-se a elogiar Domiciano; os dous ultimos em verso; o primeiro em prosa e verso.

O proprio Seneca elogiou muito a Claudio, que mereceu, em vida, o appellido de *Sagacissimo*, assim como Caligula o de *Clementissimo*, repetidos á saciedade, até pelas pegas da Italia e pelos papagaios estrangeiros, educados com trabalho para essa adulação, apenas recommendavel pela sua novidade.

Plinio o Moço offereceu a sua *Historia natural* ao divino Vespasiano, que acceitou-a; provavelmente porque ella, chamando as vistas do cidadão para o espetaculo do universo, desviava-o de pensar sobre as miserias do imperio; pois parece vezo antigo dos máos governos não abolir o saber, mas suffocal-o no meio de futilidades, ou dirigil-o para onde lhes convém.

Entretanto bastaram alguns rapidos esboços de Tacito e uma duzia de biographias de Suetonio para lançar por terra, como um castello de cartas, todo esse cumulo de lisonjas e adulações.

Não faço a comparação; cito apenas exemplos eloquentes do que valem a verdade official e o elogio officioso.

Não vos illudais, portanto, com as citações dos sabios, nem com os conselhos sinistros dos vossos *leaes* agitadores, que titilam-vos uma vaidade aparentemente nobre; afim de induzir-vos a impor-nos uma reforma, para a qual falta-vos o essencial: a competencia e as habilitações.

A competencia, porque no regimen, em que parecemos viver, os programmas do governo devem subir de nós para vós, e não descer de vós para nós; as habilitações, porque uma reforma economico-politico-social exige um espirito pratico, que sempre vos faltou, e uma preparação longa, que nunca tivestes, nem estais mais em idade de adquirir.

Depois, no estado, a que chegamos, de intermittencia do bom senso do governo, e de suspensão das leis do paiz, o que cumpre fazer, antes de tudo, é devolver o poder a quem seja capaz de querel-o e de exercel-o por conta propria, e mais que tudo de restabelecer a legalidade aluida por essa propaganda infrene e insaciavel, que não pede, exige; não espera, impõe as suas opiniões revolucionarias, quasi articuladas em fórmula de decreto, como se a propriedade pudesse ser regulada por communistas, ou o imposto taxado por proletarios.

Contenha-se portanto, primeiro que tudo, a linguagem perigosa dos que pregam sem rebuço a indisciplina ao exercito, e a insurreição ao escravo, e, depois de firmada a segurança do presente, não será muito difficil preparar, sem convulsões nem perigos, o advento do trabalho livre, para o qual está evidentemente predisposto o espirito publico, e não duvidamos contribuir nós mesmos, os mais interessados no *estatu quo*.

Para isso urge, quanto antes, executar a lei de 28 de Setembro, na parte relativa aos libertos e aos ingenuos, e fazer uma lei de locação, tão severa quanto exige este periodo de transicção, e tão efficaz quanto seja mister para garantir o direito do locatario sem destruir a liberdade do locador de serviços.

Durante essa crise, é forçoso entesar o arco, e não é nas proximidades della que se pôde chamar para o paiz um elemento estranho e incapaz de resignar-se ao regimen indispensavel, para aproveitar-se o trabalho dos libertos.

Estes sam os substitutos naturaes—senão unicos possíveis—dos escravos, e, se trabalharem, como devem, por vontade, ou por força (porque a preguiça é não só um vicio torpe, como um crime social) serão bastantes; pois o trabalho livre será, em todo o caso, mais productivo do que o servil.

E, para forçar o liberto a trabalhar para si, nunca será preciso um regimen tão rigoroso, como para fazer o escravo trabalhar para o senhor, e, se o segundo pôde, apezar disso, trazer a producção nacional ao ponto, em que se acha, quanto não deveremos esperar do primeiro, tendo, além do mais, a consciencia do interesse proprio, que o outro não podia ter?

Por emquanto, o cofre das graças é o maior e melhor contribuinte, que pôde ter o fundo de emancipação, cujo alargamento pelo imposto deve aguardar o equilibrio das nossas finanças, e, sobre tudo, uma nova estatistica, sem a qual toda a reforma será inepta e formulada nos ares.

O governo, pois, que prepare, sem perda de tempo, colonias para os libertos e não receie que lhe faltem, senão fechar aquelle cofre efficacissimo neste paiz já semi-fardado; mas onde resta ainda tanta gente faminta de titulos e sequiosa de distincções!

Haja vista o effeito magico da creação illegitima da ordem dos — *Benemeritos Amazonenses*, que poupou á pro-

vincia 75% da quantia votada para extinguir o elemento servil da sua capital (3).

O mal, que d'ahi póde vir, é o depreciamento daquellas moedas da monarchia; mas, quanto a ellas, descance Vossa Magestade que não circularão muito tempo depois da extincção da escravatura;... provavelmente á falta de quem as distribúa, se não á mingoa de quem deseje-as.

A estatistica póde ser decretada já, nos termos do art. 8º da lei de 28 de Setembro, e em fórma de additivo á lei do orçamento do próximo exercicio.

No mesmo additivo deverão ser relevadas as multas, actualmente devidas por omissão das communicações relativas ao nascimento dos ingenuos, ao obito e á libertação dos escravos, sobretudo, dos que não pagam imposto.

Essa omissão, que é muito frequente a respeito dos primeiros, forma a regra geral a respeito dos ultimos; de modo que, sem a relevação da multa, que tiraria todo o interesse possível na occultação das faltas anteriores, a estatistica ficaria forçosamente falseada.

Para compensar, porém, e largamente, esse desfalque no fundo de emancipação bastará elevar um pouco mais o imposto do citado artigo da lei de 1871.

Feito isto, poderemos ter para o anno uma estatistica exacta (4) dos escravos existentes, apreciar os effeitos daquella reforma, e resolver como e até que ponto convirá desenvolvê-la, ou alterá-la.

O tempo não permite, nem o bom senso póde pedir

(3) Informações posteriores vieram provar que não foi tanto; mas deve ter contribuido em grande parte para a extincção do elemento servil n'aquella provincia, onde era tão fácil substituí-lo!

(4) Exacta, porque a omissão da matricula, em regra, importaria a liberdade dos omitidos.

mais, este anno, e acompanhar a propaganda não seria prudente, nem possível; porque todas quantas concessões se lhe fizerem serão apenas ponto de partida para outras novas e maiores exigencias.

Ha tres mezes conversava eu com um abolicionista, meu antigo companheiro de collegio, e, perguntando-lhe qual era o seu plano, respondeu-me com aquelle *a plomb* de quem não reflecte, ou fez profissão de propagandista: « libertar a côrte em 7 de Setembro; o municipio neutro em 31 de Dezembro deste anno, e o *resto* do Brazil em 25 de Março do anno vindouro. »

E o que pretende V., perguntei-lhe ainda, fazer de cerca de um milhão de libertos, lançados no correr de doze mezes, sem meios de subsistencia e sem trabalho certo, no seio dessa sociedade desaparecida, que criou-os como escravos, e só para escravos educou-os?

Isto, disse-me o abolicionista, é com o governo de Sua Magestade; nosso fim é acabar com a escravidão e levantar, se for possível, os senhores contra o mesmo governo: conseguido isso, este que arranje-se como puder com os primeiros pela frente, a pedirem pão, e os segundos pela retagurda, a reclamarem indemnização.

Assim pois, vê Vossa Magestade, elles não cogitam do dia de amanhã, nem carecem disso; porque aquelles mesmos, que não desejam turvar as aguas para pescarem nellas, mettem-se no negocio sem risco de capital, e, portanto, sem bastante razão para preoccuparem-se muito com o mallogro da liquidação definitiva.

Mas Vossa Magestade, que não tem outra renda senão a lista civil, e talvez não encontre, no dia seguinte ao da abolição, oito mil cidadãos, para substituirem aos outros tantos

escravos, hoje ao serviço daquella verba; Vossa Magestade que não poderá ter n'aquelle dia trabalho para empregar um milhão de libertos, nem força para conter a um milhão de ociosos, ou celleiros para saciar a um milhão de famintos, carece de reflectir um pouco mais, e de ser um pouco menos entusiasta dos senhores abolicionistas.

Elles têm mais razão, e, com o devido respeito, melhor tactica do que Vossa Magestade. Se tivessem mais prudencia nos seus planos, e mais probidade nos seus meios, seriam o partido do futuro, e não limitariam suas vistas á simples libertação dos pretos.

Nesse caso até eu proprio talvez sacrificasse-lhes os meus escravos e fosse reunir-me a elles, de quem separam-me apenas o respeito á legalidade, o medo das transições violentas, e, sobretudo, o receio de que estejam sendo em vossas mãos um instrumento inconsciente, para captardes, á nossa custa, elogios estrangeiros dos sabios da Europa, onde tendes os olhos postos, sempre que os despregais dos céos.

Quem não póde ter, nem razão nem desculpa, em tudo isso é, o vosso governo, desordeiro por inepecia ou demolidor por perversidade, o qual, depois de ter deixado dormir durante treze longos annos a questão servil, emquanto desenvolvia com febril actividade a advocacia administrativa e o commercio de decretos sobre suppostos melhoramentos materiaes e colonisação estrangeira, pretende agora encobrir a sua provada insufficiencia proclamando insufficiente a lei de 28 de Setembro, tão acima da capacidade delle que ainda não foi executada em pontos capitaes, quanto mais desenvolvida nas providencias complementares, que exigia desde então!

Senhor, em politica a liberdade é a regra, e o poder a excepção; o Estado deve deixar á iniciativa do individuo tudo quanto ella quizer e puder fazer, sem prejuizo de direito alheio, e fazer só o que for preciso, e ella não quizer, ou não puder realizar.

Pretender o governo antepor-se, ou sobrepor-se á opinião do paiz, manifestada pelos seus órgãos legitimos, é inverter as posições, e admittir que a sociedade seja órgão delle, quando, pelo contrario, elle é que é órgão della.

Na questão servil ha dous problemas capitaes: tirar o escravo do captivo e incorporar o liberto na sociedade civil; pois fôra cruel e iniquo pretender a sua eliminação desta, como pretenderam os abolicionistas norte-americanos, e comvosco parecem pretender tambem os *immigracionistas* brasileiros (5).

A iniciativa particular tem se avantajado immensamente ao governo em relação ao primeiro problema; ao passo que tem-se mostrado absolutamente incapaz de resolver o segundo. (6).

Ao poder publico, portanto, cumpre deixar livre aos individuos expandirem sua acção espontanea na direcção, que tomaram, sem prejuizo do direito creado pelas leis existentes, que sam a medida commum da liberdade de todos, e occupar-se, de preferencia, do aproveitamento e da incor-

(5) V. g. o Sr. Taunay, immigrante por ascendencia e immigracionista por deferencia á V. Magestade e ás colonias, que representa e que vam se tornando um Estado no Estado.

(6) Se eu tivesse meio efficáz para coagir ao trabalho o libertado sob condição de servir, já teria convertido a minha fazenda em colonia de libertos. Mas qual! se as leis, que temos parecem feitas pelos locadores em odio aos locatarios de serviços. Que pena, Senhor, não ser Vossa Magestade fazendeiro, como eu, para saber quanto isso é bom, quando tem-se um governo paternal e excellente, como o de Vossa Magestade!

poração do libertos, tomando á propaganda sentimental esses fructos dispersos, que ella sôe abandonar á miseria e ao crime, no limiar da vida civil, como aquelles filhos espurios, que os pais dissolutos semêam ao acaso nos campos da vaga venus.

Mas é isso o que tem feito, e quer fazer o vosso governo? Ninguem o dirá. Pelo contrario, imbuido das idéas do *Rei-Estado* e do *Estado Providencia*, tem ciúmes de tudo quanto se faz sem a sua intervenção; disputa a primazia até mesmo dos festejos mais futeis, e é por isso que anda por ahi a correr parellas com o abolicionismo, e na mesma direcção que elle, deixando em completo abandono o segundo problema, aquelle exactamente, que exige mais criterio, mais tenacidade e mais tempo.

Senhor, a escravidão não se discute, apenas justifica-se, como a realeza, a pena de morte e outras instituições analogas, pela sua necessidade actual, e pela difficuldade de substituil-a rápida e efficazmente.

Essa substituição, aliás necessaria, só poderá ser feita sem conflagrar-se o paiz, por ministros capazes e autonomos, e mediante os processos legaes, que sam inevitavelmente mais ou menos morosos.

Comprehende-se, porém, quanto deve pesar, essa demora a quem nunca soube esperar, e cêdo aprendeu a vencel-a, apesar da Constituição, sem que até hoje tivesse ainda tido motivo para arrepender-se disso.

Que venha pois, e já, mais outro golpe no titulo dos vossos poderes, seguido immediatamente de uma reacção, como a do padre José da Cêa, no tempo do Aureliano.

Vossa Magestade parece ter aprendido em Machiavelli, companheiro inseparavel de todos os reis, que a conducta

dos principes deve ser audaz; mas esqueceu provavelmente que elle refere-se aos principes moços, dando como razão que «a Fortuna é fêmea, e, como as mulheres, em geral, prefere aos velhos os moços, e d'entre os moços os mais arrebatados aos mais circumspectos.»

Não estará essa cortezã volúvel e travessa, que tão fiel vos foi dos seis aos quinze annos, e que até hoje ainda vos não trahiú, a fazer negaças para abandonar-vos agora que vê tocando-vos o doudecimo lustro?

Nesta idade o homem não inspira mais paixão á mulher; a menos que elle não seja um Crates e ella uma Hipparchia: caso raro, mal averiguado e com que se não póde contar; portanto é o caso de dizer, como os francezes:

—*Femme varie et bien fou est qui s'y fie.*

Isto não é profecia, nem passa de simples observação respeitosa de

UM SUBDITO FIEL.

24 de Julho de 1884.

DECIMA CARTA.

Senhor,

Apezar de filiado, como sou, por dever e colleguismo, ao Club da Lavoura da minha parochia, onde ouço constantemente accusações, cada vez mais graves, contra SS. EEx. os Srs. abolicionistas de Vossa Magestade, aproveitei a minha estada nesta côrte para assistir ás conferencias dominicaes do Polytheama; afim de não formar o meu juizo ouvindo sómente

«Razões de quem parece que é suspeito.»

Nesse proposito fui ás duas ultimas: uma do autor do *Abolicionismo* anglo-brazileiro; outra do mais genuino representante do abolicionismo cearense.

Escusado é acrescentar que lá ouvi cousas do arco da velha contra a minha classe, respeitavel ao menos pelo numero, de envolta com proposições indicativas de que os oradores não conhecem nossa vida, e ainda menos a economia interna dos nossos estabelecimentos, admittindo-se que falassem de boa fé, cousa de que, aliás, nos não supõem capazes.

Lá ouvi o primeiro orador resumir o muito que escreveu contra nós na sua obra, e combater com certo zelo a geral opinião, que vos attribúe a direcção suprema do abolicionismo official, e já sem as reservas presumiveis no chefe, apenas pubere, da revolução do *Quero já*.

Confesso entretanto que em meu espirito desconfiado o effeito da defesa, que veiu confirmar minhas suspeitas, foi de todo contraproducente; porque, Senhor, com que interesse defender-vos-hiam aquelles, que sóem accusar a todos quantos não commungam com elles, se vós não fosseis dos *seus*?

Lá notei ainda que o orador, na sua verrina contra a lavoura, repellisse a idéa de educar-se o liberto para o trabalho livre, submettendo-o a um regimen de transição «porque, disse o conferente, para isso fôra mister educar primeiro ao Senhor,» como se o liberto tivesse ainda senhor, ou se a educação delle para a vida civil devesse e pudesse ser feita no estado servil!

Do segundo orador, o que primeiro estranhei foi uma injusta e formidavel critica a um discurso recente do Sr. Ottoni, sem o mais leve protesto dos que eu suppunha co-religionarios de S. Ex., e a maledicencia mais cruel vomitada contra outro distincto senador liberal, por todos os titulos respeitavel (1), e respeitado até pelos adversarios politicos, muitos dos quaes querem-lhe bem, inclusive este subdito fiel de Vossa Magestade.

Depois disso o homem espraizou-se contra aquelles, que declaram-se emancipadores, como contra outros tantos hypocritas perigosos; porque, em sua opinião, para ser boa

(1) O Sr. Martinho Campos.

pessoa e digna do seu respeito, é preciso negar *in limine* a legalidade da escravidão e recusar peremptoriamente toda idéa de indemnização ao senhor, como quer fazer o governo de Vossa Magestade, ácerca de certa classe de escravos.

Em apoio dessa doutrina, que para mim era nova, apresentou elle um artigo da Constituição que diz: « São cidadãos brasileiros « os que no *Brazil* tiverem nascido » e d'ahi concluiu, de um salto, que os *suppositos* escravos eram *ipso facto* cidadãos brasileiros, como qualquer de nós outros.

Eu quiz dizer-lhe—*Incivile est...* ou pedir-lhe que lesse o resto do artigo, mas não pude; porque, antes de abrir a boca, desatei a rir, lembrando-me do exemplo de sophisma, trazido pelo meu compendio de logica e concebido nestes termos: « o rato rõe; ora, rato tem duas syllabas; logo, duas syllabas róem »; e quando tornei a mim e pude conter o riso, o homem já ia muito longe; não era mais tempo de dar o aparte, em todo o caso arriscado a ser mal recebido pelo auditorio, que, seja dito de passagem, era nesse dia muito menor e sobretudo menos escolhido que o do domingo anterior.

Entretanto, mesmo neste, o orador do dia teve um *apartista* *comme il faut* e estiveram presentes muitos escravos, inclusive um de certo amigo meu, o qual, dous dias depois, insurgiu-se com tres outros companheiros e obrigaram ao procurador do dono, então ausente, a recorrer á policia, que os recolheu á cadêa, onde estam ainda com boa alimentação e provavelmente sem castigo; porque as autoridades de Vossa Magestade já revogaram o § 6º do art 14 do Codigo Criminal; e naturalmente porque todos rezam pela Constituição do abolicionista cearense.

O facto é authenticico e incontestavel a ligação, que prende-o á conferencia do Sr. Nabuco, e por elle se póde conjecturar os effeitos provaveis da outra, que foi muito mais desabusada e pareceu assistida por um numero de escravos muito maior que o dos assistentes da primeira. (2)

No intervallo das duas conferencias vi tambem uma publicação, no *Jornal do Commercio*, onde um senhor narava minuciosamente o furto de um seu escravo, citando nomes de dous co-autores do crime, que é considerado publico pelas leis vigentes, sem que a policia os tenha chamado á sua conta, como pouco antes fizera a respeito de um pobre diabo, cujo nome póde ser phantastico; porque ninguem conhece-o.

E' verdade que um dos dous indiciados não podia ser processado no fôro commum; porém o chefe de policia, que não pecca por ignorante, bem podia fazer-lhe o inquerito e remettel-o depois á autoridade competente, para provocar um exemplo, de que ha muito estamos carecendo.

Eis ahi Vossa Magestade a que estado de desrespeito ás leis e de relaxação da policia tem-nos reduzido o governo do rei mais sabio e mais correctamente constitucional do mundo civilizado!

E' essa a liberdade, que nos preparastes em cincoenta annos de omnipotencia? E' esse o estado, em que desejais passar a corôa á vossa filha, digna de melhor successão, e fatalmente votada a ser victima do vosso *liberalismo*,— se seu augusto esposo, mais providente do que Vossa

(2) Nesta Typographia póde-se declarar o nome e a residencia do senhor desses *escravizados* insurgidos.

Magestade, lhe não preparar em tempo uma retirada a Xenophonte ?

Só a ineptia, ou a má vontade poderia explical-o.

Se amanhã qualquer demagogo desempregado convocar o exercito para uma conferencia, e nella *trovejar* contra a monarchia, dizendo que «o poder dos reis funda-se na tolice dos povos; que é uma instituição caduca, no seculo das luzes, contraria á natureza, destruidora da igualdade humana, reprovada pelo proprio Deus no cap. 8º do 1º Livro dos Reis, sem fundamento na Constituição, que proclamou a soberania nacional, e indigna de ser supportada por homens nascidos neste solo livre da America, onde todos sam cidadãos e só existem subditos nesta região degradada, que estende-se do Amazonas ao Prata », com que direito poderiam impedil-o aquelles, que consentem e applaudem as conferencias do Polytheama, emquanto fecham a tribuna a quem deseja contar ao publico a historia da arrecadação e do emprego do producto das *Kermesses* ?

Senhor, a liberdade não é o direito de cada um fazer e dizer o que quizer. Se tal direito competisse a cada homem, nenhum delles poderia co-existir com outro, quanto mais com milhões de outros ! Nesse caso Hobbes teria razão, o homem seria o lobo do homem, e a guerra o estado natural da humanidade.

Não, Senhor, não é isso a liberdade; é o poder de exercermos nossos direitos e de cumprirmos nossos deveres —e, nas sociedades politicas, a lei positiva é a medida commum de uns e de outros.

Os homens regulam sua vida, segundo seus costumes e segundo suas leis; os costumes sam os modos habituaes de manifestar-se a liberdade no seu desenvolvimento espon-

taneo; as leis sam os costumes, que o poder social quer introduzir na sociedade, se sam novos, ou firmar, se, já existindo, carecem todavia de sancção.

Ora, o costume é uma segunda natureza, e a natureza não é cousa que se deixe vencer facilmente pelos caprichos do governo, ou pelas idéas *fixas* dos governantes: *Quid leges sine moribus vanæ proficiunt?* perguntava Horacio, cujo estro não supprimiu-lhe o bom senso.

E' por isso que as leis, que chocam de frente os costumes populares, sam em regra inexequiveis, como por exemplo, aquella vossa da conscripção, e quanto mais se accumulam mais desacredita-se o legislador e mais desconjuncta-se a sociedade.

Era o caso de Roma, quando Cicero exclamava: *Plurimæ leges corruptissima respublica!*

Tal qual como aqui, onde as leis superabundam á proporção que escasseam os consules, dignos deste nome.

Montesquieu achava-se forte em suas maximas, quando tinha por si o exemplo dos romanos, por isso invocarei de preferencia as lições daquelle povo, cujo senso juridico ainda não foi igualado, nem mesmo pelo inglez.

Emquanto conservou-se a pureza dos costumes primitivos, a lei, que permittia o divorcio, passou inoffensiva e sem applicação, durante mais de cinco seculos; depois que a guerra enriqueceu o povo, e a riqueza com a consequente ociosidade relaxou os costumes, apezar de todas as restricções, que as leis procuraram oppor á dissolução do vinculo conjugal, houve mulheres que chegaram a contar seus annos pelo numero dos maridos, que tinham tido.

Nos tempos primitivos o direito de vida e de morte, attribuido ao pai sobre os filhos e ao senhor sobre os escri-

vos, pôde manter-se igualmente muitos seculos, sem que a historia registrasse mais de tres casos do exercicio do primeiro ; mas, depois que a corrupção, descida do governo, inundou o povo, foi preciso coagir o pai a emancipar o filho, e o senhor a vender o escravo, que seveciassem, e só se lhes permittiu infligir castigos severos por intermedio das autoridades.

Na opinião do povo—rei, isto dava ao castigo particular o caracter de uma pena publica, e elevava o castigado, da posição de escravo á de réo.

Quanta differença entre o criterio d'elle e o do vosso governo, que processa o senhor, quando castiga o escravo a seu arbitrio, e recusa-lhe o auxilio de seu braço, quando recorre-se a elle ! Temos progredido muito...

Senhor, a sociedade é um organismo analogo ao dos individuos, que a compõem : ella vive, cresce e modifica-se tão constante, como insensivelmente.

Cada factor novo, que se lhe aggrega, modifica mais ou menos, porém, sempre a direcção do movimento geral do grande aggregado, de que veio fazer parte.

Quanto mais complexo é esse aggregado, mais variados, confusos e incalculaveis sam os effeitos trazidos pela força addicional, e por isso é quasi impossivel prever, com segurança, as consequencias de uma lei nova, que como tal deve ser considerada, na sociedade civil.

Pôde-se todavia affirmar, sem perigo de erro, que os effeitos imprevistos de uma reforma social serão muito mais numerosos do que os desejados ; porque, em regra, a acção directa do legislador é annullada, ou, pelo menos, desviada

pela reacção contraria dos interesses feridos por elle, e na politica, do mesmo modo que na astronomia, os grandes movimentos devem seguir uma curva, em vez de uma recta, embora seja esta o caminho mais curto, para evitarem os angulos e os choques, que costumam ser fataes.

Por isso diz Montesquieu, é bom que as leis não pareçam ir directamente ao seu fim, e a pratica, attestada pela historia dos povos cultos, confirma-o a cada passo.

A nobreza de Roma oppoz-se obstinadamente á creação dos tribunos, como á uma usurpação, mas o senado, que via mais longe, cedeu e Cicero diz-nos que foi a salvação da republica, e por consequencia da mesma nobreza; porque, incarnando a plebe em individuos, que tinham consciencia da responsabilidade do poder, obteve-se um quebramar contra as convulsões inconscientes da mesma plebe desesperada.

Para reprimir a devassidão das mulheres romanas, decretou-se que ellas perdessem o dote, quando dessem causa ao divorcio. O remedio parecia adequado; mas em breve os maridos desbriados incitaram-nas a prevaricarem, para lucrarem-lhes os dotes, ou davam causa ao divorcio em prejuizo de seus pais, e foi preciso cohibir o novo abuso, resultante da repressão do primeiro.

Na Russia, para cohibir-se o roubo, tornado habitual, puniu-se o roubador como assassino, com a pena ultima, e, em vez de diminuirem os roubos, multiplicaram-se os assassinatos; porque os ladrões tiveram a cautela de matar antes de roubar as victimas da sua cubiça.

A pena era a mesma, e o perigo da denuncia era menor; porque homem morto não fala.

Na Austria, para evitar-se o augmento da população

proletaria, prohibiu-se o casamento ás pessoas, que não tivessem meios de vida, e essa medida, aparentemente moralizadora, em vez de produzir o effeito desejado, apenas augmentou o numero dos filhos naturaes e, por consequencia, a miseria da classe, que se pretendeu favorecer.

Em 1851, 51% dos nascimentos de Vienna eram illegitimos, proporção nunca vista em outra cidade da Europa, nem mesmo em Munich.

Na França, Napoleão, para enfraquecer a nobreza, apoiada na sua grande fortuna, estabeleceu a herança necessaria, sob cuja acção dissolvente nenhuma casa poderia resistir incolume a quatro gerações. Effectivamente o Codigo Civil, em menos de um seculo, conseguiu um dos seus fins: enfraquecer a aristocracia; mas, em vez de fortalecer com isso a monarchia, que era o outro fim, tornou-a impossivel no seio da demagogia, que ella mesma preparou, fragmentando a propriedade, até ao ponto de tornal-a inutil, e augmentando parallelamente o proletariado, que é por sua natureza demagogico.

Na Inglaterra a lei dos pobres, creando fundos publicos para auxiliar a caridade particular, e mandando distribuil-os na razão do numero das pessoas das familias soccorridas, produziu dous males maiores do que o bem, que teve em mente: creou os mendigos voluntarios, que as *Work-Houses* ainda não puderam extinguir, e applicou a melhor parte dos seus centos e setenta e cinco milhões de francos annuaes (3) ás prostitutas carregadas de filhos, procurados como meio de renda, emquanto as mulheres honestas, mais dignas de dó, sam muito menõs aquinhoadas.

(3) A obra donde extrahi esta informação é de 1873.

Ninguem diria, ha 230 annos, observa Spencer, que a taxa dos pobres se tornasse uma especie de gangrena nacional !

Outra lei ingleza, para cohibir a prostituição, cada vez maior no seio daquelle povo, grande em tudo, conferiu a certos agentes publicos o direito de denunciarem as mulheres perdidas, para sujeital-as a um regimen excepcional e rigoroso.

Entretanto poucos annos depois verificou-se que essa lei, destinada a reprimir a corrupção dos costumes, em vez disso, havia creado operarios invenciveis da mesma corrupção. Só um dos seus executores havia violado, segundo sua propria confissão, a 500 desgraçadas, que sacrificaram-lhe a honra em segredo, para evitarem o escandalo publico de um processo injusto ; mas degradante !

Ahi tem Vossa Magestade como uma lei insensata pôde converter o proprio pudor em a gente da prostituição.

Mas, para que ir tão longe buscar provas da fallibilidade das reformas planeadas nos ares por governos myopes, ou estadistas apenas recommendados pela sua docilidade, se temos tantas em casa, que a difficuldade é escolher entre as muitas, que assaltam-nos o bico da penna, pedindo preferencia ?

A lei, que prohibe entre nós o exercicio do direito natural de andar armado, em vez de evitar os crimes, como pretendeu, augmentou a audacia dos malfeitores; dando-lhes uma superioridade intoleravel sobre aquelles, em cujas mãos a arma seria simples meio de defesa,—sobre os cidadãos pacificos—os unicos que cumprem-na, apesar do risco a que isso pode expôl-os.

A lei, que prohibiu a separação das familias escravas,

aliás superflua, porque nunca vi um caso de separação de conjuges, e muito poucos de filhos em tenra idade, deu em resultado a quasi cessação dos casamentos entre escravos, os quaes eram muito communs nos estabelecimentos fabricados por um numero mais ou menos consideravel delles.

A propria reforma judiciaria, tão recommendada na fala do throno de 1871, apenas exequivel nos grandes povoados e absolutamente incapaz de bastar á autoridade no interior, quasi deserto, do paiz, a quantos abusos não tem dado lugar, muitas vezes justificados por necessidade imperiosa, e muitas outras resolvidos a sangue frio e á sombra dessa desculpa habitual ?

Finalmente, quem diria que as onze palavras do ultimo artigo do Acto Adicional, supprimindo o conselho de Estado, tornaria omnipotente e destruidor de todos os outros poderes aquelle, que a Constituição quiz fazer simplesmente moderador ?

Entretanto o que vemos depois disso !

Vossa Magestade, como unidade unica, ladeada por dous grupos de zeros, que só tem valor positivo, quando postos á vossa direita, e os partidos, chamados historicos, incapazes de odio, apenas susceptives de ciúmes, a lutarem com uma furia canina, não como homens de guerra, em campo franco ; porém como duas mulhes livres a disputarem a posse do mesmo amante, n'uma agua furtada, ou n'uma viella escusa.

Por tudo isso, e pelo mais que Vossa Magestade poderá ver em Montesquieu, Spencer, Seymour e Le Play, onde colhi os exemplos do estrangeiro, peço-vos permissão para dizer que desconfio muito dessa reforma do elemento

servil, ideada no paço de S. Christovam e articulada na rua de S. Salvador.

Mas não, Senhor, digo mal, essa reforma não é obra vossa, nem do vosso primeiro ministro; eu esperava por ella desde que li na *Gazeta da Tarde* de 24 de Abril o discurso do senador Schœlcher, presidente do banquete Patrocinio, dado em Pariz, em honra do Ceará, que parece ter entrado nelle, como simples pretexto para uma exhibição pessoal.

Nesse discurso vi que Victor Hugo *está impaciente* pela victoria dos abolicionistas brazileiros, aos quaes recommenda a agitação, até que tenham *arrastado todo o imperio...*

Ali pré-gava-se a *emancipação sem transição*, chamava-se *abominavel a lei de 1871, mais immoral que a escravidão*, e dizia-se que, *se ella pudesse subsistir asseguraria ainda pôr mais de um seculo a posse do homem sobre o homem!* (4)

Os servos de vosso avô, D. João VI, quando queriam inspirar-lhe alguma idéa nova, recorriam ao confessor, quasi sempre frade, alheio á politica, mas sempre portuguez, e muita vez patriota; os vossos subditos carecem de fazer caminho mais longo, e procurar no estrangeiro os canaes, que communicam com o cerebro do soberano.

E' muito escarnecer deste rebanho de Panurgio!

Mas não faz mal, Senhor, carregai-lhe a mão sem dó e sem descanso, a ver, se, á força de ferrão e carga, a besta torna-se povo.

E' bom comtudo salvar as apparencias—o mais que elle

(4) Por esse calculo pode-se aferir o criterio e a consciencia, com que falam das nossas cousas os sabios directores espirituaes do nosso paternal governo.

póde pedir—porque, apezar dos pezares, a nossa defunta Constituição é ainda o titulo ostensivo da vossa corôa, e não é prudente pol-o em duvida, depois de sessenta annos de bons serviços.

Ella supprimiu, muito de proposito, o art. 254 do projecto da Constituinte, desde que considerou o Brazil, como equivalente da totalidade dos cidadãos brazileiros, e considerou tão indelevel o estygma da escravidão, que reduziu a meio-cidadãos os que della haviam sahido.

Os que nella continuaram, portanto, foram envolvidos na palavra *haveres* do § 15 e ficaram, nos termos do § 22, objecto da *propriedade*, cuja plenitude foi garantida como materia constitucional, nos termos do § 34, salva a *unica excepção* da expropriação, mediante *indemnisação previa*, nos termos do mesmo § 22, todos do art. 179.

Se, pois, Vossa Magestade quer mais outra excepção, e não pretende, como os abolicionistas, affrontar a nossa lei das leis, siga a estrada larga da legalidade, e, ao mesmo tempo que decretar a estatistica, lembrada na carta anterior, promova, como pretendeu para a eleição directa, a convocação de uma Constituinte, para o anno vindouro.

Se a Constituinte de 1823 já pretendeu extinguir a escravidão, não receie Vossa Magestade que a de 1885 seja menos liberal do que o filho do Imperador, que dissolveu a primeira.

Seria um excellente ensejo para tentar-se outros retoques, de que precisa nossa Constituição, e de que tratarei na carta seguinte, se Vossa Magestade não mandar o contrario.

Esse caminho é talvez mais longo do que convem aos

compromissos de Vossa Magestade com os homens do Polytheama e do banquete de Pariz ; porém é o mais seguro.

A escravidão do Brazil é irmã gêmea da monarchia da America ; ambas têm por si os mesmos argumentos : a tradição, o costume e a lei.

O vosso governo com uma camara *introuvable* poderá obter uma lei, que revogue tumultuariamente a escravidão, rompendo com os costumes e com as tradições ; porém não poderá impedir que a associação das idéas queira, mais cedo ou mais tarde, applicar á monarchia o mesmo processo, que ella quer applicar hoje á sua irmã.

A logica é uma republicana, tão impalvavel como perigosa, e tem certos impetos brutaes, que sam capazes de fazel-a vencer de um salto toda a distancia, que vai da senzala do negro ao palacio do Imperador.

Não o digo por mim, que nunca seria cabeça de revolução, porque sei que ella, mais perversa do que Saturno, antes de comer os filhos, costuma comer o pai ; mas, Senhor, nem todos os vossos subditos sam fieis, como eu.

Os radicaes de amanhã serão os vossos co-religionarios de hoje, no abolicionismo official.

Com uma pennada, seguida de uma investidura, não se faz um Rio Branco, e ao Sr. Dantas, aliás mais instruido do que o Sr. Saraiva, faltará sem duvida o prestigio deste e a *mens divinius* de Paranhos, que um decreto imperial não póde dar.

Depois, elle começou abandonando a trilha do seu distincto comprovinciano.

Rio Branco olhava para o Brazil e o Sr. Dantas para a *Gazeta da Tarde* ; aquelle partiu da Constituição e foi ao fim sem sahir della, este começa rompendo com ella, porque

o seu programma, Vossa Magestade viu, veiu do banquete de Paris, onde ella não foi lembrada, e, se o fosse, teria sido tratada como a *abominavel lei de 1871*.

Por tudo isso me parece que, se este paiz ainda não estiver inerte, como um cadaver, o presidente de 6 de Junho não dará conta da empreitada, que vossa Magestade Imperial em má hora confiou-lhe.

Entretanto Deus o ajude, e inspire sempre o melhor á Vossa Magestade, como de coração vos deseja

UM SUBDITO FIEL.

3 de Julho de 1884.

UNDECIMA CARTA.

Senhor,

Eu devia, nos termos da promessa feita na minha anterior, tratar hoje dos pontos, em que a nossa Constituição pode e deve ser retocada pela Constituinte, cuja convocação aconselhei para o anno proximo vindouro ; mas não posso fazel-o sem addicionar um *Post-Scriptum*, que a prolixidade d'aquella carta não comportava mais, e que é bastante longo para occupar todo o espaço da presente.

Começo, portanto, de pedir-vos o perdão dessa falta de cumprimento do que prometti, e espero obtel-o ; porque Vossa Magestade, certamente, não ha de reprovar n'um simples subdito o que não julga indigno de seu proprio soberano.

Effectivamente, Vossa Magestade, que, segundo affirmam todos quantos privam comvosco, tem uma memoria de Cezar, ha de estar lembrado do que disse ao paiz nas falas do throno de 1867 e 1871, e ainda na deste anno, que o 6 de Junho pretende deixar sem resposta (1), e que não é

(1) Como ficou.

precisamente o mesmo, que diz o programma do Sr. Dantas, para não dizer, que é exactamente o contrario.

Na primeira dellas Vossa Magestado recommendava que, «respeitada a propriedade actual e sem abalo profundo em nossa primeira industria—a agricultura—fossem attendidos os altos interesses, que se ligam á emancipação» do elemento servil.

Na segunda Vossa Magestade intimava ao parlamento a solução do elemento servil—*como uma aspiração nacional*—nestes termos :

«E' tempo de resolver esta questão e vossa esclarecida prudencia saberá conciliar o respeito á propriedade existente com esse melhoramento social, que requerem nossa civilização e até o interesse dos proprietarios (2).»

Na ultima Vossa Magestade recommendava a proposta de 2 de Agosto do anno passado, accrescentando: «E' este um grave assumpto, cuja final solução se obterá pela execução do systema da lei de 28 de Setembro de 1871 e o governo está certo de que, desenvolvendo-o, adoptareis os alvitres, que vos inspirar a vossa sabedoria.»

Entretanto o actual presidente do vosso conselho de ministros acaba de cortar por todas essas promessas imperiaes, em que descansamos nós outros, credulos agricultores, que recebemos satisfeitos a lei de 1871, e temos conservado os ingenuos inuteis, em vez de trocarmol-os pela apolice de 600\$, superior ao preço artificial e officialmente reduzido (3) de um trabalhador escravo, e bastante

(2) Sobretudo, se a esse tempo já estava resolvido que se não executasse mais nenhum escravo, condemnado por ter assassinado o senhor.

(3) E' esta a razão porque, crescendo a necessidade dos escravos á proporção que diminue o numero delles, desce, em vez de subir, o valor dos mesmos.

para onerar muito o thesouro, cujas responsabilidades já sam sobejas para tirar o somno a qualquer governo, que se não resigne ao triste papel de vigario encommendado dos sabios estrangeiros.

Agora, porém, que vai-se fazendo a luz sobre a nossa *alta* politica, a prudencia aconselha a todos nós a entrega dos mesmos ingenuos, á medida que completarem oito annos, para salvarmos o capital, que empregamos na compra das escravas, confiados no vigor das nossas leis e na seriedade dos poderes constituídos, se é que existe mais de um.

Não posso admittir que o novo e inopinado programma deva correr por conta do ministerio actual; porque a sua comparação com os dos outros anteriores do mesmo partido, deixa ver bem clarò que elle foi o resultado fatal de uma pressão de contínuo crescente, que tendes exercido sobre esta situação, á proporção que têm-se augmentado as suas difficuldades, imitando nisso o que no commercio costumam fazer os credores usurarios com os devedores apertados.

Assim, emquanto a situação esteve exuberante de vida, satisfazia-vos o plano dos Srs. Sinimbú e Saraiva, limitado á eleição directa, e até o do Sr. Martinho Campos, que apenas queria o que era mais urgente: melhorar as nossas finanças.

Depois que as difficuldades surgiram em maior escala, começastes a apertar a corda, já exigindo do 3 de Julho a localização provincial; já compellindo o 24 de Maio á proposta de 2 de Agosto do anno passado.

E ultimamente, que as circumstancias tornaram-se mais criticas, fizestes o presidente do 6 de Junho admittir a possibilidade de tudo; de libertar nossos escravos sem indemnização; de obrigar-nos a carregar com os onus da sustentação dos libertos sem as vantagens do patrono; de

fixar-se *a priori* o valor do bem alheio; e de annullar-se a propriedade, tirando-lhe a livre disposição, que é o seu principal característico, em quanto punha em duvida o direito social de coagir-se o vadio a viver do seu trabalho, para não aggravar os onus da população laboriosa!

N'outros termos a solução da crise do mez passado foi a resultante das duas celebres maximas: *divide et impera* de um lado, e do outro—*omnia pro dominatione*...

Vossa Magestade conhece bem a gente, com que lida assim conhecesse o *resto*!

Dadas as nossas circumstancias actuaes, n'outro qual-quer paiz de fórmias representativas, a junção da gente séria dos dous partidos historicos, contra o adversario com-mum, teria sido, ha muito tempo, um facto consummado, e o 6 de Julho, ou nunca teria existido, ou pouco teria durado; mas aqui, onde o poder só parece desejado por gula, ou por vaidade, as dependencias do nepotismo suffocam as inspira-ções do patriotismo e a pequena politica não deixa fazer-se a grande.

Debalde objectaram-vos tres conselheiros, mais fieis ou mais sensatos, que não era opportuno o programma, que querieis impor-lhes: fechastes os ouvidos a seus pareceres e percorrestes a escala até encontrar, em segunda via, um bastante docil para sujeitar-se ás vossas condições, com o qual firmastes o pacto secreto, cujo cumprimento todos aguardam receiosos, e muitos revoltados.

Entretanto, que grande novidade sobreveiu, entre a retirada do pacato 24 de Maio e o advento do trefego 6 de Junho, para justificar os avanços do presidente deste, affeito ás patriotadas do 2 de Julho e porventura mais avido de vangloria, do que preocupado pelo futuro da patria?

As reclamações da opinião publica, dirá elle e com elle repetirão os publicistas officiosos, que pullulam no *Journal*, com escala pela rua do Sacramento.

Mas, Senhor, para vós o órgão legitimo dessa opinião era o parlamento, e no parlamento apenas notavam-se dous senadores e meia duzia de deputados francamente adhesos ao abolicionismo official, cumprindo accrescentar que entre os primeiros não figurava o presidente do 6 de Junho, cujas idéas a respeito só se fizeram conhecidas depois da investidura do poder, e, provavelmente, em virtude da mesma investidura.

Se, apesar disso, parecia-vos chegada a vez da propaganda, seus apóstolos confessos e notorios, de preferencia a um taciturno, ou dependente da vossa vocação, deviam ter sido chamados a dirigir os destinos do paiz, suppondo-se que nelle não reine, governe e administre o absurdo, como pretendia o fallecido José de Alencar.

Não se infira d'ahi que eu desejo vel-os governando-nos; pelo contrario tudo leva-me a receiar sua ascensão, por que a mór parte delles é de uma incoherencia intoleravel.

Um dos dous senadores possúe, ou possuía, até bem pouco tempo, escravos, tidos e tratados como taes, e não ha muito acoutou um alheio, a que deu evasão, depois de descoberto pelo senhor, e procurou alforriar, depois de foragido, naturalmente, para facilitar o accôrdo sobre o preço.

Outro tanto não posso dizer do segundo, o qual, menos corajoso que o Sr. Dantas, não póde applaudir os processos cearenses, que este declarou irreprehensiveis, e estam sendo authenticamente sustentados pelo satyrico ex-presi-

dente, em vespera de nova commissão, ao qual escapou contudo explicar como, em tão pouco tempo, foram libertados os escravos de menores, interdictos, ou insolvaveis ; assim como em que fundam-se as immuniidades dos fugitivos da propria provincia e das suas vizinhas.

Na camara, um dos dous mas convictos propagandistas, emquanto nega o direito de ser o senhor indemnizado pelo valor do escravo, conserva mettido em si, como acquisição muito legitima, o preço por que vendeu um para S. Paulo, onde sabe que o mesmo continúa na escravidão, e que, para sahir della, talvez não carecesse de mais de metade do que custou ao adquirente e rendeu ao ex-senhor.

E este não é sómente um abolicionista de mão cheia, é tambem tão dedicado monarchista, que imagina accusações á Vossa Magestade, para ter o gosto angelico de ser-vos util, encastoando defesas importunas em aleives levantados contra os Clubs da Lavoura.

O outro dizia, não ha muito, que na marcha, em que iam os abolicionistas, ninguem se admirasse de vel-o tornar-se escravocrata e, exactamente quando mais multiplicaram-se os excessos, que o apavoravam então, curvou a cabeça empertigada e rendeu-se á discrição da propaganda ; talvez porque descobrisse os fios subterraneos ou aereos, que communicam a rua de Uruguayana com o bairro de S. Christovam, e S. Ex. só deixa o serviço das suas ambições, quando cede ao impulso dos seus odios. E' por isso que o temos visto, ora tribuno de carroça ; ora bispo civil do Poço da Panella, ora guarda das galerias, cujas funcções, não ha não ha talvez quatro semanas, vimol-o accumular com as de deputado, evidentemente incompativeis.

Não cito os nomes proprios, porque não desejo magoal-

os, nem tão pouco recommendar-vol-os para a primeira lista triplice, em que forem incluídos.

Elles que perdõem-me a crueza dessas verdades, e creiam que, salvo o fundo, aceitarei qualquer correccão á fórma; pois somente não digo as cousas do modo mais suave, quando a lingua não ajuda-me.

Depois, devem levar-me em conta a sinceridade, com que affirmo que todos elles deviam ser ministros com muito mais razão do que o Sr. Dantas, se fosse axacto, como parece acreditar Vossa Magestade, que era chegada a vez de entregar este paiz aos agitadores da propaganda.

E' escusado accrescentar que, a meu vêr, não tem razão o 6 de Junho para romper com as tradições do seu antecessor nesta questão, e menos a teve Vossa Magestade para fazer com elle esse pacto secreto, que pôde ser tudo quanto vos aprouver, menos congruente com a posição superior, em que a Constituição quiz collocar-vos.

Desculpai-me, Senhor, esta franqueza incivil, que a ignorancia dos estylos e minha acanhada educação devem attenuar; mas quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle, e os reis correm, nestes negocios, o risco dos deuzes de Homero, quando mettiam-se nas lutas humanas.

Venus e Marte não teriam sido feridos por Diomedes, se não tivessem descido do Olympo para combaterem os gregos: a defesa é um direito natural, a que se não pôde renunciar em tempo algum, nem dar limite prévio.

Em 1871 tambem se vos attribuiu a iniciativa da proposta, convertida na lei de 28 de Setembro; porém não era Rio Branco ministro para descobrir a corôa, quanto mais para invocar em seu apoio um pacto, feito com ella nos recessos do gabinete.

Seu projecto foi quasi todo modelado pelo da commissão especial, nomeada em 24 de Maio do anno anterior—por iniciativa da camara—para dar parecer com «urgencia sobre as medidas, que julgasse conveniente adoptar-se ácerca do elemento servil no imperio.»

Então vinha o impulso dos immediatos representantes do povo ; hoje elles apoiam o 21 de Janeiro— *escravocrata da gema* ; deixam doze mezes em tranquilla hybernação a proposta, aliás bem meditada, e cuidadosamente redigida, (posto que em parte exorbitante da sua competencia) apresentada pelo 24 de Maio, em 2 de Agosto do anno passado, e, quando menos esperam, eis que surge de repente o 6 de Junho, armado de um pacto secreto e abolicionista da vespera, com o apregoado projecto, que deve apparecer amanhã (3).

Não foi, portanto, na camara que inspirou-se o governo de Vossa Magestade ; mas, desde que não foi ali, onde devo procurar a fonte da sua inspiração ?

No povo, dir-me-hão seus defensores *naturaes*, porém, por esse fico eu, como por todo o ministerio, exceptuado o Sr. Dantas, e especialmente pelo ministro do imperio, em má hora escapo da *victoria* de 3 de Junho, e submettido como Penelope, ao improbo trabalho de desmanchar hoje tudo quanto fez hontem.

Com effeito, quem poderá crer que este pobre povo— que paga todo o imposto, sem perguntar quem o lançou ; que viu indifferente, ainda ha pouco, privarem-no do unico simulacro de interferencia, que davam-lhe nossas leis nos

(3) Para patriotada achava melhor o 2 de Julho e para o balão de experiencia o 24 de Agosto. A escolha do anniversario da tomada da Bastilha faz reccar que o centenario de 89 seja festejado antes do de 92.

negocios publicos ; que supportou submisso a guarda nacional, com a prisão arbitraria por qualquer bagatela ; até oito dias, sem fôrma de processo, nem figura de juizo ; que soffreu resignado o recrutamento a casco de cavallo e a dente de cachorro, sem outro protesto além da fuga—recurso commum do pobre perseguido e do escravo aperreado—quem poderá crer, repito, que elle esteja hoje impaciente e agitado pela libertação dos escravos, cuja sorte é muitas vezes melhor que a do proletario livre, e quasi nunca inferior á dos operarios da Europa, segundo a confissão insuspeita do Sr. Ottoni, o mais autorizado e o menos intolerante dos abolicionistas do parlamento ?

Despotizem-no, se tanto é preciso para multiplicar vossos elogios em bocas estrangeiras ; mas, pelo amor de Deus, não aggravem a tyrania com uma calunnia inverosimil, senão sarcasmo revoltante, e tanto mais cruel, quando a victima escarnecida não pôde defender-se, nem pagar a quem defenda-a.

Seja como for, é preciso procurar essa opinião impulsora dos projectos do governo nas conferencias do Polytheama, ou no banquete de Pariz, ou nas columnas dessa *Gazeta* ainda ha pouco tão descomedida e virulenta sobre a sagrada pessoa de Vossa Magestade.

E' duro dizel-o, não ha duvida ; mas onde procural-a, se não está no nosso povo, nem nos seus representantes ?

Resta apenas a pessoa irresponsavel, que, por deferencia á Constituição e por algumas attenções particulares, que vos devo, não desejo descobrir ; pois infelizmente adhiro ainda á essa fôrma de governo, cujas fileiras vam rareando de dia para dia, a tal ponto que os republicanos já parecem-me muito mais numerosos do que os abolicionistas.

Digo—infelizmente—porque meu entusiasmo de monarchista esfriou muito, desde que estou ameaçado de morrer, á qualquer hora, ao som de vivas á Vossa Magestade, e mais de uma vez, nos meus dias desassocegados e nas noites mal dormidas, tenho chegado a pedir a Deus que me não deixe fechar os olhos sem que primeiro vos veja com toda a augusta familia na mesma tranquillidade, em que vivo com a minha.

Confesso-o, e não é preciso mais para provar a minha contricção.

Depois escrevo nesta lingua villã, que os vossos collegas laureados não conhecem além-mar, e, dado que algum lesse-me, havia de ser-lhe grato saber que Vossa Magestade excitava desgostos profundos aos seus subditos por seu liberalismo despotico, ou, para melhor dizer, não temperado.

Findo, porém, o perigo, e apagada a impressão, que produz em meu espirito, volvo á minha bonhomia habitual; esqueço-me do passado; arrependo-me de quanto disse, e apezar de tudo, torno a pedir a Deus que vos conserve em paz; porque Vossa Magestade, formado para ser um excellente rei da idade-média, comquanto seja um máo imperador constitucional, não deixa de ser um bom homem; tão bom que ha de ler-me até o fim, sem por isso querer mal a

UM SUBDITO FIEL.

13 de Julho de 1884.

DUODECIMA CARTA.

Senhor,

Desta vez vou occupar-me da necessidade de uma Constituinte.

Tudo quanto existe é regido por leis e leis sam « *as relações necessarias, que derivam da natureza das cousas.*»

O estudo da natureza do homem revela em cada um de nós duas ordens diversas de phenomenos: a dos que se verificam, sempre os mesmos, em todos os individuos e a dos que distinguem cada homem de todos os seus semelhantes.

A primeira prova a unidade da especie, a segunda a individualidade de cada um dos seus membros.

A essas duas ordens de phenomenos correspondem duas tendencias parallelas, que sam como a attracção e a repulsão do mundo moral, a *sympathia*, que leva a congregarem-se os seres semelhantes, e o instincto autonomico, que impede a identificação dos individuos: n'outros termos, a moral e o direito: oriundos aquella do amor mutuo, este do respeito reciproco dos membros da communhão da humanidade.

Estas duas leis simultaneas têm uma linha divisoria,

que não permite confundil-as : o amor é espontaneo, ou não existe, e quaesquer medidas coercitivas, usadas para inspiral-o, seriam contraproducentes, em vez de efficazes ; ao passo que o respeito é ou não é espontaneo ; mas póde ser sempre imposto pela força, quando negado ao direito.

Tal é a missão do Estado: garantir a plenitude do desenvolvimento do homem, no tempo e no espaço, mediante o respeito mutuo dos cidadãos ; para que o exercicio da actividade de um não invada a esphera da actividade dos outros, e *vice-versa*.

E' por isso que Kant declarava negativa a formula primaria do direito, e positiva a da moral.

O direito impõe-se pela ordem, ou pela coacção ; a moral aconselha-se pela palavra e ensina-se pelo exemplo.

Illustrar sómente não é educar ; porque o homem determina-se mais pelos seus sentimentos do que pelas suas idéas : um grande sabio póde ser um scelerado da peor especie, e o maior tolo do mundo um homem de bem, na extensão da palavra.

A moral, portanto, procede pela persuasão, incumbe á consciencia, onde o poder social não penetra, e refere-se principalmente a Deus, que, omnisciente, não carece de espiões para informarem-no das cousas da terra, e, omnipotente, não precisa de procuradores para, em nome d'elle, governarem o mundo.

Não é pois materia propria do legislador humano o amor, a moral e a religião, pelo que a Constituinte de 1885 deve trazer poderes para introduzir na Constituição brasileira uma disposição, como o do art. 1º da emenda da Constituição dos Estados-Unidos, a qual nega ao parlamento o direito de legislar sobre religião.

Ella devia ainda ter poderes para imitar a Constituição norte-americana n'outros tres pontos: o direito de andar armado; o direito de reunião e a organização de um senado igual para todas as provincias, eleito pelas assembléas provinciaes (1), embora vitalicio, como é.

— Sobre o direito de andar armado já disse o preciso e tenho em casa a prova; porque não sei pegar em armas de fogo e estou, portanto, incapaz de defender com ellas esse throno singular da America, onde Vossa Magestade impera só e unico, como Deus no universo.

— O direito de reunião está mal collocado no codigo criminal e os nossos irmãos de Portugal ainda este anno trataram de incluil-o no seu art. 145, que corresponde ao nosso 179.

— A escolha do senador pela corôa explicava-se bem no tempo, em que esta era uma entidade igual, ou superior á nação; mas hoje que esta é a substancia, de que ella é mera fórmula, ou simples órgão, não tem mais razão de ser; porque o eleitorado é o poder constituinte da sociedade politica e representante immediato do povo, que póde viver sem rei; ao passo que o rei não póde viver sem povo.

— A eleição dos senadores pelas assembléas provinciaes tem provado muito bem na America do Norte e não ha razão para que prove mal na do Sul.

— A representação igual no senado, para todas as provincias, evitaria esta sociedade impossivelde de gigantes e pygmeus, na qual uns poucos valem tudo e o resto não vale nada, como succede ás nossas provincias pequenas; socie-

(1) E' escusado tratar da dualidade das assembléas provinciaes; porque é materia já prevenida pelo art. 3.º de Acto Adicional.

dade que só por um milagre inaudito de centralização e de inercia tem podido subsistir até hoje (2).

E' preciso, pois, que os deputados da legislatura vindoura tragam poderes para alterar o art. 5º combinado com os §§ 2 e 14 do art. 102 e os arts. 41 a 43; assim como para accrescentar dous novos paragraphos ao art. 179, e não basta isto.

— E' preciso tambem alterar o art. 29, para que o deputado e o senador não possam exercer outros cargos, e muito menos os de ministro e conselheiro de Estado; não só porque não ha realmente poderes distinctos, exercidos pela mesma pessoa; como porque qualquer dos referidos cargos é bastante pesado para absorver a actividade de um homem, e, além disso, não póde haver fiscalização efficaz e insuspeita, quando o fiscal tem interesse em achar más as contas do fiscalizado, para succeder a este em uma posição appetecida.

E' esta a causa principal, que frustra a responsabilidade ministerial, tão necessaria ao jogo do systema representativo; porque *a priori* desmoraliza a accusação, inquinando-a da suspeita de interesse pessoal.

— Ainda mais urge, pôr de accôrdo os §§ 10 e 11 do art. 15 com os arts. 146 e 171, para que não possa o governo viver sem lei de meios, nem o parlamento augmentar as verbas da sua proposta; assim como proscreever todas as autorizações legislativas, salvas as dos §§ 12 e 13 do mesmo artigo; porque nada ha mais frequente nem

(2) Para equiparar a representação das provincias no senado, bastaria crear mais dous lugares e designar tres para cada provincia. As que hoje têm maior numero ficariam com os tres mais antigos, e os excedentes entrariam n'um sorteio, que deveria distribuil-os pelas provincias, que actualmente dam menos de tres senadores.

menos decoroso e mais inconstitucional do que as subdelegações reiteradas e multiformes do nosso parlamento ao poder executivo, ainda depois da restricção salutar do art. 19 da lei de 25 de Agosto de 1873; porque em todo o caso deveriam ser consideradas medidas de confiança, e, portanto, extinctas com a legislatura, que as dêsse, ou com o ministerio, que recebesse-as.

Na mesma occasião deveria ser fixada a intelligencia, aliás obvia do § 2º do art. 179 (3), para, exceptuado o caso do § 11 do art. 102, não ser votada nem uma lei individual: cousa absurda e escandalosa, que tem convertido nossa legislação em uma quasi collecção de rescriptos, e de que tanto se tem abusado em favor de todo o mundo, que tem padrinho, inclusive, com o devido respeito, alguns membros de vossa augusta familia.

— Cumpre tambem declarar obrigatoria a fusão do artigo 61, e fazer effectivamente suspensivo o veto do art. 65, dispensando da sancção imperial os projectos que, depois de rejeitados pelo poder moderador, passarem por dous terços em cada uma das casas do parlamento.

— Além disso, é mister restabelecer o pensamento do legislador, proscrevendo as expressões — *poder irresponsavel*—, que o uso tem consagrado, cedendo á realidade, apezar da Constituição, que consagrou a maxima contraria, tantas vezes repetida nos arts. 133, 143, 154, 164 e a final formulada como these geral, no § 29 do art. 179.

O proprio poder legislativo é responsavel perante a nação, porque não poderia responder perante os outros, que

(3) Vosso augusto pai, depois de dous annos de experiencia, teve a cautela de supprimir a disposição deste paragrapho do art. 145 da carta constitucional portugueza, correspondente ao nosso 179.

o art. 10 collocou debaixo d'elle. Mas esse mesmo está sujeito á inspecção de Vossa Magestade e ao correctivo temporario do veto, assim como á dissolução da camara dos deputados e ao adiamento e prorogação da assembléa geral.

A vossa propria irresponsabilidade *pessoal* somente poderá fazer-se effectiva, mediante o restabelecimento do conselho de Estado da Constituição ; mas eleito pela camara dos deputados e com voto preponderante e decisivo no exercicio do poder moderador, salvo o caso do § 6º do art. 101, que tem seu correctivo natural no parlamento.

— Ainda mais : é preciso modificar o § 8º do citado artigo, nos termos do § tambem 8º do art. 142 do projecto da Constituinte, com uma restricção relativa ao perdão dos ministros condemnados pelo senado, em virtude de accusação decretada pela camara dos deputados.

E nem por isso receie Vossa Magestade ficar reduzido ao papel passivo e inerte do *Grande Eleitor* de Sicyés ; não ; quando muito realizará no Brazil o idéal da Constituição ingleza, segundo a qual os reis deveriam comportar-se *como se todos fossem rainhas*, conforme uma feliz expressão de Mr. d'Ayen, na sua critica á obra de Lord Brougham — *The British Constitution etc.*

Isso teria, pelo menos, a vantagem de facilitar vossa missão melindrosa, lançando sobre o vosso povo toda a responsabilidade do bom ou máu governo do paiz ; o que seria melhor do que o *siatu quo*, em que todo o bem é attribuido ao calor e á humidade, senão ao acaso ou á divina providencia; ao passo que todo o mal é lançado á vossa conta, apezar do art. 99.

Para um rei constitucional ficar sempre coberto, perante a opinião, é-lhe forçoso dar ao ministerio o primeiro plano

da scena politica, e contentar-se com o segundo, como ainda o anno passado vos contentastes, em uma festa de familia, conforme uma longa noticia, que li, a respeito, se me não falha a memoria, no *Jornal do Commercio* de 6 de Maio do mesmo anno.

— A independencia do poder judiciario reclama ainda o accesso dos seus membros pela antiguidade absoluta, com uma incompatibilidade tambem absoluta, assim como a desclassificação do § 3.º do art. 102 para o art. 101, conforme pretendia Benjamin Constant no § 5º do Cap. I da sua obra—*Esquisse de Constitution*, que serviu de modelo á nossa, cujos redactores afastaram-se do seu guia neste ponto importante, não sei porque motivo (4).

— A primazia do parlamento exige ainda, como consequencia dos §§ 9 a 13 do art. 15, que fiquem dependentes da approvação do poder legislativo o exercicio das attribuições conferidas ao executivo pelos §§ 7, 8 e 9 do art. 102, sobretudo da segunda, de que tanto se tem usado e abusado em nossos dias.

— Além disso a ultima reforma eleitoral carece, para legitimar-se, da confirmação de uma Constituinte, attenta a constitucionalidade da sua materia, que resulta, já da intelligencia litteral do art. 178 (traduzido do principio do cap. 9º da obra citada), já da definação de direitos politicos, dada por Benjamin Constant, nas tres primeiras linhas do cap. 7º da mesma obra, cuja interpretação póde e deve ser considerada authentica nesta materia.

— Finalmente, é preciso interpretar o art. 177 e de-

(4) Não lembro a suppressão do contencioso administrativo; porque, salva a disposição do art. 170, pode ser decretada pela legislatura ordinaria.

terminar o sentido das palavras—*governo*— do art. 120 e—*remover*—do art. 165 ; assim como conciliar os §§ 15 e 23 do art. 179, e ampliar a excepção unica do § 22 do mesmo artigo, em relação ao elemento servil, para fixar-se o prazo e determinar-se o modo da sua extincção, que não pôde ser protrahida indefinidamente, nem ficar á mercê dos agitadores internos, ou das suggestões officiosas, sempre incompetentes e pela mór parte ineptas, dos sabios estrangeiros, que querem legislar para esta terra, como Rousseau para a Polonia, ou Locke para a Carolina.

A faculdade geral de interpretar, conferida pelo § 8.º do art. 15 ao poder legislativo ordinario, só pôde referir-se ás leis tambem ordinarias, conforme o principio «*ejus est interpretari, cujus est condere legem*», e prova-o o art. 25 do Acto Adicional, que, abrindo uma excepção para aquelle caso, firmou a regra contraria : *quis de uno dicit, de altero negat*.

Nunca houve, pois, em nossa vida politica occasião mais opportuna, nem motivos mais poderosos para ser convocada uma Constituinte, do que actualmente.

Eu não creio que instituições seculares possam ser reformadas e transformadas de improviso a golpes de decretos ; pelo contrario, attribúo a esse preconceito os resultados negativos das grandes aspirações da revolução de 1789, e receio muito que a escravidão, supprimida por esse processo de sobre a nossa raça africana, resurja no dia seguinte por sobre a branca e a mestiça, que constituem a maioria do paiz.

A meu ver, estaríamos muito mais adiantados, se o nosso governo, em vez de fazer baixar do throno essa agitação, que desde 1867 tenta conflagnar este povo man-

sueto, houvesse mandado distribuir por todas as escolas primarias, como livro de leitura obrigatoria, a *Cabana do Pai Thomaz*, e outras obras semelhantes.

Entretanto, ahi tem Vossa Magestade, em traços geraes, um plano pacifico e vasto, que altera, sem desorganizar, o mecanismo dos poderes constituídos, facilitando a unica reforma, que vos merece attenção e benevolencia.

Restringi-me ao strictamente necessario e não posso desenvolvê-lo nesta carta; porque venho de longe, tenho pressa de acabar e receio mais parecer massante do que ser incompleto; principalmente quando, simples amator, dirijo-me a um official propecto, sobre materia do seu officio.

Excedi-me talvez um pouco do plano primitivo; mas que quer Vossa Magestade?

Pretendi parecer sabio, guindando-me sobre os hombros do meu delegado-cicerone, e suspeito que elle abusou da cegueira da minha confiança illimitada, soprando-me algumas tolices, que por ahi andam a correr mundo sob a minha responsabilidade anonyma.

Por baixo da pelle do sabio mais grave ha muitas vezes uma veia de loucura, e no mais intimo delle existem quasi sempre alguns resquícios visiveis do estudante garoto.

Pelos vossos, d'aquem e d'além-mar, julge Vossa Magestade do meu, *si magna parvis componere licet*.

D'ahi a consequencia: pretendi ser-vos util, e desconfio que pareci importuno, se não tornei-me odioso.

Caprichos da minha sorte, ou defeitos da vossa educação? Não sei.

Meu desejo era contribuir para fazer este paiz grande e este povo forte; Vossa Magestade não tem outro interesse; porque não ha rei Brobdinghag em terra de Lilliputs.

Mas o caminho, que escolhi foi o da linha recta, e eu proprio ja confessei que, em politica, as curvas provam melhor.

Vossa Magestade affez-se a tratar com homens, que não ousam encarar-vos, nem sequer quando vos recebem em sua casa, como delegados exclusivos (5) do primeiro poder constituido, para ouvirem a fala do throno, durante cuja leitura Vossa Magestade costuma parar tres, quatro, muitas vezes, para encarar de frente os legisladores do paiz, e sempre debalde; porque só encontra subditos apparentemente humildes e ouvintes cabisbaixos, que nem mesmo se sentariam sem licença de Vossa Magestade.

Eu assisti uma vez á essa scena para nunca mais voltar á ella... salvo o caso de ser obrigado a isso (6).

A realeza facinou-os, ou a omnipotencia abateu-os?

Vossa Magestade não é anjo, nem fera, nem creio que seja feiticeiro; por que, pois, deixaram-se fascinar?

A vossa omnipotencia mesma não parece obra da usurpação, afigura-se-me antes como effeito do abandono.

Para usurpâr, era preciso luta; mas quem já resistiu depois de 1848? A geração mascula de 1831 parece que não deixou descendentes, ou deixou muito poucos.

Depois, resistir por que? Pela Patria?

Mas onde está ella?

Uma grande parte dos seus filhos não pode trazel-a

(5) Vossa Magestade não faz parte integrante do poder legislativo.

A sancção é acto fiscal, ou complementar, muitas vezes escusado e sempre dispensavel, nos termos do art. 65. A redacção do nosso art. 13, comparada com a do art. 41 do projecto da Constituinte, confirma esta intelligencia.

(6) Isto não impede que o nosso parlamento conte membros muito dignos; porém a mór parte destes não vai lá nesses dias, e os que vam cedem, sem o sentirem, á força das tradições e á influencia do meio.

nem na cabeça nem no coração ; porque a excessiva actividade do estomago atrophiou uma e outro.

Muitos parece que nem mesmo pelo estomago podem mover-se mais; porque a atonia geral dominou-os de todos os modos e por todos os lados.

O que resta, pois, é Vossa Magestade e sómente Vossa Magestade, a pairar sobre este povo, como o espirito de Deus sobre as aguas da creação.

Se no mundo moral as reacções fossem tão infalliveis quanto no physico, seria muito de receiar que a reacção do paiz não se fizesse esperar, nem fosse inferior á intensidade da vossa acção actualmente ; mas o habito é uma segunda natureza e a natureza, segundo um proverbio escossez, puxa mais do que cem bois.

Por que, pois, hesitar Vossa Magestade, se tem compromissos com os sabios da Europa, para suffocar a escravidão dos pretos sob o guante do vosso poder pessoal e apezar da resistencia dos brancos ?

Nós outros, os dyscolos da propaganda, podemos suspeitar que do contubernio do despotismo com a escravidão não possa nascer a liberdade, mas o senso commum só tem de commum o nome.

A philantropia idealista, sempre ávida de obsequiar-vos; a especulação politica, sempre activa, e a inveja proletaria, sempre em via de fermentar, não deixarão de bater palmas' e, com certeza, farão muito mais barulho do que o resto da população aterrada, ou indifferente.

O Brazil é o Rio de Janeiro, o Rio de Janeiro é a côrte e a côrte é Vossa Magestade, portanto, Senhor,

I quo te pedes rapiunt et auræ.

Se a actual camara respingar, seja dissolvida e venha'

outra, que se converterá ao Sr. Dantas, como elle converteu-se á Vossa Magestade (7).

Feita por elle, não haja duvida, a nova ha de vir obra prima.

A lavoura ? Essa o Sr. Nabuco ja o disse, não organizará resistencia, nem contra um batalhão de linha (em batalha campal provavelmente) e vós tendes muitos, que andam agora mesmo n'uma actividade soffrega de quem está sequioso por entrar em campanha, ou esperando por isso.

Eu receio muito que a historia do abolicionismo venha a ter paginas ainda mais negras do que a do trafico, porém esse receio não passa provavelmente de illusões sebastianistas.

Que venha, pois, e quanto antes, o decreto executivo (8) da abolição immediata e sem indemnização, concebido em um artigo unico e redigido nestes termos: «Não haja mais nem um *escravo* no solo brasileiro ».

Louvado seja Deus ! Ahi tendes todos quantos possúo, cada qual com a sua arma, e mil graças vos sejam dadas por tantas, que nos fazeis.

Entretanto, ainda uma graça, Senhor, e provavelmente a ultima, que vos supplicarei nesta ultima carta...

Substituamos a palavra *escravo* pela palavra—*senhor*—e abracemo-nos todos os brasileiros, como outros tantos irmãos.

(7) Este sarcasmo, que eu figurava como simples hypothese, é hoje uma triste realidade. Resta ver a resposta do paiz.

(8) O presidente do conselho ainda no dia 11 do corrente, em aparte ao deputado opposição Andrade Figueira, declarou que pretende «resolver esta questão de qualquer modo » Se isso não foi uma baforada do seu orgulho é uma revelação, que envolve uma ameaça muito grave á Constituição e ao paiz. E' preciso fazel-o explicar-se na primeira occasião.

Emquanto houver senhor entre nós, haverá escravos ; pretos ou brancos, pouco importa, mas escravos em todo o caso : sam duas idéas co-relatas e inseparaveis, como as de furto e propriedade.

O meio liberalismo é a quinta-essencia da hypocrisia, e Vossa Magestade é naturalmente o filho mais sincero, mais leal e mais generoso desta patria estremecida, que só tem vivido por vós e para vós.

Eia pois, defensor perpetuo do Brazil, a meia gloria só póde satisfazer ás almas vulgares, e Vossa Magestade deve ser o maior em tudo.

Não é uma revolução, que eu proclamo ; é uma evolução que eu supplico-vos obediente, submisso, de joelhos, como um ministro inglez ; porque, Senhor, quando não houver mais nem um senhor no Brazil, terá tambem cessado a razão de ser desta humilhante posição de

UM SUBDITO FIEL.

18 de Julho de 1834.

POST-SCRIPTUM.

Ao Paiz.

Os acontecimentos politicos, sobrevindos entre a 4.^a e a 5.^a cartas vieram provar-me a inutilidade dellas, e, por conseguinte, a necessidade de dirigir-me ao paiz, em vez de estar gastando o meu tempo a escrever á Sua Magestade o Imperador, que não lê, ou não importa-lhe o que lê em portuguez.

A corôa, longe de retrahir-se ás regiões superiores, em que a Constituição quiz collocar-a, desceu á praça publica e despiu-se diante de nós, não, como a prostituta grega, para mover seus juizes com o espetaculo novo da belleza correcta da sua nudez indecente; mas, como a litterata franceza, para mostrar-nos, do alto da soberania do seu desprezo, que, nem se quer, nos considera homens.

E' essa, pelo menos, a versão do Sr. Ferreira Vianna, no seu discurso de 31 de Julho ultimo, discurso que, queira ou não queira Sua Magestade, hade ir muito mais longe e durar muito mais tempo do que todos os elogios officiosos das pennas mercenarias dos sabios, ou charlatães do velho mundo.

Aquelle discurso, que vale para o autor uma apotheose e para o paiz uma canção de Tyrteu, ou uma Marselheza

em prosa, deve ser sufficiente para determinar a renovação do mandato do 12º districto da provincia do Rio de Janeiro ao orador, apezar da sua despedida da scena politica, d'onde (covarde ou incredulo?) quer desertar... talvez por suppor, como Sua Magestade, que os seus eleitores tambem não sam homens!

Desmintam-no elles, reelegendo-o, e seja essa a sua primeira (1) resposta á provocação, que a corôa acaba de dirigir-lhes, sob a forma de um golpe de Estado, inconstitucional e desnecessario, como se, na embriaguez da sua omnipotencia, quizesse ostentar-se em toda a sua plenitude.

A ultima eleição senatorial veio provar que o partido formado pela alliança de *quem tudo pode* com os *que nada tem a perder* não conta, na Côrte e em toda a provincia do Rio de Janeiro, nem 600 votos, apezar de ter apresentado, como seu unico e genuino candidato, um velho general do exercito, camarista de Sua Magestade, muito bem quisto, ex-presidente da mesma provincia e presidente da imperial sociedade de immigração, a cujas relações, portanto, bem se pode attribuir nunca menos da metade da votação, que obteve.

Entretanto, foi a esse partido hybridado, cujo numero limitado de adeptos é supprido por uma gritaria insupportavel e altamente applaudida, que o nosso modelo de rei constitucional representativo confiou os destinos do Brazil, mandando organizar o 6 de Junho por um homem, que perde os sentidos, quando sente cheiro de incenso, e mediante

(1) Primeira; porque foi o unico districto da provincia do Rio de Janeiro, em que o candidato do governo teve maioria, na ultima eleição senatorial! E' uma singularidade triste, que pede uma rehabilitação prompta.

um pacto sinistro, que não foi só um abuso do poder; mas uma provocação ao paiz, praticada a sangue frio, e com todas as circumstancias aggravantes de um escandalo tão solemne, como inutil.

Mas a mesma eleição veio provar tambem que os dous cães de fila de Sua Magestade, o partido conservador e o partido liberal (odeiem-me, se quizerem; mas desmintam-me por factos, se sam capazes) continúam no seu anachronico e degradante officio de espostejarem-se um ao outro, a troco das miseraveis razões, que um governo, quasi fallido, dá-lhes em forma de premio, graduadas na proporção da crueldade das mordeduras reciprocas.

Eis a nossa desgraça e a nossa vergonha.

A nossa desgraça; porque o segredo e a força dos máos governos está sempre na cegueira e na desunião das suas victimas. O numero dos governantes é sempre muito menor e por consequencia mais fraco do que o dos governados; se, pois, uma metade destes não se prestasse a servir de instrumento, nas mãos d'aquelles, para opprimir a outra metade, não havia despotismo possivel; porque não ha despotas sem algozes.

E' por isso que diz-se, e com razão, que todo o povo tem o governo, de que é digno.

A nossa vergonha; porque nem ao menos a monarchia tem-nos feito abastados no interior e respeitados no exterior. E, se não, vejamos o que devemos aos nossos dous reis, no longo periodo de sessenta e dous annos.

O primeiro, querendo governar o novo imperio com os seus conterraneos da antiga metropole, tornou-se impossivel. Foi impolitico, como fundador da sua dynastia, ingrato como brasileiro adoptivo; mas patriota como portuguez.

O segundo, querendo governar sua pátria por conta e risco de terceiros, e tendo o criterio do seu governo no juizo de estrangeiros, que nos não conhecem, é a um só tempo ingrato para com quem velou-lhe a orfandade da infancia, impolitico para com os que sustentam-lhe a corôa isolada na vastidão do novo mundo, e incapaz do verdadeiro patriotismo; porque a sua principal aspiração de homem é ser doutor *in omni re scibili* e a sua maior ambição de rei limita-se apenas á essa vangloria vulgar, que alimenta-se de lisonjas e satisfaz-se com *patriotadas*.

Sem falar da lista civil, que, aliás, não é das maiores, mas excede sempre muito aos vencimentos possiveis de um chefe electivo-temporario, e já tem-nos custado algumas dezenas de milhar de contos; sem falar dos imperiaes caprichos, muitos redondamente ineptos, e todos mais ou menos dispendiosos, quanta cousa não achará o nosso futuro Pelletan, quando narrar a decadencia dessa unica monarchia americana, para fazer o balanço dos nossos dous reinados. ?!

Não achará, de certo, um *Parc aux cerfs*, custando centenas de milhões ao Estado, nem mesmo um chapéo, como o do Cardeal Dubois, comprado por oito milhões de francos, sem contar o cambio miseravel dos tempos de Law; mas achará um *influencia permanente*, proporcionando aos amigos *luvas* de centenas de conto, de uma vez; — achará válidos sem fé politica, fazendo e desfazendo situações, como Warwich fazia e desfazia reis, — achará um recommendado estrangeiro levando-nos dezenas de milhar de conto e deixando-nos reservatorios rachados para absterem esta cidade de pennas d'agua e de vento, — achará uma travessura de criança custando a independencia e valendo o usufructo de toda uma provincia, transmittido de geração em geração

aos membros de uma mesma familia, como as benções de Jehovah aos patriarchas da lei velha;—achará a laboriosa, longa e triste historia dos nossos multiplicados emprestimos externos;—achará a colonisação official de estrangeiros, consumindo-nos cerca de sessenta mil contos e uns tantos outros melhoramentos materiaes, entisicando o Thesouro e enchendo as algibeiras dos advogados administrativos e dos mascâtes de decretos, —achará o Brazil, no meio dos seus vizinhos, como a gralha entre os pavões, a provincia cisplatina desmembrada do territorio nacional, uma parte do norte invadida pela França, outra parte do sul em via de ser usurpada pela Republica Argentina, e, para não cansar mais ao leitor, quinhentos mil contos despendidos e cem mil vidas sacrificadas, em pura perda, na malfadada guerra do Paraguay (2), que não teriamos tido, se não fossemos *Imperio*.

Sem tantos e tamanhos desperdicios como seria facil a solução da questão servil, que tambem não teriamos mais, se não fossemos *Imperio* ?!

Ora, diante desta resenha summaria e incompleta, o que póde justificar a continução da monarchia no Brazil ?

A Constituição, cujos principios mais liberaes a corôa tem revogado pelas praticas do seu governo, e a integridade nacional, que pouco poderá durar, se a legislatura vindoura não constituir uma regencia.

Dado, porém, que a monarchia, como está, seja ainda a melhor garantia da integridade do Brazil, valerá este unico bem a multidão dos males, que ella nos tem feito ?

(2) Segundo o ultimo relatório do ministro da Fazenda a despeza com essa guerra ascendeu apenas a 459000:000, fracções á parte.

Os Estados Unidos, republicanos e muito maiores, continuam unidos, ha mais de um seculo, apezar da luta fratricida da guerra da secessão, a que nós monarchistas não teriamos resistido.

Depois, não é melhor ser cidadão da Suissa do que subdito da Russia ?...

E quem pode lucrar com a divisão do Brazil, senão quem vive a esburgar as ehagas deste povo para incitar uma metade delle contra a outra, e explorar ambas, reduzidas á impotencia servil pela discordia intestina ?

O abolicionismo official é um *derivativo* á eleição directa, como foi a guerra contra a Prussia, suscitada por Napoleão III para distrahir os francezes do espectaculo desolador das miserias do povo, e Deus queira que os resultados desse derivativo sejam menos desastrosos aqui do que foram lá.

Quem, afóra a familia imperial e os seus intimos, pode ter interesse em manter o *statu quo* da nossa politica ?

Os abolicionistas de idéas e de coração ? Não : estes sabem que o estabelecimento da republica importaria a abolição de todos os senhores e, por consequencia, a liberdade de todos os escravos.

Os do estomago ? Esses não cuidam de outra cousa, nem tem outra missão, senão fazerem a anarchia para darem razão ao despotismo: é por isso que os dous extremos estão tocando-se e parecem alliados contra o resto do paiz.

As classes conservadoras da sociedade ? Essas, actualmente, recêam-se mais do poder publico do que dos escravos e dos demagogos e, quando não considerassem um progresso a mudança da forma do nosso governo, recebela-hiam como uma consolação no estado de sobresalto, em que

vivem por obra e graça da ideologia nihilista, ou monomania incendiaria de quem recebe de nós todos os annos oitocentos contos « para que vele incessantemente sobre a manutenção da independencia, equilibrio e harmonia dos poderes politicos. »

O momento historico é, pois, o mais propicio possivel ao advento da republica; aproveitemol-o, enquanto é tempo.

O trafico trouxe-nos a civilização da costa d'Africa, e quem nos diz que a escravidão civil dos africanos não ha de trazer-nos tambem a nossa liberdade politica?

Deus escreveu o direito por linhas tortas.

O scepticismo, que enerva a nossa virilidade, hoje posta em duvida pela corôa, procede da posição ajoelhada em que, ha muito, nos temos conservado diante della.

Ergamo-nos que ficaremos maiores, e ella parecerá menor.

E' um governo de formas e apparencias, a substancia e a realidade somos nós; não deixemos, pois, que o accessorio supprima o principal, ou anteponha-se a elle.

A monarchia constitucional-representativa justificava-se no Brazil: 1º porque existia na lei; 2º porque assegurava sem commoções a transmissão da magistratura suprema; 3º porque admittia appellação do rei para o paiz; mas, desde que o poder pessoal fez dessa appellação um escarneo, rompeu com a legalidade, que devia ser a sua bandeira; pôz-se fóra da Constituição, que era o seu unico titulo, e a segurança da sua transmissão deixou de ser um bem, que devia ser conservado, para ser um mal, que cumpre evitar a todo o transe.

A realçea, como está, é um governo, que deprime o

caracter dos homens politicos, reduzindo os planetas do systema a meros satellites do chefe do poder executivo, e impondo-lhes, como ideal de vida, a copia das acções e a execução dos pensamentos do rei.

A humanidade não progride pelas copias ; ella só póde caminhar para diante sob o impulso vigoroso dos typos originaes ; do contrario o ideal do bom governo deveria ser o da China, ou o das religiões positivas.

Não o digo por despeito contra o chefe do Estado, do qual, ouço dizer e quero crer, é um bom homem, como particular. Não movem-me indisposições pessoaes contra o 6 de Junho, a alguns de cujos membros era até muito affeçoado, antes do seu recente pacto com a corôa ; mas a causa publica impõe deveres crueis, a que não podemos fugir sem desertarmos da patria em perigo: *amicus Plato, sed magis amica veritas.*

Não sou tambem republicano ; longe disso, ha cerca de vinte annos luto em vão contra o validismo imperial, sem descrer das theorias philosophicas da monarchia representativa, a que prestei culto sincero desd'a minha juventude ; mas a logica cede aos factos e a philosophia só triunfa dos males passados e dos males futuros : os males presentes triumpham della.

A experiencia adquirida pelo estudo das praticas do nosso governo e multiplicada por cerca de vinte annos de lutas tão nobres, quanto estereis, tem sido o meu caminho de Damasco ; cedo portanto á evidencia, e quem não cederia no meu caso ?

Em these, posso ainda preferir a monarchia constitucional-representativa á republica ; mas, na hypothese, prefiro

o Brazil á Constituição, como prefiro a Constituição ao Imperador.

Nisto não ha motivo de admiração, nem de censura.

Quem tomou a vanguarda da propaganda christã, depois da tragedia do Calvario, não foram os onze apóstolos primitivos, foi S. Paulo, judeu e perseguidor dos christãos.

Quem libertou a Hungria, quem unificou a Italia, quem fundou a republica dos Estados Unidos, e quem consolidou a da França não foram os republicanos Kossuth, Mazzini, Lafayette e Gambetta ; foram Deak, Cavour, Washington e Thiers, conservadores.

Conservar o orgão da anarchia, á frente do governo, não é ser conservador, é ser anarchista, como elle e, por consequencia, seu complice.

Pensem bem nisso os conservadores do Brazil e não tornem-se impossiveis com os liberaes, de cujo auxilio estão carecendo para conjurarem juntos as desgraças da patria ; aliás quem lucrará com as nossas lutas será o inimigo commum, que fomenta as nossas discordias, rindo-se de nós, porque ellas sam a origem da nossa fraqueza e o segredo da sua força.

Quem está ameaçando-nos de um cataclysmo politico-economico social não sam os argentinos, pelo sul, nem os francezes, pelo norte, nem o *cholera-morbus*, pela frente, nem a escravidão, pela retaguarda, nem o abolicionismo desenfreado nos pontos mais accessiveis á influencia official, é o proprio chefe do Estado, é o Sr. D. Pedro Segundo.

O Sr. Dantas entra nisso, como Pilatos no *Credo* : seu crime é a fraqueza do character e o amor da vangloria, attenuados até certo ponto pelo apoio inconsciente, ou interesseiro, de um grupo do seu partido, eivado da mesma

fraqueza e decidido pela triste convicção de não poder dar um passo sem as muletas do governo; mas a porção solida e fixa desse partido; a que tem vida propria e póde existir, apezar dos ministerios, essa é ou hade ser um elemento de resistencia á imperial politica do 6 de Junho.

As proprias provincias, que já não tem escravos, não devem prestar-se a servir-de instrumento ao Sr. Dantas para habilital-o a fazer, de cima para baixo, uma reforma, que pode e deve ser feita de baixo para cima; da camara para o governo, e não dos ministros do rei para os representantes do povo.

Para isso basta-nos uma cousa: desmintamos o Sr. Ferreira Vianna.

E, se não somos capazes disto, então não falemos mais do poder pessoal, nem de escravos, nem de senzalas; porque o poder pessoal será o effeito inevitavel da nossa degradação voluntaria, os escravos mais aviltados deste paiz serão os eleitos do seu povo, e as senzalas mais despresives as duas casas do parlamento.

E' preciso acabarmos com essa parodia de governo livre, que tem reduzido todo o paiz a um zero diante da unidade-Rei.

Por Deus, por nossa patria, por nossos filhos sejamos homens, ao menos esta vez na vida, e dentro de quatro mezes poderemos apresentar ao imperador o dilemma de Gambetta a Mac-Mahon: « submetta-se, ou demitta-se ».

Mettamol-o dentro da Constituição, ou ponhamo-lo fóra do Brazil.

Nossa independencia nacional só será uma realidade dessa data por diante.

A Constituição tambem é um *pacto* e, se elle julgou-se

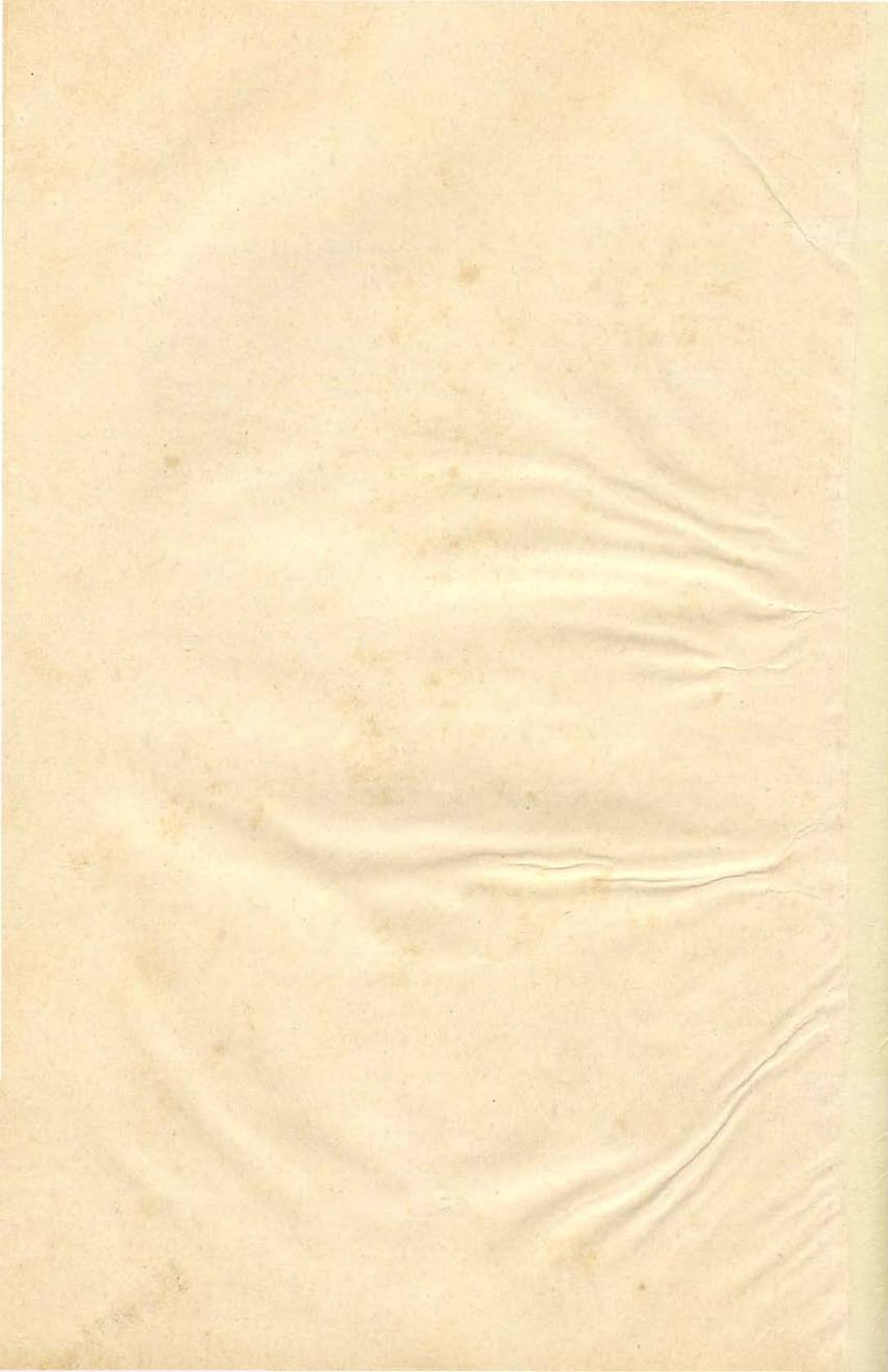
com direito de rompê-lo por sua parte, rompamol o também pela nossa.

O direito é o mesmo, ou não existe, e a justiça não é nenhum funil com o lado largo para S. Magestade e o estreito para nós.

E' nestes termos, e somente nelles, que um cidadão brasileiro, conservador da Constituição e amigo da liberdade, pode ainda assignar-se

UM SUBDITO FIEL.

7 de Setembro de 1884.



INDICE

	PAGS.
Prologo—Ao LEITOR	5
Primeira Carta	11
Segunda »	16
Terceira »	24
Quarta »	31
Quinta »	41
Sexta »	49
Setima »	59
Oitava »	71
Nona »	81
Decima »	95
Undecima »	110
Duodecima »	120
<i>Post-Scriptum.</i> Ao Paiz.....	133

N. B. Estam tomadas todas as cautelas para garantir-se a propriedade litteraria do Autor, e serão considerados contrafeitos os exemplares, que não levarem manuscripto o seguinte signal

N.º

INDEX

MJ/56

02/04-028

6/04

